

UMA FILHA
inesperada
para o CEO

ALINE PÁDUA



UMA FILHA
inesperada
para o CEO

ALINE PÁDUA

Copyright 2022 ©

1º edição – NOVEMBRO 2022

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS A ALINE PÁDUA

Edição: AAA Design

Revisão: Sônia Carvalho

SUMÁRIO

[NOTA I](#)

[PLAYLIST](#)

[DEDICÁTORIA](#)

[SINOPSE](#)

[PREFÁCIO](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[E EU ACORDO COM A SUA MEMÓRIA SOBRE MIM](#)

[NOTA II](#)

[REDES SOCIAIS](#)

[OUTROS LIVROS](#)

[UMA GRAVIDEZ INESPERADA](#)

[CEO INESPERADO – meu ex melhor amigo](#)

[O BEBÊ INESPERADO DO COWBOY](#)

[FELIZ NATAL, TORRES](#)

[UMA FAMÍLIA INESPERADA PARA O VIÚVO](#)

[GRÁVIDA DO CEO QUE NÃO ME AMA](#)

[O CASAMENTO DO CEO POR UM BEBÊ](#)

[A FILHA DO VIÚVO QUE ME ODEIA](#)

[GRÁVIDA EM UM CASAMENTO POR CONTRATO](#)

[UM CASAMENTO DE MENTIRA PARA O CEO](#)

[GRÁVIDA DO COWBOY QUE NÃO ME AMA](#)



Olá, minha gente!

Prontos para continuar a trajetória dos Esteves?

Oscar Esteves já deu as caras em outros dois livros meus, mas de forma bem sucinta. Ele apareceu em “Um casamento de contrato para o CEO” (a história de Talita Kang & Gael Fontes) e principalmente em “Grávida do cowboy que não me ama” (a história de Juan Esteves & Augusta Toledo). Recomendo a leitura de “Grávida do Cowboy que não me ama” para não se perder tanto sobre os personagens, porém, deixarei um esquema sobre eles logo abaixo, para caso decida começar por esse mesmo.

Espero que de coração, para você que escolheu essa história, passe um bom tempo ao lado dela.

Boa leitura!

Com amor,

Aline

ligações

entre personagens



LIVROS QUE VEM ANTES

- NÃO É NECESSÁRIA A LEITURA PRÉVIA DELES





Posicione a câmera do seu celular para ler o QR Code e conheça um pouquinho das músicas que inspiraram este livro. Caso não consiga ter acesso, clique [aqui](#)



A cada palavra escrita.

A cada palavra voltada.

Obrigada por serem minha companhia, e o meu solzinho várias e várias vezes.

Dedico esse livro a Liv e a Isa!



Júlia Medeiros sempre pensou que para **bom entendedor, meia palavra bastava**. Entretanto, ela não sabia o que entender, quando o homem para o qual se declarou, a abandonou na cama, na companhia de um chapéu. Ela só não tinha ideia do que ***mais*** acabou ficando para si.

Oscar Esteves sempre lutou por sua família, e seus irmãos eram seu mundo, contudo, os olhos bonitos da mulher que o encantou desde que a encarou pela primeira vez, sempre vagavam em suas memórias.

Anos depois e uma coincidência do destino, Oscar descobre que aquele amor não resultou em apenas lembranças que ele não conseguia tirar da mente, mas também, em uma filha.



PREFÁCIO

“Odeio o modo como fala comigo

E como corta o cabelo

Odeio como dirige o meu carro

E odeio o seu desleixo

Odeio suas enormes botas de combate

E como consegue ler minha mente

Eu odeio tanto isso em você

Que até me sinto doente

Odeio como está sempre certo

E odeio quando você mente

Odeio quando me faz rir muito

Ainda mais quando me faz chorar...

Odeio quando não está por perto

E o fato de não me ligar

Mas eu odeio principalmente

Não conseguir te odiar

Nem um pouco

Nem mesmo por um segundo

Nem mesmo só por te odiar”

10 COISAS QUE ODEIO EM VOCÊ



“E se você nunca tivesse me salvado do tédio

Eu poderia ter continuado do jeito que eu era

Mas, Senhor, você fez eu me sentir importante

E depois você tentou nos apagar”^[1]

JÚLIA

— Conhecer um cara em uma livraria e ele ser o amor da sua vida...

Suspirei fundo, pensando no tropo do livro que eu finalmente tinha acabado de ler. Depois de tantas visitas àquela livraria, e o dono praticamente entender e aceitar que eu não levaria nada, mas sempre estaria ali para ler, eu tinha conseguido um emprego naquele lugar. Era um ótimo emprego, por sinal.

Ajudar pessoas a encontrarem sua nova aventura, fosse ela romântica, trágica, melancólica, temível... Porém, eu precisava dizer que sempre adorava mais quando era alguém em busca de um romance para deixar o coração quentinho.

Aqueles tipos de histórias faziam o meu coração ficar, e permanecer até o dia seguinte, para a próxima história. Esquecendo a realidade em que as coisas não eram tão bonitas assim.

Organizei uma pilha de livros já bagunçada pelas pessoas que com certeza pensaram, repensaram e pensaram mais uma vez se deveriam ler sobre um romance feérico. Eu os recomendava, sempre. Mesmo sendo completamente parcial, já que era apaixonada por um tal encantador de sombras que ainda não tinha seu livro escrito, mas que a cada meia-linha os livros de mais de mil páginas, me faziam cair.

A magia da leitura era essa. Apaixonar-se por algo ou algum personagem, nos detalhes. Para mim, funcionava assim.

— Eu não sei por que aceitei sua ideia de vir à livraria procurar um presente de aniversário para Talita.

A voz adentrou meu espaço, e como boa curiosa que era, meus olhos já foram para o homem que parecia completamente perdido entre as prateleiras.

— E eu lá vou saber onde ficam os mangás? — ele parecia furioso, mas em um tom terno, o que quase me fez rir, ao vê-lo segurar o nariz entre os dedos, e parecer ouvir a pessoa do outro lado da linha. — Sabe o que o Scar faz com o Simba, né?

No momento daquela pergunta, minha risada soou mais alta, e não pude evitar. Foi então o instante que olhos verdes-claros bateram nos meus, e por mais que quisesse continuar a rir, apenas o olhar dele, me fez paralisar. Como alguém podia ser tão intenso assim?

Era como se pudesse ver constelações nos olhos dele. E eu estava ali, parada, no meio do trabalho, querendo contar as estrelas nos olhos de um completo desconhecido.

Ele tinha os cabelos pretos bem-cortados, baixos, assim como a barba. A pele era clara, mas um tanto bronzeada, e poderia jurar que ele corria em algum lugar, já que suas roupas eram uma camisa social com os primeiros botões abertos e dobrada até os cotovelos, calça social

escura que caía perfeitamente ao corpo, como se feito para ele, e sapatos que com certeza pagariam um ano do meu aluguel.

Depois de um tempo trabalhando naquele lado da cidade, era fácil identificar alguém de classe alta. E o relógio no pulso esquerdo gritava que ele realmente o era.

— Olhos bonitos? — pisquei algumas vezes, só então notando o quanto entrei em um devaneio, e não o vi se aproximar.

— Desculpe, senhor, eu... — engoli em seco, notando seus olhos tão próximos aos meus. — Seus olhos são realmente bonitos, não pude evitar. — Fui honesta, e tentei não parecer que estava me jogando para cima dele. Eu estava? Eu sequer sabia flertar direito, e muito menos, deveria fazer aquilo com os clientes. E rezava internamente para que não tivesse parecido algo mais.

— Obrigado, mas... — ele então apontou no ar para os meus olhos. — Seus olhos são bonitos.

Franzi o cenho, sem entender absolutamente nada.

— Eles são... são apenas castanhos. — Inspecionei-o, para tentar entender se estava tirando sarro, mas não encontrei qualquer indício. Ou eu era muito lerda. — Castanho é comum, né?

— Pode até ser, mas os seus são bonitos.

Foi então que eu não pude evitar rir novamente, tendo a certeza de que ele estava satirizando a situação.

— Eu posso mostrar a sessão dos mangás, senhor.

— Ouviu minha conversa? — indagou, um sorriso cafofo se abrindo no canto da boca, e de repente, ele ficava ainda mais bonito.

— Desculpe, foi impossível não ouvir em um lugar tão quieto como esse — falei, e ele pareceu entender e assentiu. — A sessão fica por aqui... — indiquei com o braço para ele, e segui à frente, para lhe mostrar o caminho exato, já que era um pouco mais distante da parte da entrada. — Alguma ideia de qual mangá levar? — indaguei, virando-me, e ele ainda se aproximava, a passos lentos.

— Bom, meu irmão disse algo sobre Shin... — ele pareceu tentar lembrar-se para falar, e desistiu. Então mexeu no celular e logo me mostrou a tela.

— Ah, sim. Shingeki no Kyojin — assenti, e mostrei-lhe onde tinha a coleção daquele mangá. — Ele é muito bom, acho que seu irmão vai adorar.

— Bom, é para a melhor amiga dele, mas vou levar todos que tiver desse Shin... — enrolou-se e respirou fundo em seguida. — E pode ser duplicado, porque é capaz do Flávio querer também.

— Bom, acho que não tem erro — comentei por cima, tentando desviar de seu olhar. — Vou já separar todas as edições que temos, de forma duplicada.

— Obrigado... — então me encarou, como se esperando alguma continuação e eu não tinha ideia do que ele queria. — Seu crachá está apagado, ou talvez prefira que te chame de olhos bonitos?

Um sorriso besta se abriu no meu rosto, quando me dei conta do que realmente ele queria.

— Eu sou Júlia — falei, sentindo um leve bater de asas em meu estômago, e torci para que fosse a fome me assolando perto do meio-dia. — Vou já...

— Eu sou Oscar.

Assenti, sem saber muito o que fazer.

Na realidade, eu já tinha passado daquela fase com alguns caras, mas nunca o suficiente para entender quais intenções eles tinham. Aos

vinte e um anos, talvez eu não tivesse qualquer ideia concreta do que estava acontecendo.

Eu só podia relacionar aos romances que lia, mas como sempre, a ficção era bem mais bonita que a realidade.



“E eu acordo com a sua memória sobre mim

Este é um legado do cacete, legado (era bordô)

E eu acordo com a sua memória sobre mim

Este é um legado do cacete para deixar”^[2]

Cerca de dez anos depois...

OSCAR

— Feliz Natal, Scar!

Flávio gritou, praticamente pulando sobre mim, e sorri, aceitando seus braços. Sabia que de todos nós, Flávio era o mais aberto e carinhoso. Passei a mão por seu cabelo, o bagunçando e o empurrei-o para longe, o que o deixou pronto para ataque, como se fosse me socar.

— Feliz Natal, Simba.

Ele revirou os olhos, e então ambos encaramos nossos irmãos mais velhos, que se abraçavam, e era um marco e tanto para nós, vê-los assim. Foram anos e mais anos, vendo-os apenas se afastarem, e tê-los assim, em um Natal, era mais do que qualquer um de nós esperava.

— Acho que a gente devia ir até lá...

Olhei de relance para Flávio, que já me empurrava até os outros dois, e nos fez abraçá-los.

— Odeio você — falei sobre o ombro de Juan, e vi Flávio rir baixinho, sussurrando “também te amo”.

Existia algo entre nós dois, uma ligação única, mesmo sendo em quatro irmãos. Era como se todos nós soubéssemos, que existiam duas duplas mais próximas. Juan e Franco, Flávio e eu. O que doía foi ver uma delas se desfazer pelo tempo, e era revigorante vê-los voltar a estar juntos.

— Um Feliz Natal Esteves? — Guta, a esposa de Juan, e praticamente uma irmã mais nova para nós, já que morávamos todos juntos há anos, veio para perto, de mãos dadas com nossa sobrinha que já tinha três aninhos.

Flávio já correu até ela e pegou a sobrinha no colo, jogando-a para cima.

— Com certeza, seria ótimo um Feliz Natal para os Esteves no próximo ano... — Carolina comentou, nossa outra cunhada, e esposa de Franco. — Quando Flávio vai sossegar e ter alguns milhares de filhos? — indagou, fazendo todos rirem, e meus irmãos apenas assistiam a tudo.

— Quando Dove não quiser mais matá-lo... — Talita comentou, aproximando-se, e vi meu irmão congelar diante apenas do nome da mulher de quem ele tanto parecia ter medo, mas que na verdade, eu sentia que evitava.

— Péssima melhor amiga — ele revidou para ela, que se aproximou e socou a barriga dele, puxando Lua para si.

Era Natal.

Eu estava cercado das pessoas que eu amava. Da família que todos nós tanto lutamos e quisemos que permanecesse unida, mas eu

ainda me tinha pensando em olhos bonitos.

O simples fato de que toda vez que via Talita, me lembrava de quando fui cobrar seu presente de aniversário, anos atrás, e foi no exato momento em que conheci Júlia.

Onde ela estaria agora?

Ela estaria em uma mesa farta e feliz?

Ela estaria sorrindo ou inventando alguma nova história de Natal?

Os seus olhos ainda seriam os mesmos?

— Eu já volto — falei, afastando-me e seguindo para o que agora sabia ser o jardim da Mansão Reis. Estávamos ali, naquele Natal, porque nossa cunhada Carolina era uma Reis, e praticamente fez cada um saber o quanto era importante para ela e para o meu irmão, a nossa presença.

Ali estávamos nós.

Ali estava eu.

E meus pensamentos bem longe dali.

— Cigarro? — ouvi a pergunta ao longe e levantei o olhar, encontrando o irmão mais distante dos Reis, ao menos, era como eu via.

— Ricardo. Ele estava encostado perto de algumas árvores, como se estivesse ali para mais do que fumar.

— Parei há um tempo — confessei, e então lá estavam olhos castanhos em minha mente.

“— Eu até gosto da ideia de fumar, ter a morte em sua mão e escolher se vai usá-la ou não... — ela suspirou fundo, vindo para os meus braços, e foi no momento em que deixei o cigarro de lado, e a encarei, nua e enrolada contra meu corpo. — Apreendi isso num livro.

— O que você não aprendeu em algum livro? — indaguei, tocando levemente o topo de seu nariz e o vermelho se espalhou por todo seu rosto. — Eu duvido que o que fazemos seja páreo para o que li em algum dos seus livros...

— Oscar... — bateu contra meu peito e escondeu um pouco do rosto nele, fazendo-me rir. — Você é... É um bom amigo.

Olhei-a com o pesar das palavras e era como se soubesse que ela gostaria de dizer mais. Não faça isso, Júlia!

— Pena que fuma — provocou, mudando sua expressão e vi-me beijando sua bochecha e trazendo-a para mais perto, como se fosse possível.”

— Você e seus irmãos me lembram alguém que conheço... — comentou simplesmente, como se me analisasse. — Os seus olhos, me lembram alguém.

— Não acredito que tenha algum irmão perdido pelo mundo, mas também não duvido — comentei tentando ser simpático e ele pareceu piscar algumas vezes, como se caísse em si.

— Bom, na lista de irmãos perdidos, eu estou incluso — falou levemente, como se apenas tentando permanecer em sua paz, e tragou mais um pouco do cigarro. — Gostando do Natal aqui?

— Não fico tanto tempo na Capital há muitos anos... — respondi, passando a mão levemente pelos cabelos. — Gosto de apenas ir aonde Juan precisa de mim, e não ficar.

— Ah, o que você faz?

— Por que de repente parece um interrogatório? — indaguei, e ele riu de lado, como se notando o que fazia.

— Desculpe, é o hábito. — Deu de ombros e jogou o resto do cigarro em um lixo ali perto. — Preciso fazer uma ligação.

Assenti, e vi-o se distanciar, enquanto eu encarava aquele lugar um tanto desconhecido e ficava pensando no que não deveria.

Pensando na mulher que eu perdi.

E não tinha ideia de onde ela realmente tinha ido parar, mas torcia para que estivesse bem. Aonde quer que fosse.

— São oito da manhã do domingo de Natal! — Flávio reclamou como um adolescente irritado e eu me vi revirando os olhos, enquanto batia com o travesseiro na cara dele, e ele apenas voltava a dormir.

— Sim? — indaguei, ao abrir um pouco da porta, e então encontrei Guta do outro lado, claramente aflita.

— Faltou um embrulho de presente! — falou, mordendo o lábio.
— Estou ajudando a enrolar Lua, mas...

— Onde eu encontro o embrulho?

— Por isso é meu cunhado favorito. — Ri de lado, e ouvi Flávio praguejar às minhas costas. — Não fica longe, prometo!

— Eu faria qualquer coisa pela nossa Lua. — Pisquei um olho, ajeitei a camiseta que tinha colocado há pouco, e a segui para fora do quarto.

— Obrigada, mesmo — falou, guiando-me até o andar debaixo da Mansão Reis e me mostrando onde ficava o lugar que encontraria o embrulho. Bom, era para aquilo que existia o Waze, mas Guta era um tanto quanto sistemática sobre, então, eu a vi mostrar todo o caminho pelo mapa do celular.

— Volto em dez minutos.

— Obrigada, melhor cunhado, irmão e tio do mundo — falou, ao abrir a porta da Mansão e eu ri baixinho. — E vai ser o melhor pai do mundo, um dia.

Olhei-a sobre o ombro, enquanto caminhava até meu carro, mas tentei não pensar muito. Guta era um tanto sonhadora demais, o que me remetia um pouco a Júlia. A única mulher que um dia me fez considerar construir uma família.

Por que ela estava novamente em minha mente?

De fato, ela sempre estava.

Ainda mais em momentos em que eu observava todos os clichês românticos possíveis, que ela tanto me contou dos livros, mas que eram tão reais nos Torres-Reis-Kang-Fontes-Esteves.

Ri sozinho enquanto dirigia, imaginando uma junção de Kang e Esteves. Com certeza não fazia sentido algum, e era o que atormentava meu irmão mais novo.

E a verdade fosse dita, tinha como dar check em todos os clichês de romance possíveis, após passar apenas um dia e uma noite ao lado dos Torres-Reis-Fontes-Kang-Esteves? Nem eu sabia como definir de fato o que toda aquela bagunça de pessoas tão diferentes, mas que claramente tinham um sentimento compartilhado entre si, significava.

Talvez fosse simples, como Júlia me dissera: era o sentimento que todos passavam a vida procurando, ou evitando – o amor.

Tinha certeza de que eu era o segundo tipo de pessoa. Não que não acreditasse no amor, mas sim, porque o fazia. Sabia que não mediria esforços, e nem pensaria duas vezes em abrir mão do que fosse, pela pessoa amada. E foi isso que tive que fazer, no passado.

Abrir mão de uma chance, para poder estar ao lado dos irmãos.

Quebrei o coração da mulher que um dia me ensinou cada clichê que vi à minha frente, acontecendo como se pudesse ouvir a voz dela os narrando.

— Ela ia adorar isso aqui.

Minha voz se perdeu um pouco, enquanto parava com o carro à frente do lugar aberto naquela manhã de Natal. Tinha apenas a função de comprar mais um embrulho de presente, ou implorar por algum na frente daquela avenida movimentada, que parecia quase morta por conta do dia especial.

Saí do carro, caminhei para a loja de conveniência, e assim que botei os pés lá dentro, pude ouvir uma voz infantil reverberar pelo local, e com certeza, uma história estava sendo contada.

A curiosidade intrínseca dos Esteves se aflorou em mim, e antes mesmo de ir em busca do embrulho que precisava, fui em direção à voz. Notei a atendente que era uma senhora de idade, encarando a garotinha que mal alcançava o balcão e mostrava um papel para ela.

— Informações simples...

— Sua mãe sabe que está aqui, Clarinha?

— Meu pai vai saber, ele... — era fácil notar a animação na voz dela, junto a medo. — Ele está por aqui, tenho certeza.

— Você tem dez anos e não pode simplesmente fazer o que quer, querida. Mesmo que seja para conhecer quem você acha que é seu pai.

— É ele. — Cruzei os braços e encarei a cena, tentando entender a dinâmica. — Olha a foto!

— Querida, eu...

Foi então que a senhora notou a minha presença, e vi o exato segundo que a mulher se transformou em branco, como uma folha de papel sulfite.

— O que está olhando...

Foi então que a garotinha se virou, e os olhos claros, idênticos e únicos dos Esteves bateram nos de Oscar, que naquele primeiro segundo, não entendeu de fato que sentimento o atingiu.

— Feliz Natal, garotinha? — indaguei, ainda sem conseguir entender o olhar arregalado dela, e muito menos, o silêncio que tomou conta de todo local.

— Feliz Natal, papai!

Um grito foi tudo o que consegui assimilar, quando senti pequenos braços em minhas pernas, e um aperto em meu corpo, que não pensei que poderia outro ser humano, que não fossem meus irmãos, o trazerem.

— Papai?

Minha voz soou como um sussurro, e fiquei sem entender absolutamente nada. Mas então olhei para a foto agora caída no chão, do lado da garotinha, e tudo dentro de mim se remoeu.

Aquela foto pertencia a uma pessoa.

A pessoa que quebrei o coração.

E que agora sabia, ao retribuir o abraço da garotinha à minha frente, que Júlia acabava de quebrar o meu.



“E agora que sou adulta

Tenho medo de fantasmas

As lembranças parecem armas

E agora que eu sei

Eu gostaria que você tivesse me deixado imaginando”^[3]

JÚLIA

— Nós estamos bem — falei para meu melhor amigo, que estava se desculpando pela milésima vez por não passar a ceia de Natal com a

gente naquele ano. — Não é como se você não tivesse nos convidado para estar aí?

— Mesmo assim, Júlia...

— Apenas se divirta — pedi, falando baixinho, enquanto minha pequena já dormia em sua cama. — Clara já está dormindo e já disse quer abraço do dindo amanhã.

— Obrigado, mesmo.

— Quem deveria estar agradecendo mesmo? — suspirei fundo e pensei em como chegamos até ali. — Feliz Natal, irmão.

— Feliz Natal, irmã.

Desfiz a ligação e parei um pouco apenas para olhar minha filha em seu mais profundo sono. Minha mente viajou um pouco, para longe dali, como o fazia, quase todo dia. Quando tudo se tornava um motivo para pensar no que não deveria.

— Feliz Natal, meu solzinho.

Encostei a porta e desci em direção à cozinha. A nossa ceia de Natal tinha sido perfeita, do nosso jeitinho, como era, todos os anos. Por um segundo, vi-me sentando à mesa, e puxei a foto que não deveria estar em meu bolso, mas eu o fiz. Como se fosse um jeito de tê-lo perto de nós.

— Feliz Natal, Oscar — sussurrei, e deixei a foto sobre a mesa, enquanto uma lágrima descia. — Por que eu não consigo te tirar da cabeça, depois de tanto tempo? Não era para ter acabado? Não era para ter sarado?

Nós estávamos girando pela sala ou o que deveria ser uma, em seu quarto de hotel, enquanto o vinho fazia ainda mais efeito do que deveria.

— *Quem disse que não sabe dançar?* — indagou, com as mãos em minha cintura, fazendo-me sorrir contra seu peito e levar minhas mãos até seu pescoço. — *Acho que é um mentiroso.*

— *Acho que você é um mentiroso* — falei, já mais alto pela bebida. — *Acho que eu vou piscar e você vai desaparecer.* — Ri sem vontade alguma, levando uma das mãos para o seu rosto. — *E então o meu mundo serão apenas os livros, de novo. Sem o personagem principal perfeito, de cabelos escuros e olhos claros. Geralmente, eles são vilões. Você é um vilão na minha história, Oscar?*

— *Você é uma bêbada muito eloquente.*

— *Eu sou uma bêbada que te ama* — falei, e ri alto, tentando fazer shhh com os dedos. — *Não conta para ninguém, vai me deixar numa saia justa.*

— A vida não é justa, Júlia. — Senti então seus braços ao meu redor, e eu apenas percebia que a bebida me deixava mais leve. Tão leve, que quando tentei falar novamente, observei apenas meu corpo querer deitar, e ele me segurou. E de repente, meu sono me atingiu.

E no sonho daquela noite, ele dizia que me amava também.

Levei as mãos ao rosto, deixando a fotografia de lado. Era sempre tão difícil acreditar que depois daquela noite, eu nunca mais o vi. Era tão complicado entender que eu nunca mais o veria.

Nunca mais.

Eram duas palavras tão simples e inofensivas, mas juntas, tinham um poder para destruir ou construir corações. O meu se sentia destroçado, por imaginar tal coisa.

— Foi o melhor para nós? — indaguei, e me lembrei de duras e definitivas palavras. — Foi o certo?

Liguei o som baixinho e coloquei a música que ficava se repetindo em minha mente, e a cada dia fazia mais sentido. Não existia algo que nos definisse melhor do que ela.

Encarei meu velho armário e por um segundo pensei em destrancá-lo, mas seria demais. Dias especiais me deixavam ainda mais

emotiva, e não queria que se tornassem sobre ele, mesmo que pensasse nele.

Então eu apenas cantei baixinho, para deixar parte de mim, que não deveria me pertencer, sair – aquele amor.

“Quando o silêncio chegou

Estávamos tremendo, cegos e perdidos

Que inferno, como perdemos a visão do que éramos outra vez?

Chorando com a sua cabeça entre as mãos

Não é desse jeito que as merdas sempre terminam?

Você estava parado com o olhar vazio no corredor

Cravos que você pensou que eram rosas, somos assim

Eu te entendo, não importa o que aconteça

Os rubis que eu desisti

E eu te perdi

Aquele com quem eu estava dançando

Em Nova Iorque, sem sapatos

Olhei para o céu e era bordô

O vermelho na minha camisa

De quando você derramou vinho em mim

E como o sangue se juntou em minhas bochechas

Tão escarlate, era bordô

A marca que eles viram na minha clavícula

A ferrugem que cresceu entre os telefones

Os lábios que eu costumava chamar de casa

Tão escarlate, era bordô

E eu acordo com a sua memória sobre mim

Este é um legado do cacete, legado (era bordô)

E eu acordo com a sua memória sobre mim

Este é um legado do cacete para deixar...”^[4]

Eu tinha dormido na poltrona da sala, novamente.

Pisquei algumas vezes, correndo para checar as horas no relógio e sabia que estava perto do horário de meu melhor amigo chegar, e podermos encher Clarinha com ainda mais presentes.

Porém, um papel sobre a mesa me chamou atenção, assim como a falta da fotografia.

— Merda!

Corri para ler e então a caligrafia de Clara gritava por ali, e eu me desesperei.

“Eu pedi o meu papai para o papai Noel, eu sei que você já tentou trazê-lo, mamãe. Sou grande para tentar agora.

Vou começar a pesquisa no domingo de Natal, que é o melhor dia para conseguir um presente do papai Noel!

Te amo!”

— Onde ela teria ido? Onde Clara iria?

Comecei a me perguntar alto, para o nada, em busca de alguma resposta.

— Onde ela conseguiria alguma informação no domingo de Natal?

O que ela conhecia ali perto, era a loja de conveniência da dona Sandra. E o único lugar que poderia estar aberto. O que diminuía minhas opções, e felizmente, as dela também.

Corri para pegar a chave do carro, e saí o mais rápido possível de casa. Em menos de cinco minutos eu estava à frente da loja de conveniência, e quando saí, encontrei dona Sandra do lado de fora.

— Eu tentei te ligar, menina — falou, sabia que minha bateria deveria ter ido para o brejo, e a encarei com a pergunta óbvia. — Clarinha veio aqui, perguntando do pai, só que dessa vez com uma foto, e...

— E o quê? Ela...

— O pai dela apareceu.

— O quê? — minha voz quase não saiu. — Onde minha filha está?

— Eu tentei impedir, mas não consegui, querida. — Olhei-a como se tivesse querendo me enlouquecer.

— Não pode ser Oscar — falei para mim mesma, e levei as mãos aos cabelos. — Preciso do seu celular emprestado — pedi em desespero,

e dona Sandra me cedeu.

Disquei o número, e sabia que o segundo para o qual ligaria seria o da polícia.

As lágrimas já se acumulavam e eu estava completamente perdida.

— Ric...

— Por que Oscar Esteves apareceu na mansão Reis com Clarinha?

— O quê? Sabe onde Clara está? — indaguei, em desespero.

— O que aconteceu, Júlia?

— Eu... Eu não sei — confessei. — Apenas me passa o endereço daí, eu preciso... Preciso ver Clara.

— Ele é o pai dela? — indagou, e eu não sabia o que responder.

— O pai dela se chama Oscar, mas eu nunca soube o sobrenome real, quer dizer, até soube, mas... Enfim, eu não sei se o homem que a levou é...

— Ele a levou?

— Ric, o endereço — pedi, e desfiz a ligação, já correndo para o carro.

Em menos de quinze segundos, a localização de meu amigo apareceu e me vi dirigindo até lá. Quem estava com minha filha? Era Oscar, realmente? Mas como? O que ele fazia ali?

Não podia ser.

Não.



“Se transformou em algo maior

Em algum lugar em meio à névoa, eu senti que havia sido traída”^[5]

OSCAR

— Essa é a sua casa, papai?

Eu não sabia o que fazer. Eu não sabia o que responder.

Eu estava em modo automático, que apenas precisava deixar Clara em segurança e encontrar a mãe dela. Como Júlia pôde? Onde Júlia estava?

Quando nos aproximamos da mansão, com a pequena mão dela na minha, eu encontrei minha cunhada ali na frente, conversando com Ricardo, como se estivesse se despedindo.

— Meu salv... — as palavras de Guta se perderam, e então notei o olhar de Ricardo sobre... sobre minha filha.

— Clarinha?

— Dindo! — ela gritou, e então sua mão saiu da minha, correndo para ele, dando um abraço forte, o qual ele aceitou e a levantou para cima. — Também veio conseguir o papai de presente?

— O que...

Guta trocou um olhar comigo, e se calou, como se a mesma entendesse que eu não sabia de nada.

— Lembra que vim passar o Natal com meus novos irmãos? — ele indagou, ajoelhando-se e ela assentiu animada. — Então, que tal conhecê-los?

— Não...

— Eu a levo. — A voz de Guta foi decisiva, e notei os olhos de Clara chegarem aos meus, antes de qualquer coisa, e eu assenti, como se permitisse. O que era aquilo? Era ser pai de alguém?

Fiquei apenas paralisado por alguns segundos, como se tudo tivesse se tornando maior e maior, e ouvi algumas palavras ao redor, mas não consegui me concentrar. Foi quando senti um grande soco no meu rosto, que a realidade, literalmente bateu em mim.

— Filho da... — Outro soco, e de repente, eu me senti caindo no chão.

— Diacho! — ouvi o grito de Flávio, e notei o exato segundo em que Juan apareceu, praticamente jogando Ricardo para longe e Franco o segurou. — Irmão, o que foi?

— Eu... Eu tenho uma filha.

— Uma filha que você abandonou. — A voz de Ricardo era como se estivesse pronto para matar. — Como tem coragem de apenas a trazer e não contar à mãe dela? Como pôde simplesmente...

— Eu não sabia! — minha voz reverberou, enquanto me levantava, e sentia tudo ainda mais pesar. — Eu não sabia sobre ela.

— Clara — ele corrigiu. — O nome dela é Clara.

— Eu só descobri há poucos minutos, porra! — rebati, e senti Flávio segurar meus ombros, como se para me acalmar. — O que sabe sobre minha filha?

— Sei que a mãe dela está chegando, e se pensar em quebrar o coração de Júlia, eu vou fazer muito pior com a sua cara.

— Flávio! — ouvi Juan praticamente gritar e se prostrar então à frente de Ricardo, mais para protegê-lo do nosso caçula, que claramente estava pronto para me defender.

— Um ponto para o cowboyzinho da paz. — A voz de Dove Kang chegou até nós, e eu apenas ignorei, afastando-me dali, sem saber o que fazer. — Não é de bom tom fugir quando a mãe da sua filha inesperada está prestes a aparecer...

— Não se meta nisso, Kang!

Flávio falou em um tom sério, que poucos de nós conhecíamos, e notei o breve olhar que eles trocaram, mas nada daquilo me importava. Porém, apenas a vi sorrir e seguir para dentro de um dos carros estacionados ali na frente.

— Onde Júlia está?

— Ela está vindo buscar a filha *dela*. — Ricardo pontuou, soltando-se de vez de Franco, e seguindo para dentro da mansão.

— Oscar...

Neguei com a cabeça diante do chamado de Juan, e apenas fiquei ali, esperando.

— Preciso falar com ela — falei, suspirando fundo. — Apenas nós... por favor.

— Apenas... tome cuidado, Scar.

Assenti para Flávio, e logo senti um leve aperto no meu ombro, que com certeza era Franco. Eu sequer conseguia raciocinar diante de tudo aquilo.

Que merda estava acontecendo?

Que manhã de Natal mais maluca era aquela?

Foi quando ouvi o barulho de um carro se aproximando e todo meu corpo tensionou. Virei-me, e notei como a pessoa estacionou de qualquer forma. No momento em que ela desceu do carro, meu coração já parava de pertencer a mim. Era ela.

Ela estava ali.

— Júlia...

— Onde ela está? — perguntou, mal me encarando, e eu fiquei estático, buscando que seus olhos parassem nos meus.

Não era ela? Era?

— Onde minha filha está?

— Olha para mim.

Soou mais como um implorar, e então, os olhos castanhos mais bonitos que já conheci pararam nos meus. Era ela.

E ela não tinha só desaparecido. Ela tinha desaparecido com a minha filha.

— Você escondeu a minha filha!

— Você se escondeu de mim! — rebateu, os olhos nublados de lágrimas, e claramente se segurando. — Eu quero ver a minha filha. Ela é minha!

Tive que rir, sem vontade alguma, ao notar a força em sua voz, a forma como ela estava pronta para atacar.

— E eu fiquei mais de dez anos sem ter ideia de que tinha uma filha. Sem sequer poder querer vê-la! — rebati, respirando fundo. —

Acha isso justo, Júlia?

— Alguém uma vez me disse que a vida não é justa, logo após eu dizer que o amava.

Ela sabia exatamente onde me atingir, mesmo que acreditasse que não o fizesse.

— Minha filha nunca ficou longe de mim tanto tempo, Oscar. — Ela baixou o olhar e notei que estava perto de quebrar, por mais que se segurasse. — Ela precisa de mim.

Era como se ela gritasse naquelas palavras, que ela precisava da filha. Nossa filha.

— Nossa filha, Júlia. — Corrigi-a, e seus olhos castanhos chegaram nos meus. — Ou vai dizer que ela não é minha?

— Bem que eu queria. — Deu um passo à frente e ficou ainda mais próxima. — Gostaria de ser uma completa mentirosa e desaparecer no mundo, sem deixar rastro algum... — olhou-me profundamente. — De que ela é sua filha. — Complementou, e então deu dois passos atrás, abraçando o próprio corpo. — Mas eu nunca menti para ela, não sobre o pai.

— Mentiu para mim. — As palavras saíram, sem que pudesse evitar.

— E quem é você na minha vida, Oscar? Um ex-amante? Um ex-amigo? Um ex alguma coisa que eu preferia não lembrar?

— Eu sou o pai da sua filha, você queira ou não. — Soltei o ar com força. — E vou fazer parte da vida dela.

— Ótimo — falou, finalmente voltando a me encarar. — Agora eu preciso vê-la.

E eu precisava de respostas.

E eu precisava de anos perdidos, que eu não mais teria de volta.

Como era possível, de repente, sentir-se tão machucado a ponto de doer, pela pessoa que um dia amou?



“Você estava de olhos vazios no corredor

Cravos que você achava que eram rosas, somos nós

Eu sinto você, não importa o que

Os rubis que eu desisti”^[6]

JÚLIA

— Ric...

Meu amigo veio até mim, tocando meu rosto, como se fiscalizasse se estava tudo bem, e por um segundo, quase desabei. Era

muita informação para apenas um dia. Era muito para digerir, ali, sem poder ver minha filha.

— Juju...

— Só preciso vê-la, Ric — pedi, e ele me puxou consigo, abraçando-me pelo ombro e me levando para dentro da mansão que eu sabia que pertencia à família da qual ele por muito tempo não fez parte. Mas era parte da história dele para contar.

Notei pessoas desconhecidas ao redor, mas meu olhar se focou em buscar o pequeno ser de cabelos escuros e olhos verdes, que parecia encantada, encarando três homens que eu não conhecia, mas que quando me encararam foi como se soubesse exatamente quem eles eram – os olhos deles eram iguais.

— Oi. — Ouvi a voz feminina e pisquei algumas vezes, só então notando que tinha duas mulheres à frente de minha filha, que sorria abertamente. — Eu sou...

— Mamãe!

Agachei-me, e Clara correu até mim, abraçando-me com força. Segurei, como tinha aprendido com a vida, a não deixar nenhuma

lágrima descer. Não à frente de Clara. Não com algo que poderia abalá-la.

Afastei-me levemente dela, e toquei seu rosto com cuidado, passando as mãos em seus cabelos e tendo seus olhos nos meus.

— Por que foi até a dona Sandra, solzinho? — indaguei baixo, sabendo que existiam muitos olhos em nós. E era como se tivesse certeza de que os olhos de Oscar estavam entre eles.

— Eu fui encontrar o papai e eu... Eu achei, mamãe — falou animada, e meu coração se quebrou. Se ao menos eu pudesse explicar para ela, de alguma maneira, que ele não gostaria de ser encontrado. — Eu encontrei até titios e titias. O melhor presente de Natal de todos! — gritou, vindo novamente para os meus braços, e meu coração se transformava em caquinhos, sem saber realmente o que fazer.

Ser mãe, em alguns momentos, principalmente nos inesperados como aqueles, fazia com que apenas quiséssemos ficar ali, e ter nossos filhos nos braços. E de repente, não tinha ideia do que fazer.

— Ricardo comentou sobre a amiga que traria para o Natal. — Ouvi a voz feminina desconhecida e levantei o olhar, ainda tendo Clara em meus braços. Era fácil reconhecê-la, depois de meu amigo ter me

contado o quanto Verônica Reis foi a responsável por ter feito tudo de melhor para sua mãe. — Sou...

— Senhora Reis — falei educadamente, e senti Clarinha se afastando, enquanto eu me levantava. — Desculpe pela comoção no dia de Natal, eu...

— Podemos ficar com ela — ela falou, indicando Ricardo com a cabeça, o qual se aproximou. — Acredito que precisa de uma conversa rápida agora. Prometo que ela não sairá daqui sem você.

Olhei rapidamente para Ric, que assentiu e sabia que confiava nele, com toda minha vida, mas ainda assim, eu estava a ponto de ter que encarar Oscar.

Em que universo eu imaginei que o encararia novamente?

Talvez em muitos de milhares dos meus sonhos, mas nunca na realidade.

Agachei-me novamente e toquei o rosto de Clara.

— Promete que vai ficar aqui, com seu dindo e nada de fugir? — indaguei, e ela assentiu, mostrando-me o dedo mindinho.

— Prometo, mamãe — falou, com a culpa em seus olhos verdes, que eu conhecia tão bem. — Não queria te deixar triste — comentou e eu

neguei com a cabeça, tentando disfarçar meu olhar que deveria estar carregado de lágrimas não derramadas.

— Só me assustou não saber onde você estava. — Fui honesta. — Não vai mais sair sem dizer para onde? — pedi, como nossa promessa, e ela apertou seu dedo mindinho no meu.

Sorri para ela, e Ric se aproximou.

Não precisei pensar muito, antes de encontrar os olhos verdes que eu não tirei da mente, mesmo após uma década. Ele estava em um canto da sala, claramente distante, e não sabia se porque se distanciava de nós, ou do fato de ser pai, ou da realidade que criou em sua cabeça. Contudo, era uma conversa que eu precisava ter. Mesmo que tudo de mim, se negasse a aceitá-la.

“— Eu estou grávida dele.

Uma risada alta foi minha resposta, e então uma carta jogada em meu peito.

— Use o dinheiro para o bem de ambos.”

— Por aqui, por favor.

A voz dele, calma, mas claramente estremecida, me trouxe para a realidade. Ele então abriu a grande porta da mansão e vi-o me guiar para fora da mesma.

— Para onde está me levando? — a pergunta saiu tão natural, que me assustou, quando memórias me acertaram.

— *Para o paraíso, olhos bonitos.*

Foi a resposta que ele me deu há mais de dez anos, e foi na qual acreditei. Até que o paraíso se transformou em um inferno pessoal, e tudo o que pude encarar, foi o que restou de mim mesma, após o meteoro que me atingiu, ao me apaixonar por ele.

Ele apenas parou o passo, como que se lembrando do mesmo que eu, e apenas tentei nublar meus próprios sentimentos. Não poderia deixar que nada o levasse a pensar que estava pensando no que aconteceu.

No que fomos.

No que eu imaginei que éramos.

— Eu não faço ideia, Júlia — admitiu, como se estivesse pronto para desabar. — Eu nem sei como ter essa conversa com você.

— Não precisamos tê-la — falei, cruzando os braços, como se tentando proteger a mim mesma, da sua presença. — Eu só preciso levar Júlia para casa e as coisas voltarão ao normal...

— Acha que depois que eu descobri que tenho uma filha, vou deixar que ela simplesmente desapareça da minha vida? Vou me permitir desaparecer da vida dela?

— Nunca foi *nada* para ela, Oscar.

— Então como ela sabe sobre mim? Então como ela tinha uma foto minha? O que tem dito para ela por mais de uma década, Júlia? O que tem inventado para a nossa filha?

— Eu disse o que pude, sobre a verdade. — Abri os braços, sentindo uma lágrima descer. — Que o pai dela não podia estar presente, porque eu ainda não tinha encontrado ele. Ou você acha que eu poderia apenas jogar a verdade para uma criança? A verdade de que...

— Eu a abandonei? — complementou, dando um passo para a frente, e ficando próximo. Notei as lágrimas em seus olhos. — Que eu abandonei a filha que eu nunca soube que tinha?

— Que sua família não queria que eu tivesse. — Limpei as lágrimas que desciam, dando um passo para trás. — Como eu diria isso

para ela?

— Do que diabos está falando?

— Oscar... Esteves... Como queira ser chamado. — Engoli em seco. — Eu não sei o que quer, mas eu preciso saber, e precisa ser definitivo. Não vou te deixar chegar na vida de Clara para depois abandoná-la ou descobrir que não quer mais ser pai. Não vou permitir isso.

— Júlia...

— Sei que foi do nada, e nem sei como vocês se encontraram assim, de repente... Espera! — foi como se minha ficha finalmente caísse. — Como sabia que ela estava naquela loja?

— O quê?

— Como chegou até ela?

— Eu...

— Eu não quero mais esses joguinhos, sejam seus ou da sua família, ou qualquer merda assim — falei, olhando-o profundamente. — Apenas nos deixe em paz, por favor.

Eu estava por um fio, e sabia que estava pronta para desabar.

— Júlia, por favor...

— Eu preciso ir para casa — falei de uma vez. — Pensei que poderia lidar com você, com isso tudo, mas... Não...

Senti meu corpo ainda mais leve, e pisquei algumas vezes. E foi então que minha mente acusou o fato de que eu não tinha comido nada até aquele momento. Ter hipoglicemia mais toda aquela situação, levando-me a não ter qualquer controle sobre meu corpo.

— Júlia, o que...

Olhos verdes foram a última coisa que vi, antes de sentir meu corpo todo apagar. E odiei a mim mesma, por me deixar ser tão vulnerável assim.



“E talvez seja o passado que está falando

Gritando de uma cripta

Me dizendo para te punir por coisas que você nunca fez

Então eu me justifiquei”^[Z]

OSCAR

Em um minuto eu estava tentando reunir tudo o que Júlia falava e no outro, ela estava caindo em meus braços. Meu coração fora de meu peito, ao vê-la em tal estado.

— Júlia... — falei, e toquei seu rosto, trazendo-a para mais perto em meu colo. — Olhos bonitos... — sussurrei, como se fosse possível acordá-la, mas sem qualquer resposta.

— *Eu preciso comer alguma coisa, nem que seja uma banana, ou uma barrinha...* — comentou, parando ao lado da grande mesa de café. — *Não sei se um CEO como você conseguiria entender....*

— *Já disse que não sou um CEO, olhos bonitos.*

— *Já disse que tem um chapéu de cowboy muito bonito, ainda mais na minha cabeça.* — *Provocou, apertando a aba do chapéu, que ela não tinha ideia do significado real.* — *Mas como é a pessoa que resolve contratos com grandes empresários, posso te considerar um CEO da empresa da família.*

— *Vou deixá-la viver sua fanfic sobre isso.*

— *Já vi que andou aprendendo os termos...* — *ela riu de lado, pegando a maçã, e dando uma grande mordida.* — *Mas voltando para o fato de que eu tenho que comer algo. Quando era mais nova, eu sempre desmaiava, e não tinha ideia do porquê, até que consegui ir ao médico e descobri que sou hipoglicêmica.*

— *Você desmaiava, sempre?*

— Bom, sim. — Deu de ombros, comendo mais da maçã. — Eu estava acostumada a não tomar café da manhã... — ela então suspirou fundo, como se lembrando de algo. — Isso não é algo legal para contar pro cara com quem estou dividindo uma cama.

— Pode contar o que quiser para mim, olhos bonitos.

— Não isso, CEO com chapéu de cowboy. — Piscou um olho, e terminou a pequena maçã, deixando o resto sobre um prato, ao lado do resto do café da manhã completo que eu pedi. — Prefiro sair da realidade quando estou com você, e não me lembrar do passado...

— Eu queria poder prometer algo, e prometer mais...

— Bom, pode me prometer que se algum dia, quando eu quiser te encontrar, eu vou conseguir? — indagou, e seu olhar parou no meu, quando ela veio para o meu colo, sentando-se sobre o mesmo. — Nem que seja para passar e discutir sobre livros.

— Eu não sei como prometer isso.

— Então, é porque não pode, com todo seu ar de mistério que eu ainda não desvendei. E acho que nem vou — comentou, encarando-me profundamente. — Mas está tudo bem, pelos dias contados.

Ela sorriu, mas não chegou aos olhos. E eu estava sorrindo da mesma forma, como se mentindo para mim mesmo, de que eu iria superar. De que eu tinha que mantê-la longe, para o bem do seu próprio coração.

— Merda, Júlia!

— Não estou aqui fuxicando, juro. — Ouvi então a voz de Dove Kang, que se aproximou com algo em mãos. — Sabe por que ela desmaiou?

— Ela... Ela tem hipoglicemia.

Dove então tentou se aproximar com algo no rosto de Júlia, e eu a segurei mais forte, como se fosse para protegê-la. Não que não confiasse em Dove, mas o fato de que ela era praticamente uma desconhecida, mesmo sendo a prima mais velha da melhor amiga do meu irmão, ajudava no fato de que não conseguia apenas aceitar o que ela fazia. Além de que eu tinha certeza de que os Kang eram uma família ligada à máfia, e aquilo não me assustava, mas me aterrorizou ao se tratar de Júlia.

— Não vou matá-la — falou seriamente, encarando-me. — Isso só vai ajudar a acordá-la, e depois a leve para comer algo.

Assenti, e então Dove aproximou o pano do rosto de Júlia, que em alguns segundos, tossiu e finalmente abriu os olhos.

— O que... — sua voz parecia um tanto perdida e ela levou as mãos à cabeça.

— Eu acho que tenho uma barrinha aqui... — Dove mexeu em algo nas costas, que deveria ser uma bolsa escondida, e logo tirou de lá o que tinha dito. — Vai ajudar.

— Eu... — olhei-a, e ela negou com a cabeça. — Obrigado, Dove.

— Tudo pela informação. — Piscou um olho, numa frase que eu já tinha me acostumado a ouvi-la dizer.

Ela então se afastou, e antes que pudesse calcular para onde iria, vi-me levando Júlia que permanecia em meu colo, até o banco da pracinha próxima dali, sentando-a com cuidado ao meu lado, e segurando a barrinha da forma que conseguia com um dos dedos.

— Desmaiou e precisa comer — falei, e entreguei-lhe a embalagem.

— Eu... — ela então pareceu voltar quase que completamente a si, e pegou a embalagem de minha mão. — Que merda!

Foram então alguns minutos torturantes, tão perto, mas tão longe da mulher que parecia ter o mesmo efeito que de anos atrás, mas que imaginei que nunca mais teria o direito de rever. Ela abriu a embalagem com cuidado e comeu pedaço por pedaço, com toda calma possível.

Quando finalmente terminou, seus olhos pararam nos meus.

— Não queria ter que agradecer, mas... obrigada.

— Acho que já é o bastante por hoje, não é? — indaguei e notei o olhar surpreso em seu rosto.

— O que quer dizer com isso?

— Que nenhum de nós está preparado para desenterrar o que quer que seja sobre nosso passado, e eu não vou colocar você sobre todo estresse capaz de te deixar inconsciente... Não de novo.

— Oscar...

— Não importa o que houve no passado. Eu estou aqui, e é o presente — falei, como se fosse uma promessa. — Nós temos uma filha e eu vou ser o pai dela, tentar recompensar os anos que passaram. E nós... Nós vamos dar um jeito de fazer isso funcionar.

— Eu tenho toda minha contrariedade sobre isso para despejar sobre você, mas se existe algo que concordo é que já foi o suficiente para

hoje. — Suspirou fundo, desviando seu olhar. — Eu não quero isso, para deixar claro. Não quero você na minha vida, nem na de Clara. Mas os filhos tomam suas próprias decisões, e ela sempre te quis na vida dela... Porém, basta magoá-la, para que nunca mais a veja.

Eu tive que rir de lado, sem poder evitar.

— Pensei que tinha sido o suficiente para hoje, Júlia?

— Acho que nunca será o suficiente para dizer tudo o que tenho entalado, mas não é como se mudasse algo... — então foi ela quem riu, claramente sem vontade alguma. — Vou te passar o meu número e conversamos melhor amanhã.

Ela então pareceu me esperar fazer algo, e de repente, eu era apenas uma bagunça diante dela. Um homem que sempre soube camuflar e disfarçar seus sentimentos, para uma massa perdida de pensamentos, à frente dela. Porque era ela.

— Aqui. — Apenas lhe entreguei meu celular, e a mesma digitou algo, logo me devolvendo. — É o número, certo?

— Não é como se não pudesse encontrar Ricardo. — Deu de ombros.

— O que ele é para você? — a pergunta veio tão rápida em minha língua, que sequer consegui frear. — Digo, para vocês?

— Ele é o padrinho de Clarinha.

Sua resposta simples e direta, apenas me deixou para imaginar.

Ela tentou se levantar, mas notei que ainda estava fraca ou errou um passo, fazendo-me ter que segurá-la, de imediato, e então seu corpo estava próximo ao meu. Não desacordado ou inconsciente. Mas ela sabia da nossa aproximação.

Ela me encarou com tamanha tristeza e decepção, que fez todo meu interior se remoer.

— Obrigada, de novo. — Afastou-se, endireitando seu passo.

Segui-a a passos lentos, bem atrás, temendo que ela caísse a qualquer instante novamente. Temendo que ela se machucasse de alguma outra forma, e era como se soubesse que ela já tinha sido, mais do que eu poderia imaginar, antes.



“Eu não consigo esquecer isso

Eu luto com você enquanto durmo

A ferida não fecha

Continuo esperando por um sinal

Eu me arrependo de você o tempo todo”^[8]

JÚLIA

Eu esperei do lado de fora da mansão.

Eu não sabia ao certo como fazer parte daquilo.

Ricardo até tinha tentado, após descobrir que tinha irmãos e que eles não eram os monstros que lhe haviam pintado, me trazer para conhecê-los. Porém, era difícil. Era difícil confiar em pessoas que pareciam com outras que um dia tive que encarar.

Perguntas se passando por minha mente, desde o tempo em que tentei reencontrá-lo. Até o momento que achei que o fiz, e tudo desmoronou de vez. Não sabia ao certo em quem confiar, e foi quando aprendi a não confiar em mais ninguém. Não ninguém além de Ric e Clara.

— Ela vai querer te ver, logo — falei, assim que parei meus passos, à frente da mansão. — Eu só quero pedir para que... Que seja bom para ela, Oscar. Ela é uma menina doce e sonhadora. Só tenho isso a pedir, então...

— Ainda quero entender com que tipo de monstro me pinta, Júlia. — falou, passando à minha frente, em direção à porta. — Posso ter meus erros e são muitos, principalmente com você, mas eu jamais a magoaria. Jamais vou magoar a nossa filha.

— Não vou dizer que acredito, mas para seu próprio bem, eu espero que sim — falei, suspirando fundo e desviando o olhar. — Uma

coisa é quando é com a gente, outra, é quando se trata de um filho...
Então, essa é praticamente uma ameaça.

— Eu entendo.

Assentiu, e eu queria por um segundo que ele não fosse um poço de calma. Era muito mais fácil lidar com o caos, porém, ali estava ele, apenas aceitando o que era dado, e assentindo.

Eu conseguiria lidar com aquilo?

— Vou trazê-la — falou, e assenti, sem conseguir mais encará-lo.

Aquela era a manhã de Natal mais fora de contexto que tinha encarado. Quem diria? Quem diria que Oscar apareceria à nossa frente?

E então, antes que ele voltasse, um homem um pouco mais alto, e usando um chapéu branco de cowboy, saiu de dentro do local. Sabia que era um dos que estavam ao redor de Clara mais cedo, porém, acreditava que por toda minha preocupação, minhas lembranças não o interligaram.

Eu o reconhecia agora.

Seria impossível não o fazer.

— Sou Juan Esteves — falou, aproximando-se e me estendendo uma das mãos. — Não sei ao certo o que houve, ou o que vai acontecer,

mas saiba que somos uma família aqui. E protegemos um ao outro.

Eles eram?

Eles eram a família de Oscar?

Então, por quê?

Todas as minhas teorias desconexas estavam certas?

— Esteves? — indaguei, e ele assentiu. — Sem outro sobrenome?

Ele assentiu, e então tentei interligar o sobrenome, o qual me passaram no passado, e não tinha qualquer semelhança. Tentando encaixar todas as peças, e nenhuma delas fazendo sentido, porque minha mente estava longe dali. Achava-se presa a Júlia no passado, em desespero para encontrar o homem que amava e que seria pai.

Apertei a mão dele, mesmo que fosse apenas por educação, e tentei me segurar para não perguntar.

— Se precisar de algo, pode me procurar — falou, então afastou sua mão, e tirou de um bolso, um pequeno cartão. — Seja o que for...

— Júlia — complementei e ele assentiu, enquanto eu aceitava o papel, que não sabia de fato o destino. — Eu não sei se devo agradecer, mas... Espero que seja um prazer conhecê-lo, senhor T... senhor Esteves.

— Apenas Juan, por favor.

— Mamãe!

O meu gritinho favorito do mundo me fez desviar o olhar do homem a minha frente.

— Oi, solzinho — falei, aceitando seu abraço, e ela parecia muito animada.

— O papai vai me ver amanhã, isso não é legal?

Assenti, sem saber o que dizer, e sentindo o olhar de meu melhor amigo, parado há alguns passos, como se pronto para me defender do que fosse. Ele poderia me defender do meu passado? Bom, nem eu mesma conseguia, quem diria ele pudesse tentar.

— Então, até amanhã? — a minha pergunta soou alta, e meu olhar parou no de Oscar, que assentiu levemente com a cabeça.

— Vou com vocês, tudo bem?

Assenti para Ric, que logo passou ao nosso lado, e minha mão ficou presa a de Clarinha. Ela falava animadamente, enquanto se virava um pouco, e dava um leve tchauzinho, como se não pudesse perder o pai de vista.

— Tudo bem? — Ric perguntou, assim que nos aproximamos do meu carro.

— Não acho que posso dar uma resposta sobre isso agora. — Fui honesta, e ele assentiu, tocando meus cabelos e me trazendo para perto de si, abraçando-me.

— Eu quero abraço também — Clara falou e então se infiltrou entre nós, e por alguns segundos, tudo apenas pareceu o mesmo. O de sempre. Nós três.

Porém, era como se eu soubesse, que há alguns metros dali, os olhos verdes que tanto me perseguiram nos sonhos, agora o faziam, na realidade.

— A gente pode se abraçar assim com o papai também?

A pergunta de Clara me acertou em cheio e eu respirei fundo, afastando-me do contato com Ric.

— Você pode abraçá-lo, solzinho.

— Mas por que você não? Não é como nos filmes em que...

— Alguém parece pouco curiosa para os presentes de Natal desse ano...

Os olhos dela brilharam e se voltaram para Ric. Agradeço mentalmente por conseguir achar uma saída para aquela pergunta que eu correria o quanto pudesse. O que eu poderia dizer? A verdade?

De que eu e o pai dela éramos algo que aconteceu, e que teve apenas um resultado bonito: ela. Nada mais. O que restou de mim após Oscar, era qualquer coisa que eu não gostaria de voltar. E jamais me permitiria chegar a tal situação novamente. Ser o resto de algo que não passou de um momento. Mas e quando um momento significou tanto que você o carregava dentro de si após aqueles mais de dez anos?

Era mais uma pergunta interna, que eu me negava a entregar uma resposta.



“E eu sei que isso foi há muito tempo

E aquela magia já não está mais aqui

E eu posso estar ok

Mas não estou nada bem”^[9]

OSCAR

— Oscar...

Ouvi a voz de Juan, ao fundo, como um coadjuvante.

— Alguma coisa a fez não contar sobre nossa filha — falei, como se juntando as peças. — Algo a impediu de chegar até mim.

Levantei meu olhar e encontrei o dele.

— Preciso descobrir, de algum jeito, o que houve...

— Não seria melhor esperar ela te dizer, irmão — Juan falou, tendo toda minha atenção. — Seria trair a confiança dela, procurando sobre um passado que não é seu...

— Envolve nossa filha, Juan. Envolve... — respirei fundo, levando as mãos à cabeça. — Envolve mais do que sei explicar.

— Talvez precise esfriar a cabeça e pensar antes, do porquê não foi atrás dela...

Paralisei diante de sua fala.

— Ela não te encontrou, ok. Mas por que você nunca a buscou? — indagou, como se fosse algo retórico, para deixar no ar. — Acha que ela nunca se perguntou o mesmo?

— Eu não sei o que fazer — admiti, pela primeira vez na minha vida, completamente perdido.

Juan me encarou, como se pudesse me compreender por completo.

— Tem que se colocar em ordem, irmão — ele falou, e se aproximou, segurando meu ombro. — Tem que rever seus sentimentos, em algum momento. Mas agora, não é sobre você ou sobre Júlia, por mais importante que ela seja... É sobre você como um pai.

— Eu tive o melhor exemplo — soltei, e notei o olhar duro do meu irmão se transformar. — Não sei o que fazer, mas é como se você tivesse me mostrado todos os dias, como um pai deve ser.

— Oscar...

— Sei que falo por mim, Flávio e Franco. — Fui honesto e respirei fundo. — Mas ainda estou com um medo para diabo, de decepcionar Clara.

— Clara Esteves. — Juan então sorriu, como nos raros momentos que poderíamos contar. — É um bonito nome, irmão.

— Júlia a chama de “solzinho”... — levei as mãos ao rosto, tentando disfarçar minhas lágrimas.

— Bom, Juan tem a Lua, você agora tem um Sol, Franco tem um Jasmin, o que quer dizer que eu terei uma filha com nome de flor?

E lá vinha Flávio, com seu alívio cômico que nunca deixava passar.

— Apenas fique quieto. — Franco o rebateu, provocando, e ele revirou os olhos, sendo apertado pelo pescoço pelo nosso irmão. — Como está, irmão?

— Abalado? Surpreso? Assustado? — dei de ombros, sem saber como responder de fato.

E uma pergunta se passava por minha mente também: como Júlia estava?

— Eu acho que preciso me desculpar com os...

— Sem desculpas. — Carolina surgiu, com Guta ao seu lado, sorrindo abertamente. — Somos acostumados a revelações extraordinárias no Natal. Deve ser a magia do dia.

Eu tinha apenas um sorriso estranho no canto do rosto, e que com toda certeza, não convencia muito.

— Acho que vou para...

— O hotel que ficamos antes de vir? — Flávio perguntou, aproximando-se.

— Não, o meu velho apartamento aqui.

— Nunca mais voltou lá. — Seu olhar então chegou no meu, como se compreendesse.

Nunca mais voltei lá de fato, mas porque justamente me lembrava de quando estive no mesmo com Júlia. E foi quando eu simplesmente tive que deixá-la.

— Ok, quer que a gente...

— Preciso ficar um pouco sozinho, mas agradeço.

Eles todos assentiram e dei um breve aceno para minhas cunhadas, que também me encaravam preocupadas. Fui em direção ao meu carro, e assim que adentrei o mesmo, o cheiro de criança estava em todo o lugar. O cheiro da minha filha.

Segurei com força o volante e agradei aos céus pela decisão de ter colocado o insulfilm mais escuro. Deixei então que as lágrimas descessem, e parte de mim estava desmoronando bem ali.

Logo eu, que sempre coloquei a família em primeiro lugar.

Logo eu, que tanto quis que a minha família nunca se separasse.

Logo eu, tinha perdido dez anos da vida da minha filha.

E se a culpa pudesse ter nome, era o meu.

E cada lágrima que descia, era como se tentasse compreender os 3650 dias que passei distante dela. Fora toda a gestação de Júlia, em que não estive presente.

Como ela tinha feito tudo sozinha?

Onde eu estava quando ela mais precisou de mim?

Deixei que tudo saísse, para que eu pudesse erguer a cabeça e colocá-la no lugar. Precisava dar tempo ao tempo, para conversar com calma sobre o passado, mas não poderia passar mais nenhum segundo longe da minha filha. Não mesmo.

Olhei pela nuvem de lágrimas, para o número de Júlia em meu celular, e me vi escrevendo uma mensagem. Fiquei preso ao loop de escrever e apagar a mensagem por minutos, ainda parado ali, dentro do carro. Não era o momento para iniciar uma conversa. E como se fosse antes, eu estava nervoso ao falar com ela.

O que me fez voltar a nós, anos atrás, perdidos em um começo de algo que nunca imaginei que seria tão forte. Mas não pude evitar, porque desde quando meus olhos chegaram aos dela foi como se eu soubesse.

O que eu tinha em mente?

Esperar a mulher sair do trabalho e chamá-la para um café?
Sério isso?

Mas ali estava eu, parado do lado de fora da livraria, como se tivesse um compromisso inadiável, que era conhecer um pouco mais daqueles olhos bonitos.

Onde eu estava com a cabeça?

— Oh, problemas com os mangás? — a pergunta baixa, da voz que ficou na minha cabeça desde o dia anterior, me fez encará-la.

— Na verdade... — engoli em seco. Desde quando eu ficava nervoso para chamar uma mulher para sair? Desde quando eu chamava alguém para sair? Aquela sim, era uma boa pergunta. — Queria saber se gostaria de tomar um café?

Os olhos dela se arregalaram, claramente surpresa e em seguida, pensei que me mandaria a merda, mas me surpreendendo, um sorrisinho surgiu em seu rosto.

— Já fez isso antes?

— Isso o quê?

— Chamar uma desconhecida de uma livraria para tomar café?

— Não. — Fui honesto e não pude evitar o sorriso que me veio ao rosto. — Quer transformar isso na primeira vez que eu também recebo um “sim” para esse convite?

— Não... — olhei-a um pouco abalado, porque o sorriso em seu rosto dizia outra coisa. — Não para o café, mas eu gosto de chocolate quente.

— Acho que posso encontrar um bom lugar para isso.



“E eu fiquei pensando durante a viagem: A qualquer momento agora

Ele vai dizer que é amor

Você nunca chamou aquilo pelo o que era”^[10]

JÚLIA

— Mamãe, o carro do papai não tinha música, aí eu perguntei por que, e ele me contou que era porque estava distraído tentando focar no trânsito, e também...

— Solzinho, por que a gente não deixa a mamãe só descansar um pouco e depois conta mais sobre o seu pai? — Ric perguntou, e notei o

olhar de Clara se modificar, e ela então veio até mim, que estava sentada no tapete da sala, depois de abirmos todos os presentes.

— Eu te dei um susto, mamãe?

Olhei para ela e assenti, porque de forma alguma, mentíamos uma para a outra. Era o que tentava sempre manter intacto na nossa pequena família. Segurei suas mãos e trouxe para perto, nos meus lábios, dando leves beijos.

— Desculpa, mamãe — pediu, e eu apenas fiz para que ela viesse para os meus braços.

Mesmo já com dez anos, Clara era minha protegida. Às vezes, tê-la ali, no meu colo, me fazia relembrar de como tudo era quando eu podia apenas segurá-la assim e não deixar que nada mais acontecesse. Que o mundo não a atingisse.

— Já falamos sobre isso, certo? — indaguei, e me afastei dela, mexendo em seu cabelo. — Agora, que está aqui comigo, está tudo bem.

— Mas e o papai?

— O que tem ele, solzinho?

— Está triste por que eu encontrei ele? — perguntou, tendo minha guarda toda baixa, e completamente mexida.

— Não estou triste, apenas... surpresa? — dei de ombros. — É o que você tanto queria de Natal, certo?

— É... — seu sorriso voltou ao rosto. — Ele disse que ia comprar um presente de Natal bem legal para mim, mas eu disse que não precisava, porque eu já tinha tudo o que queria.

— Estou feliz por você, solzinho.

E era verdade, mesmo que aquilo me matasse por dentro. Toda aquela situação me deixando uma bagunça, e não tinha como explicar para minha filha de dez anos, que ela ter encontrado o pai, me transformava em um completo caos.

— Vou só tomar um banho e vamos comer o resto do pudim de ontem, ok?

— Eba! — ela gritou e correu até o padrinho, que estava sentado do outro lado do tapete, apenas assistindo a tudo.

— Obrigada, Ric.

Ele apenas piscou um olho, e começou a mostrar tudo o que tinha de incrível no kit de papelaria completo que ele comprou para Clara. Nós sabíamos que ela amava duas coisas: papelaria e livros. Eu me sentia

mais do que satisfeita de saber que uma parte dela era parecida comigo, ao menos, nos gostos.

Da menina dos livros jogados fora, a menina da livraria, a mulher com o emprego fixo na livraria, a mulher que não conseguia passar um dia sem ler nem que fosse um quote na internet. Ler me fazia sentir viva, e era como se sentisse, que quando mais tarde, sozinha no meu quarto, eu estaria presa a algum livro, para expandir meu próprio mundo.

Liguei o chuveiro e deixei a água quente cair sobre meu corpo.

Minha mente pensando em momentos que não deveria, e era como se tentasse convencer a mim mesma, que não podia simplesmente instalar uma guerra com Oscar sobre nossa filha. Não sobre ela.

Eu tentava juntar os resquícios que tive dele no passado, tentando encontrá-lo e justificar a mim mesma, que talvez ele nunca tivesse descoberto de fato sobre Clara. Sempre foi uma possibilidade em minha mente. E dentre todas as que imaginei ou me foram sugeridas, era a menos pior.

— *Oi, desculpe incomodar, eu estou procurando o homem que ficou no quarto...*

— Não podemos passar informações pessoais do hóspedes, senhorita.

— Apenas o sobrenome? — tentei, forçando um sorriso a fim de parecer convincente. — Só isso, e prometo que não apareço mais aqui.

— Infelizmente...

— Eu acho que posso ajudá-la, querida.

Virei-me ao som da voz, e notei de imediato a mudança na expressão do pessoal da recepção.

— Acredito que conheço o homem que está... — então o olhar dele recaiu sobre minha barriga, que já começava a aparecer. — O pai da criança?

— O senhor o conhece? Sabe o sobrenome dele ou onde mora?

— Conheço tão bem, que posso falar por ele. — Sorriu, mas cada feição dele, mesmo que eu estivesse desesperada, me deixava um pouco incomodada. — Vamos conversar em um local fora do hotel, melhor?

— Eu só preciso da informação, senhor.

— Toledo, pode me chamar de Toledo.

Só eu sabia do tempo que encarei aquele sobrenome como um ponto de salvação. Até que o mesmo virou um tormento e amaldiçoei o dia em que conheci os Toledo. Ligando para todos os Oscar Toledo das listas telefônicas que encontrei, na internet, redes sociais... Absolutamente tudo. Procurei em uma pista, que parecia, naquele instante, um tanto falsa. Seria a certeza de que eu fui enganada, como imaginei que fosse?

Mas aquilo não mudava o fato de que Oscar nunca se dignou a me procurar também.

Por que ele faria? Minha mente zombou de mim mesma.

Porque ele te amava também. Meu coração iludido ainda parecia crer firmemente que não foi apenas um caso.

Contudo, a realidade era diferente – Oscar nunca me procurou. E pelo jeito, se considerasse as feições de claro desespero e confusão em seu rosto, assim como suas palavras desconexas, nunca soube que nossa filha existia. E ali estávamos nós, nos reencontrando novamente, por ela.

E tinha que ser o bastante para colocar uma pedra no passado.

Eu o faria ser.

OSCAR

Cada canto daquele lugar me lembrava ela.

Foi o tanto e o bastante para evitar estar ali nos últimos dez anos.

Olhei ao redor do apartamento, que praticamente foi deixado e ignorado durante todo aquele tempo, e foi como se sentisse que deveria dar um jeito naquilo e ficar ali.

Eu precisava estar, onde elas estivessem.

Parei por alguns segundos, olhando ao redor, e então meu olhar caiu em um papel amarelado e empoeirado atrás da porta pela qual tinha acabado de entrar. Assim que tomei o mesmo em mãos, elas suaram frio.

Tinha meu nome no verso e eu conhecia aquela caligrafia. Poderiam passar quantos anos fossem, mas eu tinha absoluta certeza de que era a letra de Júlia.

— Merda! — falei, para mim mesmo, xingando e maldizendo o tempo que eu fiquei fora.

O tempo que corri dali.

O tempo que não me permiti estar ali por ela.

Por que eu não tinha cedido à curiosidade e buscado saber dela?

Eu tinha perdido dez anos da minha filha, pelo medo do amor que sentia pela mãe dela. Dez anos. Praticamente uma parte da vida dela, que eu perdi. Por minha culpa. Por mais que pudesse ter me exaltado e talvez até culpado Júlia por alguns segundos, lá no fundo, eu sabia. Se doía tanto, era porque quem nos trouxe até aquele momento fui eu.

— Você deixou uma carta... — falei para nada, como se fosse possível falar com a mulher que a escreveu. — O que mais você fez nesses anos todos?

Eu tinha tantas perguntas para fazer, e ao mesmo tempo, temia tanto que as respostas simplesmente me atingissem com mais culpa ainda. Mas eu a merecia. Merecia cada parte da culpa que pudesse carregar ou achasse que não daria conta. Eu merecia.

Abri o envelope, e assim que retirei o papel de dentro, tive me sentar no sofá empoeirado e deixar que a verdade me atingisse, mais uma

vez, como Clara o fez, naquela manhã.

Eu nunca esqueceria as primeiras palavras dela para comigo:
Feliz Natal, papai.

E lá estavam as lágrimas em meu rosto novamente.

“Querido Oscar,

Lembra quando te disse que adorava quando os personagens escrevem cartas nos livros? É estranho que nesse momento, eu me veja como uma personagem, e talvez, essa carta nunca chegue até você...”

A cada linha que se passava, eu estava me segurando para não sair dali, tomar aquela mulher nos braços e pedir perdão por não ter ficado. Que ela pudesse me perdoar por não estar ali por ela, por Clara.



“E lá estamos nós outra vez quando ninguém precisava saber

Você me manteve como um segredo, mas eu te mantive como um juramento

Oração sagrada, e nós juramos

Que iríamos lembrar disso tudo muito bem, é”^[11]

JÚLIA

Uma mensagem de Oscar, foi tudo o que tive na noite anterior, e agora eu estava de pé desde as cinco da manhã, andando de um lado para o outro na sala de estar.

— Vai abrir um buraco no chão.

Virei-me ao som da voz de Ric, que já parecia pronto para ir embora, e sorri para o meu amigo.

— Não é todo dia que o pai da minha filha vai realmente aparecer aqui na porta de casa... — dei de ombros.

— Eu sei que ele é mais do que o pai da sua filha, JuJu — falou suavemente, e se aproximou, respirando fundo. — Deu para ver claramente quando estava próxima a ele.

— Não importa o que eu senti no passado, Ric.

— Importa o que sente agora, então? — indagou, e ele me conhecia muito bem. Escolhi o silêncio, porque não saberia como responder àquela pergunta. — Apenas tome cuidado não só com Clarinha, mas com o seu coração.

— Meu coração foi quebrado há muito tempo, sem chance de reparo.

Ele apenas negou com a cabeça e me deu um leve abraço, antes de ir em direção à porta.

— Obrigada, por estar aqui pela gente, como sempre.

— A gente cuida um do outro, lembra? — assenti, e ele sorriu, ao abrir a porta para passar. — Bom dia, Oscar.

Oscar já estava ali?

Meu corpo todo paralisou, e dei um passo atrás, quase que em desespero.

Foi então que o olhar de Ric voltou para o meu, vi o sorriso cínico em seu rosto, e sabia que ele estava me testando.

— Cretino! — bati em suas costas, forçando-o a abrir a porta totalmente, e não tinha ninguém ali, como eu suspeitava. — Por que brinca com isso?

— Para que se lembre de tomar cuidado. — Piscou um olho e se afastou, quando tentei bater em suas costas novamente, o que o fez correr em direção aos elevadores. — Também te amo, Juju!

— Ridículo! — sussurrei, para não acordar os vizinhos às sete da manhã, e apenas esperei ele entrar no elevador, para voltar para dentro. — Pra que um inimigo se tenho um melhor amigo desses? — ri sozinha, porque Ric tinha aquele poder sobre mim. Fazer-me sorrir, mesmo em meio ao caos.

Vi-me indo até o armário do escritório que acabei fazendo em um cantinho da nossa sala de estar. Um jeito de trabalhar e ter os olhos em

Clara, quando ela se empolgava que a sala era seu salão de princesa. A chave ficava no alto, acima do armário, e então a peguei.

Dei uma breve olhada no corredor, para saber se Clara tinha acordado e estava apenas me sondando, como ela geralmente fazia, mas não havia nem sinal dela. Acreditava que toda a emoção do dia anterior, de o pai estar na vida dela, tenha drenado toda sua energia. Ela tinha apagado no tapete da sala, após ver todos seus presentes.

Assim que abri o armário, minha mão foi de imediato para o item em branco, colocado dentro de um plástico, como se pudesse conservá-lo. Aquela era uma promessa silenciosa que Oscar me deixou, e sabia que era um dos motivos de eu ter uma pasta enorme, ao lado daquele item, que tinha as cartas que escrevi para ele, com fotos e outros detalhes sobre a vida de Clarinha.

Dez anos escrevendo cartas e não tendo um endereço para mandá-las. Eu deveria entregá-las agora? Talvez no fundo, bem lá no fundo, a esperança de que Oscar não fosse o que tanto parecia ser, após dez anos de completo silêncio e perda, fez-me criar aquilo.

Por ele. Por Clara.

Passei as mãos pela grande pasta e sabia que tinha um local vago ali, da primeira carta que escrevi para ele, mas cometi o erro de tentar

entregar. O que eu tinha em mente? Talvez, eu estivesse grávida e desesperada, e burlar regra de um prédio e conseguir jogar uma carta por debaixo de uma porta, não fosse um grande empecilho. Não naquela época.

Porém, eu me lembrava do que me esperava à beira do prédio – Toledo. Como se a lembrança recorrente de que Oscar não ia mais aparecer, ou que talvez, nunca tivesse sido real.

— Mamãe!

A vizinha me fez fechar o armário rapidamente e me virei, encontrando Clara coçando os olhos, como se ainda estivesse no momento pós-sono.

— Bom dia, solzinho.

— Bom dia... — bocejou alto, e então tampou com a mão, deixando os olhos ainda mal abertos. — O papai já chegou?

Sua pergunta me fez acreditar que Oscar “não importava o sobrenome que fosse”, era uma realidade. Porque Clara era uma realidade da névoa em que entramos a mais de dez anos atrás.

— Ainda não — falei, e me aproximei dela. — Mas ainda faltam algumas horas para ele chegar... Desde quando acorda tão cedo nas

férias?

— Acho que tô ansiosa, igual quando a gente vai viajar... — comentou, e eu a virei no corredor, levando-a de volta para o quarto. — Podemos terminar de esperar o papai na sua cama?

— Faz tempo que não dorme comigo, se pararmos para pensar... — provoquei, e ela me encarou, os olhos verdes idênticos aos de Oscar, me encarando com deboche. — Vem, solzinho.

Fomos para minha cama, e tentei me ajeitar de uma maneira que finalmente o sono me encontrasse. Ainda faltavam duas horas para Oscar chegar, mas era como se eu tivesse certeza de que não apagaria, ou dormiria muito mal, como na madrugada.

— Boa... Bom cochilo, mamãe — Clara falou, enrolando-se ao meu lado no cobertor, e passei um braço sobre ela.

— Bom cochilo, solzinho.

E então ficamos ali, no nosso mundinho de duas, que era assim há tanto tempo, como se tentasse entender, como mais alguém adentraria aquele universo. Era possível?

E antes que eu encontrasse a resposta, se era que a encontraria, o sono me bateu à porta, e deixei meus olhos se fecharem. Era o que Clara

me trazia, junto a mim – a paz que eu necessitava. Ela era minha paz.

— Por que está com tanto sono, olhos bonitos? — senti beijos contra minhas pálpebras, e sorri preguiçosamente, mexendo meu corpo, e sentindo que o dele estava sobre mim. — Te dei uma canseira?

— Eu acho que não te cansei o suficiente, para estar tão falante às...

— Nove da manhã!

— O quê? — minha voz saiu quase em um grito e arregalei os olhos.

— Hoje é domingo. — Relembrou, e eu fiz as contas em minha mente, se eu trabalhava naquele domingo ou não, e felizmente, elas foram boas para mim. — E sei que não trabalha nesse domingo.

— Como sabe tanto sobre mim, CEO cowboy?

— Por favor, posso ter um apelido melhor? — provocou, e deu um leve beijo em meu nariz.

— Tem que fazer por merecer. — Pisquei um olho e ele me encarou como se fosse um desafio.

— Vou tornar isso muito... — sua voz soava perigosa e senti todo meu corpo se arrepiar por ele. — Muito pessoal... — praticamente sussurrou, seus lábios bem próximos aos meus.

E eu só queria que ele os tomasse como seus.

O barulho alto da campainha, me fez sentir um peso sobre meu corpo e o grito alto de criança, me fez quase que rolar para fora da cama.

— O papai chegou!

Pisquei algumas vezes, ainda me acostumando com a realidade, e então entendendo que foi um sonho. Um sonho que há muito tempo eu não tinha. Ao menos, tentava ao máximo não me lembrar de Oscar, para não tê-lo em memórias nos meus sonhos. Mas como o faria, se ele estava, possivelmente, do outro lado da minha porta?

— Primeiro, escovar os dentes... — Clara falava alto, consigo mesma, completamente parecida comigo. — Depois, lavar o rosto...

— Importante ir para o banheiro, em primeiro lugar... — ela soltou outro gritinho e correu em direção ao seu banheiro, que ficava no

corredor. Eu ri sozinha, me levantando da cama, e feliz por já ter ficado basicamente pronta para recebê-lo. Neguei-me a ir ao espelho e me encarar novamente. Eu não tinha que ficar bonita para o pai da minha filha. Eu não tinha.

— Eu vou receber o seu pai, certo? — indaguei, e ela assentiu animada, enquanto me mostrava os dentes todos cheios de pasta, os quais ela escovava.

Como nós tínhamos simplesmente apagado?

Olhei para o relógio na sala, e já eram realmente nove horas. Suspirei, encarando a porta de madeira, e tentei não respirar fundo. Por que eu estava tão nervosa? Ok, eu tinha uma dezena de razões para estar assim. Ainda assim, eu não queria estar.

Parei então de pensar e apenas a abri, dando de cara com os olhos verdes que me acompanhavam desde que me atingiram pela primeira vez. E por um segundo, soube porque eu estava tão nervosa assim. Não era apenas pelo fato de que a presença do pai de Clara mudava por completo a vida dela, mas porque mudava por completo a minha também. Principalmente, por meu coração ainda bater descompassado pelo homem à minha frente.



“E sei que isso foi há muito tempo

E que não havia mais nada que eu pudesse fazer

E eu esqueço de você por tempo suficiente

Para esquecer a razão de precisar te esquecer”^[12]

OSCAR

— Oi — falei, piscando algumas vezes, sem saber como perdia completamente meu jeito à frente daquela mulher. Como ela tinha tal poder? Como ela ainda tinha tal poder?

— Bom dia, Oscar.

Ela parecia tão cheia de si, e tão bem, que me assustava a forma como eu parecia um menino perdido. Ela percebia aquilo?

— Eu não sabia o que ela gostava, então eu comprei uma coleção de mangás infantis que Talita me disse que eram bons...

Os olhos de Júlia brilharam, no momento em que levantei a grande sacola de embrulho.

— Ela vai amar — falou, e me deu espaço para entrar, mas eu parecia preso ao chão.

Olhos castanhos um pouco inchados, talvez pelo sono, o cabelo ondulado que eu me lembrava de ser tão sedoso, a pele bronzeada – diferente do passado, o que me deixava curioso com o que ela fazia para mantê-lo, e os lábios cheios, claramente sem qualquer maquiagem. Ela era tão bonita, que naquele momento, dez anos depois, eu continuava embasbacado.

— Você pode entrar, Oscar.

— Desculpe, eu... — engoli em seco. — Isso está sendo estranho para você também? — indaguei, sem conseguir evitar, e meu olhar parou no seu. — Merda, eu...

— Acho que não tem como ser simplesmente normal. — Deu de ombros, fazendo um sinal com a cabeça, para que eu entrasse.

Finalmente o fiz, meu olhar percorreu seu apartamento, e pude ver a grande estante de livros que tinha ali, uma mesa de trabalho e o sofá enorme, com um tapete tão grande quanto.

— Com licença — pedi, dando outro passo para dentro.

— Solzinho...

Não pude evitar um sorriso, ao vê-la chamar nossa filha assim, e logo Clara apareceu no corredor, ainda de pijama e sorrindo amplamente.

— Oi, filha — falei, a palavra saindo tão livremente que me assustou.

— Bom dia, papai.

Ela então veio até mim, e me ajeitei para aceitar seu abraço e não deixar o presente cair. Os braços pequenos, de repente, eram meu lugar favorito do mundo. Como aquilo era possível?

Foi então que meu olhar encontrou o de Júlia, que pela primeira vez naquela manhã, demonstrava algo. Ela estava claramente emocionada. No meu olhar, era como se eu perguntasse silenciosamente: é realmente assim? E então ela assentiu, como se pudesse me ler, como

se ainda estivéssemos uma década antes, e ela conseguisse enxergar através de mim. Como ninguém mais conseguiu fazer.

— Eu trouxe um presente, mas não sei se vai gostar e...

— O senhor foi meu presente de Natal, o melhor deles. — As palavras de Clara me atingiram em cheio. — Por que todo mundo chora quando digo algo?

— Solzinho... — ela então se virou para a mãe. — Por que não olha o presente que seu pai comprou?

A pequena assentiu e então me encarou.

— O que é, papai?

Para ela parecia ainda mais fácil apenas me chamar assim, como se eu não tivesse ficado uma década longe de sua vida. Como se eu não tivesse ideia de como foi para ela, no começo. Sendo que eu deveria estar ali, desde o resultado positivo.

— Algo que sua mãe gosta, e que uma amiga também gosta, e... — me enrolei um pouco, e então apenas peguei a sacola e coloquei à sua frente. — Se não gostar, você pode falar.

— São da minha livraria favorita — ela falou, abraçando o embrulho, os olhos verdes brilhando e eu fiquei ficcionado à cena. — Me

ajuda, mamãe?

Júlia se agachou e ajudou-a a tirar da sacola, e abrir o pacote com cuidado, claramente para não estragar.

— Kodomos! — ela falou animada, ao encarar a coleção e então seu olhar parou no meu. — Eu sempre quis ter! Eu amo ler! Como sabia? — ela perguntou, se levantando do tapete e correndo para os meus braços e me abraçando. — Obrigada, papai.

Ela se afastou e correu de volta para os mangás infantis, e fiquei tentando entender o que acontecia. Todo aquele sentimento tomando conta do momento e eu queria permanecer para sempre, apenas a olhando sorrir.

— Eu... — tentei responder suas perguntas, mas notei que ela já estava empolgada abrindo o primeiro e folheando, totalmente encantada.

— Ela é uma pequena metralhadora de perguntas e não espera respostas... — Júlia comentou, sentada ao lado dela. — Vai se acostumar, se... — ela logo engoliu em seco e encarou a filha. Era como se eu pudesse ler o que estava em sua mente naquele momento “se ficar”.

— A gente pode colocar na minha estante e eu vou ler o primeiro mais tarde — Clara falou e levantou-se rapidamente. — Vem ver a minha

estante e o meu quarto, papai?

Olhei rapidamente para Júlia, como se pedisse permissão e ela assentiu levemente, portanto apertei a mão que Clara estendia, e a segui pelo corredor.

Fotos estavam espalhadas por ali, e não me passou despercebida a foto que tinha ela, Ricardo e Clara. Existiam muitas delas. O que ele era para Clara? O padrinho, e pelo jeito, a figura masculina em sua vida. O que ele era para Júlia? Era algo que não tinha ideia, ao mesmo tempo, que só podia conectar, anos atrás a ele. Só poderia ser ele, ao lado dela, me fazendo recuar.

Fazia um ano, ou talvez mais que isso. Mas tudo que poderia pensar, quando tive que pisar naquela cidade novamente era em Júlia. Olhos castanhos bonitos que me perseguiram por todo aquele tempo. Eu sequer fui até o apartamento, correndo para a livraria em que a conheci, e torcendo para que ela ainda trabalhasse ali. Que eu pudesse encontrá-la. Que eu tivesse como explicar algo, sobre o porquê de ter sumido.

Porém, assim que me aproximei da rua em que ficava a livraria, eu a vi. Ela estava sendo girada no meio da rua, animada, praticamente dançando ali. Do mesmo jeito que um dia ela o fez comigo, mas a

diferença era que não era pros meus braços que ela foi, após com certeza ficar tonta, e precisar de apoio.

Ela sorria para o homem à sua frente, o qual fez um carinho em seu cabelo, e sussurrou algo, fazendo-a gargalhar. Ela estava feliz. E meu mundo inteiro se partiu.

Porque eu estava um ano atrasado.

E talvez fosse a confirmação que precisava dar a mim mesmo, de que não era o suficiente para ela, não o que eu poderia oferecer. O brilho da mulher por quem eu me apaixonei, ainda completamente intacto, enquanto em me apagava, ao assisti-la sorrir e conversar animadamente com o cara que eu desconhecia.

Fiquei apenas parado ali, por alguns segundos, como se esperando, que de alguma forma, eu pudesse vê-la de frente, e seus olhos bonitos encontrariam os meus. Ao menos, uma última vez. Contudo, ela não se virou. Como se fosse para ser.

Ela apenas aceitou o braço do homem, e seguiu pela rua. E eu fiquei ali, parado, vendo-a ir. E soube que talvez amar alguém fosse realmente deixar ir. Assim como eu a deixei uma vez, sem poder realmente ficar, assim como eu a deixava agora, porque ela tinha encontrado algo melhor.

— Papai?

Pisquei algumas vezes, voltando à realidade e encarando o quarto colorido e a grande estante que ela tinha, quase completa com livros, histórias em quadrinhos e agora teria os mangás infantis, ou kodomos, como ela tinha dito. Talita não falhou em me explicar o termo correto.

— Sim, solzinho.

Notei ela dar uma risadinha, e então tentei correr para me desculpar.

— É o meu apelido favorito — ela falou e sorriu abertamente. — Você pode me chamar assim, papai.

Suspirei fundo e passei as mãos por seus cabelos, sorrindo para ela. Notando nos seus traços, o que era meu e o que era de sua mãe. Uma junção perfeita de nós dois.

— Obrigado, filha.

Porém, eu queria dizer muito mais com aquele agradecimento. Não apenas pelo apelido. Mas por tudo. Por ela existir. Por ela me encontrar. Por ela querer me encontrar. Por ela ser minha filha. Por ela querer ser minha filha.

Obrigado por se tornar meu sol também – era o que gostaria de dizer.



“Chegamos aqui da maneira difícil

Todas aquelas palavras que trocamos

É de se admirar que as coisas quebraram?”^[13]

JÚLIA

Eles pareciam apenas o complemento um do outro.

Olhei para a felicidade da minha filha, em mostrar cada cantinho de seu quarto para o pai e como aquele momento era especial para ela. E mesmo que minha mente pudesse me enganar, eu via o quanto estava

sendo para Oscar. Eu ainda tinha tantas questões, tantas perguntas para fazer, mas deixei guardadas.

Para o momento certo de trazê-las à tona. Não com a felicidade clara no rosto de minha filha.

— E como é o seu quarto, papai?

A pergunta de Clara me fez voltar o passo, que daria até a cozinha para pegar água. Ela estava sentada na cama, Oscar ao seu lado, olhando tudo ao redor, e parecendo surpreso com o mini-interrogatório.

— Ele é bem mais escuro que o seu, quer dizer, as cores — comentou, e então apontou para um dos brinquedos dela, que era azul-escuro. — Acho que quase tudo dentro dele é dessa cor... Mas a vista compensa.

— Vista?

— Eu moro em uma fazenda — ele comentou e eu estava ali, embasbacada como Clara. — A Fazenda Esteves, onde eu e seus tios cresceram. Hoje, moramos eu, Juan – o mais velho, a esposa – Guta, a filha deles e sua priminha – Lua, e Flávio – meu irmão caçula.

— Não é muita gente para uma casa só?

Oscar riu de lado, claramente adorando aquilo. E nos olhos iguais aos dele, eu via a curiosidade que Clara sempre apresentou.

— É uma casa beeeem grande — comentou, e minha mente viajou, fazendo-me recordar do que Toledo me disse no passado, mas tentei afastar o pensamento.

— Igual a da irmã do tio Ric?

— É... — notei o tom de Oscar mudar. — Só que no meio do mato.

— E tem vaquinhas, cavalos e bois, e pássaros e...

— Muitos animais, sim — ele respondeu, e Clara tinha um brilho sem igual no olhar. — Vocês são mais do que bem-vindas lá.

Não me passou despercebido, o fato de que ele me incluía no convite.

— Mamãe, podemos ir ver as vaquinhas na fazenda que o papai mora?

Então o olhar de minha filha estava no meu.

— Podemos conversar sobre isso depois, tudo bem?

— Mas... — olhei-a, de forma firme, a qual emburrou um pouco o rosto, mas sabia que não discutiria mais. — Convince a mamãe pra gente ir ver as vaquinhas... — ela sussurrou para Oscar, mas não baixo o suficiente, e notei o sorriso que se espalhou pelo rosto dele.

— Segredinhos, já? — provoquei, e ela me encarou, como se não fosse nada demais. — Por que não vai tomar seu banho, enquanto eu faço algo bem gostoso para gente comer? — indaguei, e ela praticamente pulou da cama.

Notei que seu sorriso se desfez de repente, e ela encarou Oscar.

— O senhor vai estar aqui quando eu voltar? — ela perguntou, e por mais que Clara tivesse apenas dez anos, em alguns momentos, ela era tão intensa, que chegava a tocar no âmago.

— Sempre.

Ela foi para os braços do pai e lhe deu um abraço apertado, claramente satisfeita com a resposta, enquanto eu mantinha um rosto neutro, tentando não cair como um patinho por um rosto com sorriso bonito.

— Vou colocar meu vestido favorito e as sandálias coloridas — falou animada, e a ajudei a pegar os itens, e a toalha, indo com ela até o

banheiro.

— Tudo certo, solzinho?

— O papai me chamou assim — falou de repente, antes de começar a tirar o pijama. — Tudo bem, mamãe?

— Você gostou? — indaguei, e ela assentiu. — Nesse caso, por que está me perguntando sobre isso?

— Porque você é minha mamãe — falou, e lá estava ela me acertando por completo por dentro. — Eu e a senhora, sempre? — ela estendeu o dedo mindinho em minha direção, e eu o apertei com o meu, na nossa promessa eterna.

— Sempre, meu solzinho.

Apertei suas bochechas e ela deu um gritinho em meio ao riso.

— Qualquer coisa, só me gritar...

— Tá bem.

Fechei a porta atrás de mim, e logo a ouvi começar a cantarolar. Tinha momentos que tinha certeza de que estava criando, sem querer, uma mini-versão de mim.

Eu sorria com o simples pensamento e caminhei em direção à cozinha, no meu caminho rotineiro, de todas manhãs.

— Júlia...

O chamado pelo meu nome, me fez voltar à realidade de que não estávamos apenas nós naquele apartamento, como sempre. Nada era mais como sempre.

Oscar estava parado no meio da minha sala, claramente desajustado e não sabendo muito bem como proceder.

— Eu vou fazer algo para comermos, se quiser sentar... — ofereci, pela boa e velha educação que eu carregava, mas a realidade era que em momentos como aqueles, só queria que ele não estivesse ali.

Porque por mais que eu quisesse que Clara o tivesse em sua vida, eu não sabia como era tê-lo em minha vida. E por dentro, cada segundo próxima a ele, me matava.

— Eu... — notei-o passar a mão pelo cabelo bem-cortado, quase como o de dez anos atrás. — Eu não quis passar do limite, ao convidá-las para a fazenda.

— Acho que precisamos ter uma conversa sobre... Sobre cada um de nós, antes de qualquer passo assim — falei e dei uma volta no balcão,

indo até a geladeira, para tirar o pão de queijo que tinha no congelador. — Talvez eu saiba o seu sobrenome agora, porque Ric me falou e seu irmão mais velho disse o nome dele, mas... Eu não sei nada concreto sobre sua vida, Oscar. Não sei o que faz, não sei onde mora... E também deve saber o mesmo tanto sobre mim.

— Acho justa uma conversa sobre isso.

— Ótimo — falei, tentando forçar um sorriso, e coloquei os pães de queijo na air fryer. — Eu sou Júlia Medeiros, tenho trinta e um anos, sou formada em Letras, atuo de forma independente como revisora de livros de autoras nacionais, moro de aluguel aqui há muitos anos, tenho um carro, e temos uma vida estável, no quesito de que nada faltou para Clara... — falei, como se justificando aquela conversa que parecia mais o meu próprio dossiê. — Posso te passar depois tudo a respeito de onde ela estuda, como estão as notas e...

— Parece uma transação comercial, falando desse jeito — comentou, e não soube fazer nada além de dar de ombros.

— Não acho que exista uma forma de fazer isso ser romântico, Oscar. — Baixei a cabeça, procurando as cápsulas de café que sempre mantinha, por conta de Ricardo. Assim que as encontrei, coloquei sobre o balcão, e notei o olhar surpreso de Oscar sobre as mesmas.

— Toma café agora?

— Não, mas não falta por aqui por conta de Ric — falei despreocupadamente e notei o olhar dele mudar. — Ele é o padrinho de Clara, mas isso já sabia.

— Certo... — seu maxilar estava cerrado, e eu indiquei as caixas, para que ele escolhesse algum, mas ele pareceu sequer notar. Então escolhi de forma que soubesse algo ainda sobre ele, pegando o mais forte que tinha ali. — Oscar Esteves, trinta e cinco anos, moro no interior do estado numa pequena cidade onde fica a Fazenda Esteves, sou responsável pela parte de investimentos e acordos por todo país, agora ainda mais, que meu irmão teve uma filha e bom... tenho três irmãos, Juan, Franco e Flávio, duas cunhadas, Augusta e Carolina Reis.

— Augusta não é uma Reis, certo?

— Não, ela é uma Toledo. — Naquele momento, quase derrubei a água que peguei para colocar no reservatório da cafeteira. — Tudo bem, Júlia?

— Não, apenas... Continua. — Tentei incentivar, enquanto juntava as peças em minha mente, mas elas não faziam sentido algum.

— Sou formado em administração, e quase não me formei na realidade, mas... — notei-o se calar, no momento em que a cafeteira começou a funcionar. — Acho importante saberem que eu tenho muito dinheiro, e o que precisarem, seja o que for, eu posso e sempre vou ajudar.

— Bom, agora sim, parece um negócio — falei, sem conseguir morder minha língua antes, e notei a forma como ele pareceu ser atingido pelas palavras. — Eu só não consigo evitar ter uma resposta pronta para você.

— Eu sinto muito, Júlia.

— Pelo quê? — rebati, tentando aliviar o clima com um sorriso forçado, e me virei para pegar uma garrafa d'água na geladeira.

— Por não estar com você.

Meu corpo parou no mesmo instante.

— Por não estar lá quando acordou.

— Não...

— Por não estar lá quando descobriu sobre Clara.

— Não...

— Eu li sua carta.

— Não, Oscar. — Virei-me, e o encarei. — Não agora. — Olhei-o profundamente. — Está mais de dez anos atrasados para ter o direito de resposta daquela carta.

— Eu sei — ele falou, como se rendido. — Eu sei que não deveria sequer falar sobre nós...

— Não existe “nós” nessa situação e em nenhuma outra, Oscar. — Tentei ser o mais clara possível. — Eu escrevi aquela carta quando estava desesperada, perdida e confusa. Não tem como pensar que sou a mesma de dez anos atrás, ou que qualquer coisa que existiu naquela época, ainda existe.

— Eu não quero te pressionar sobre isso, eu só...

— Olha, o foco é a nossa filha — falei de uma vez, e respirei fundo, contando até dez no meio do caminho. — Podemos apenas seguir nos termos de que eu acredito na sua palavra, de que não sabia sobre ela, e você respeita o fato de que não quero falar sobre o passado.

— Nunca vamos falar sobre isso?

— Por que falar sobre isso? Muda algo? Muda o exato momento em que estamos vivendo? — dei de ombros. — Se Clara não tivesse

quebrado todas as regras, e encontrado sua foto que eu deixei sem querer caída sobre a mesa, e saído escondida para o único lugar que ela conhece próximo daqui, e você por alguma intervenção do destino foi parar no mesmo lugar, eu teria te visto de novo? — aquilo estava se tornando mais pessoal do que gostaria de demonstrar. — Ela conheceria o pai?

— Eu não tenho como te dar uma resposta sobre o que já passou, Júlia.

— Então agora me entende, não é? — ele assentiu, olhando-me com tamanha culpa, que eu poderia senti-la de longe. — Vamos acreditar no acaso e no destino, e vou lhe dar um voto de que não vai partir e quebrar o coração da nossa filha... Mas é apenas um voto, Oscar.

— Sei que não tenho qualquer moral com você para prometer algo, mas... Eu nunca abandonaria Clara, e jamais vou abandoná-la.

Mas me abandonou – era o que ficou preso em minha mente, e felizmente, tranquei minha boca. Como eu poderia apenas confiar na palavra de um completo desconhecido?

Se o amor era realmente cego para todos, eu não sabia. Mas com certeza, poderia usar tal definição para mim, já que caí tão facilmente e livremente, sem pedir, querer ou exigir nada, que só poderia ser considerada maluca.

Uma vez, e eu estava quebrada. Duas vezes, eu jamais arriscaria.

O que eu estava pensando?

Não era como se Oscar estivesse pensando naquilo como eu. Ele só parecia querer deixar tudo certo, e então, seguir em frente. Nada mais.

— Café forte e sem açúcar. — Entreguei-lhe a xícara e ele assentiu, como se agradecendo. — Os pães de queijo ficam pronto em poucos minutos.

— Eu estou bem, Júlia, mas obrigado — assenti, finalmente voltando para a geladeira e pegando minha garrafa de água. — Está cheia de trabalho nesse começo de ano?

— Na verdade, não, eu geralmente tiro férias nessa época, para poder ficar junto a Clarinha... — respondi, um tanto desconfiada. — Por quê?

— Porque queria que conhecessem a Fazenda Esteves, e talvez fosse bom fazer um quarto para Clara lá, e claro, um para você...

— Eu... — pisquei algumas vezes, confusa. — Muita informação, do nada. — Neguei com a cabeça, e bebi um pouco mais de água. — Quer fazer um quarto para ela, na sua casa?

— Quero fazer parte da vida dela, Júlia. — Olhei-o, tentando entender que aquilo era normal. Era normal um pai querer fazer parte da vida da filha. O problema era que eu não imaginava dividi-la. — E claro, vou ter meu apartamento aqui na capital, e tem um quarto que posso transformar em dela também e...

— Não tenho ideia, pra ser honesta. — Fui sincera. — Eu nunca pensei em como seria dividir a vida de Clara, dessa forma. Como vai ser para colocar seu nome na certidão dela? Como vai ser para dividir e ela entender que agora não tem mais uma, mas três casas? Como vai ser o tempo dividido entre nós dois? E feriados, datas especiais e... Não tenho noção de como vamos fazer isso.

— Eu também não — admitiu, e tive que sorrir em claro desespero, e vi-o fazer o mesmo. — Mas vou dar o meu melhor, e fazer o que for mais confortável e melhor para vocês.

— Pelo menos a gente está de acordo com alguma coisa — falei, sem querer pensar na sua última fala. — Que não sabemos como fazer isso funcionar, mas vamos tentar.

E de repente, eu não falava com um desconhecido qualquer. Era o desconhecido que um dia foi o amor da minha vida e quebrou meu

coração, e também o pai da minha filha, que estava na vida dela, e não tínhamos ideia de como fazer algo ter sentido.

Toda aquela situação tinha sentido?



“Só dói tanto assim agora

É o que eu estava pensando o tempo todo

Inspire, respire fundo, expire

Eu vou levar a vida toda para te superar”^[14]

OSCAR

— E como foram as coisas?

Dei um pulo no momento em que o elevador parou no meu andar e não tinha ideia de como Flávio tinha ido parar ali.

— Que diacho você faz aqui?

— Eu tive que te investigar — falou, cutucando meu peito. — Como está minha sobrinha? E a mãe dela, minha ex-futura cunhada?

— Clara, minha filha, está o solzinho mais precioso do universo — Respondi, indo até o apartamento e abrindo a porta, revirando os olhos para o momento em que Flávio adentrou o mesmo, olhando-me de cima a baixo.

— E a minha futura ex-cunhadinha?

— Ela me odeia, Flávio — falei o óbvio. — Acho que só não é ódio, porque Júlia é boa demais para isso, mas eu tenho uma pequena noção do quanto a magoei e são dez anos perdidos...

— Estamos na aposta se ela é só melhor amiga de Ricardo ou...

— Filho da... — Tentei acertar um tapa em sua orelha e ele desviou. — Quem inventou essa merda?

— Talita.

— Por que não estou surpreso? — revirei os olhos e ele deu de ombros. — E qual conclusão a maioria imbecil dessa aposta chegou?

— Que você vai cair na porrada com Ricardo cedo ou tarde, ou vão viver tipo Gael e Nero...

— Eu não vou viver nada disso — falei, sabendo que ele se referia ao fato de que Gael — o irmão da sua melhor amiga, até hoje era motivo de ciúmes para o marido da irmã mais velha de Ricardo. Uma bagunça que apenas eles sabiam explicar. — Júlia tem uma barreira pior do que a que Juan tinha.

— Que merda você fez?

— Fora o fato de perder dez anos da nossa filha? — Eu o fiz tirar o pé de cima do sofá, e me joguei na poltrona à frente. — Eu... Eu desisti de Júlia. Desisti do que sentia, achando que era o certo.

— Por que eu tô sentindo que algum de nós tem culpa nisso? — indagou de repente, como se tentando me dissecar. — Nem me olha desse jeito! Todo Esteves tem alguma escolha burra por conta da família... Por que você seria diferente?

— Vocês precisavam de mim, principalmente Juan. — E então Flávio pareceu entender exatamente quando foi.

— Foi bem naquela época? Quando eu te liguei e... — Assenti e ele soltou o ar com força. — Merda, irmão! E nunca mais voltou?

— Foi o tempo que levamos para rearranjar as coisas sem que Juan soubesse... — dei de ombros. — Mas eu devia ter tirado qualquer mínimo tempo e vindo, e... Enfim, quando eu voltei, ela estava com outro. Ou talvez fosse Ricardo. Ou talvez agora seja Ricardo o cara na vida dela. A questão é que eu achei que ela tinha seguido em frente, e então... sabia que estava melhor sem mim.

— E agora?

— E agora, o quê? — indaguei, passando as mãos pelo pescoço, claramente perdido.

— Acha que ela ainda está melhor sem você?

— Acho que nem sei mais quem ela é, Flávio. — Fui honesto. — Mas é como se cada parte de mim, ainda soubesse que é ela... Do mesmo jeito que me senti quando a conheci, até quando eu a reencontrei, até o dia do Natal.

— Não pode se jogar de joelhos e implorar perdão, um pedido de casamento e uma família feliz para sempre?

Joguei a almofada que estava em meu colo, bem na cara dele, que a segurou.

— É brincadeira, mas é verdade... — usou o ditado, e queria socar a sua cara. — Vai que funciona?

— Somos em quatro irmãos, por que não vai atazanar os outros dois? — indaguei, e ele revirou os olhos. — Sei que sou seu favorito, Simba. — Usei o velho apelido, e ele riu de lado.

— Será que Clarinha vai gostar do fato de que o pai dela tem o apelido do Scar do Rei Leão? — provocou. — Sabe que o Scar fica sozinho no final, né? Já o Simba...

— A culpa é sua por eu ter esse apelido ridículo, mas é algo bom para perguntar a Clara. Se ela gosta de Rei Leão.

— Podemos fazer a sessão Rei Leão 1, 2, 3 e LIVE ACTION, e tudo mais que tiver, além de claro, chamar a *primaiada* toda e...

— Ainda tenho que ver se elas vão até a fazenda, e preparar um quarto de lá para Clara.

— E um quarto para Júlia?

— Sim, mesmo que ela queira me matar por isso — respondi, e ele me encarou de forma maliciosa. — O quê?

— Pode preparar o seu e dizer que é o dela...

— Apenas cale a boca, Flávio!

Ele riu alto, e sabia que era sua especialidade, tirar qualquer um do sério com seu bom humor.

— Mas algo sério, era o que estava falando com nossos irmãos...

— Sobre?

— Bom, como ela não chegou até você?

— Ela não sabia meu sobrenome, e bom, a gente mora no fim do mundo e não tinha contatos pessoais na capital... Como ela acharia?

— Eu não sei, irmão. — Deu de ombros, e pareceu pensar sobre.

— Algo parece errado, na forma como Ricardo te atacou, como se ele tivesse certeza de que você as abandonou.

— Estou tentando descobrir como posso, mas Júlia não quer falar sobre... — deu de ombros. — Quem sabe, um dia, eu descubra.

— Eu espero que sim, irmão.

Eu também.

JÚLIA

— Clarinha já está dormindo? — Ric perguntou, assim que abri a porta do apartamento e fiz um sinal para que ele entrasse em silêncio. — Acho que tudo isso com Oscar a fez gastar toda energia.

— Ela está animada — comentei, ajudando-o com as sacolas de comidas, que como sempre, eu dizia que não precisava. — Quem pode culpá-la por querer estar perto do pai?

— Bom, eu até queria estar perto do meu, até descobrir que ele é um merda.

— Eu não tive um, então... — dei de ombros, e ambos nos olhamos, como se com pena um do outro e rimos em seguida. — Que os nossos problemas paternos nunca interfiram, amém!

— Você é uma mãe incrível, sabe disso, certo?

— Agora, eu nem sei direito em que página estou da minha vida. — Fui honesta. — Oscar mora no interior e tem um apartamento na cidade, quer fazer um quarto para Clara nos dois lugares e... Eu to desesperada, Ric.

— Posso quebrar a cara dele de novo, se quiser.

Comecei a rir baixinho, mas parei no segundo em que repassei as palavras dele em minha mente.

— Como assim “de novo”?

— Eu não pensei muito quando ele apareceu com Clarinha, pedi para Verô ficar com ela, e assim que ela saiu de perto, eu só vi minha mão na cara dele.

— Ricardo! — falei, batendo contra seu braço e ele se esquivou, rindo baixo.

— Eu aposto que se fosse o oposto, você faria o mesmo. — Revelou e eu não poderia ir contra seu argumento. — Mas para sua sorte, não há quem quebre esse coração aqui. — Piscou um olho e eu semicerrei os meus.

— Nem Leila?

— Justo a mulher que corre de mim como o diabo foge da cruz, sério?

— Seríssimo. — Provoquei.

— Mas em que momento passamos de uma mãe surtando para minha vida nada amorosa?

— No momento em que sua vida amorosa é mais fácil do que essa parte da minha — falei, terminando de ajudá-lo a abrir os lanches

que trouxe. — Tudo o que eu precisava, obrigada — falei, dando uma grande mordida no meu x-salada.

— Melhores amigos sempre sabem, Juju. — Provocou e eu revirei os olhos, mastigando com calma. — Mas tirando a parte de que está pior que barata tonta, como está o coração?

— Batendo — respondi de imediato, assim que engoli., e ele riu baixo.

— Pelo menos, um sinal positivo de tudo isso... — insistiu na provocação e eu joguei o sachê de ketchup aberto em seu peito. — Ainda vamos falar sobre isso, Juju.

Fiz um sinal de zíper na boca cheia, e tentei apenas não pensar sobre. Mas bem pior do que antes, porque era apenas o passado, agora era quase impossível não o fazer – não pensar em Oscar. Não pensar no homem que desde a primeira vez que apareceu à minha frente, transformou minha vida de cabeça para baixo. E ele o fazia, mais uma vez.



“Só é cruel assim agora

Perdida no labirinto da minha mente

Termina, se liberta, cai a ficha, desmorona

Você quebraria suas costas para me fazer abrir um sorriso”^[15]

Dias depois...

JÚLIA

Eu devia estar mesmo fazendo a minha mala?

Eu devia ter concordado em ir em um carro com Oscar até a casa dele?

Não era um passo largo demais?

Fazia um longo tempo que eu simplesmente não caminhava ao redor do lago perto de casa, levando um livro junto, para me sentar em algum banco e ficar ali por algum tempo. Clara geralmente vinha comigo, tomávamos algum sorvete e passávamos tempo ali.

Mas eu precisava de um tempo apenas sozinha, e felizmente, eu tinha um melhor amigo com horário flexível o suficiente para ficar com ela naquela manhã de sábado.

Primeira volta.

E minha mente estava em perguntas bagunçadas na mente.

Segunda volta.

Já estava chegando a um acordo de que deveria entregar as cartas para Oscar, sobre o crescimento de Clara, e pedir apenas que ele ignorasse por completo as partes que eram sobre mim.

Terceira volta.

Minha mente estagnava na questão de ir ou não até a Fazenda Esteves. O convite para conhecer o local veio de todas as pessoas desconhecidas possíveis. De todos os irmãos de Oscar, até mesmo o que não morava mais lá, as cunhadas que pareciam me tratar como uma rainha, até da sobrinha mais velha que eu sequer tinha conhecido pessoalmente – que também não morava lá.

Seria tão ruim assim?

Um final de semana no interior, em uma fazenda?

Quarta volta.

A pergunta mais fácil “E se eu convencesse Ricardo a ir junto?” Talvez, ter alguém que eu confiava por completo e que me conhecia tão bem, me faria sentir segura, e passar tal segurança para minha filha.

Quinta volta.

E eu já estava procurando um lugar para sentar e ler algumas páginas do livro de romance da vez. E foi nesse exato segundo que meu olhar recaiu no homem que eu não via há anos. Muitos anos.

Talvez aquela fosse minha resposta?

Para que eu corresse para longe e mantivesse Oscar da mesma forma?

— Há quanto tempo, querida Júlia.

— Toledo. — Engoli em seco. — O que faz aqui?

— Se não notou, estou ainda mais velho, querida — comentou simplesmente. — E bem, preciso me exercitar, nem que seja caminhando ao redor do lago mais próximo de casa.

— Por que justamente agora, resolveu correr nesse lago? — indaguei, e então ele deu um passo à frente, fazendo-me dar um passo atrás.

— Eu sabia que não cumpriu o combinado, de tirar a criança de Oscar...

— Oscar Esteves? — indaguei, e ele riu de lado. — Qual o seu problema com os Esteves, afinal? O que eu tenho a ver com isso?

— Uma garotinha de vinte e um anos desesperada, que pensei que seria mais fácil manipular... Mas eu sempre soube que não confiava em mim.

— A vida me ensinou a não confiar em ninguém, Toledo.

— Mas agora confia no homem que te abandonou?

— O que quer? — perguntei de uma vez. — Por que ainda, depois de tantos anos, está aparecendo diante de mim?

— Quero tantas coisas, mas saber que prejudiquei realmente a vida de um Esteves, ratos miseráveis... Só estou aqui por estar feliz ao saber que ele finalmente soube o que perdeu e não vai recuperar.

— Está, por um acaso, ameaçando a minha filha? — dei um passo à frente, a ponto de perder a cabeça. — Se pensar em chegar perto dela...

— Mamãe leoa, os dez anos que ele perdeu, foram o suficiente. — Levantou as mãos em sinal de rendição. — Acredite quando digo que os joguinhos dos Toledo são fáceis de ganhar, para quem usa a cabeça... Mas a maioria se nega.

— Joguinhos simples? — indaguei, rindo sem vontade alguma. — Me encontrou quando eu estava desesperada, quis me fazer acreditar que o pai da minha filha sabia sobre ela e queria que eu abortasse, quis me fazer crer que ele jamais ficaria comigo porque a família dele toda já era comprometida, mostrou fotos do irmão mais velho dele e disse que todos eram Toledo. Me fez ter medo do sobrenome dele, de quem ele era. Me fez querer odiá-lo.

— E olhe só você... Uma bagunça ambulante apenas porque o bom mocinho reapareceu. Será que adiantou de alguma coisa, qualquer

joguinho? Não com você. A vida te ensinou, como boa órfã, de casa em casa, orfanato em orfanato, a não confiar em ninguém mesmo ferida. Mesmo tendo tantos motivos para odiá-lo, quer saber o que vai fazer?

— Dar um soco na sua cara?

Ele riu alto, e eu quis mesmo fazê-lo.

— Eu faço!

E então pisquei uma vez, antes de perceber que tinha uma pessoa próxima a Toledo, e acertou seu rosto, fazendo-o desequilibrar e quase cair no chão, se não fosse o banco atrás dele, no qual se segurou.

Pisquei algumas vezes, e então notei Oscar ali, e não tinha ideia do que ele tinha escutado ou não, ou como tinha nos encontrado.

— Era isso que queria? Rir após levar um soco na cara, Vicente?

— Oscar...

— Eu só não te quebro inteiro porque ainda tenho algum senso, mas se ousar respirar o mesmo ar que a mulher que eu amo e a minha filha, eu juro que vai ser a última vez que encontrará oxigênio.

Olhei para toda cena, completamente horrorizada, sem saber o que de fato estava acontecendo. Senti uma mão em meu braço, e fui

levemente puxada para longe dali, enquanto Oscar marchava claramente furioso a meu lado. Sabia que era o seu toque no meu, e talvez ele nem tivesse notado que o fez, pela clara fúria em seu olhar.

— Oscar... — chamei-o uma vez, enquanto ainda caminhávamos em direção ao meu apartamento. — Oscar... — chamei novamente, e ele parecia longe dali.

Puxei meu braço de seu leve aperto, e então foi como se ele tomasse o choque sobre aquilo.

— Oscar... Respira, ok? — pedi, e ele não me olhou, como se estivesse fugindo. — Eu não sei o que ouviu ou o que acha que entendeu, mas...

— Eu ouvi tudo, Júlia — falou, a cabeça baixa e derrotada. — Mas era como se eu soubesse, que alguém, além de mim mesmo, tinha ajudado a foder com tudo. E não me surpreende ser esse maldito Toledo!

— Oscar...

— Eu vou te deixar em casa, em segurança, longe dele, e eu juro que nunca mais ele vai aparecer na sua frente — falou, ainda fugindo do meu olhar. — Você merecia muito mais que toda essa merda! — sua voz

saiu como um sussurro, como se seus pensamentos saíssem de onde não deveriam.

— Oscar, apenas vamos...

— Te deixar em segurança, por favor. — A fala dele era quase como um implorar, e eu não sabia como negar tal coisa.

— Estou segura aqui com você, não estou? — indaguei, e finalmente, os olhos verdes que eu memorizei cada parte, encontraram o castanho dos meus.

— Eu sinto muito — falou, e de repente, a gente era uma bagunça ainda pior. — Se eu soubesse... Se eu tivesse voltado antes e...

— Por que apenas não vamos em qualquer café perto e sentamos, respiramos fundo e depois você me deixa em casa? — indaguei, notando o claro desespero e terror em seu olhar. — Pode ser?

Ele assentiu, e então me coloquei à frente, para guiá-lo para o lugar mais próximo que nos ofereceria aquilo. Oscar precisava respirar fundo e se acalmar, e eu? Eu precisava processar tudo o que estava acontecendo, e fingir internamente que não o tinha escutado me defender com unhas e dentes e dizer que me amava.



“Falando a verdade de graça pra você

Mas, meu bem, meu bem, por favor

Você não acreditaria na minha palavra se soubesse quem está falando”^[16]

JÚLIA

— Então, resumindo a história, o tal Vicente Toledo e parte da família, odeiam a sua, porque Franco engravidou uma das principais herdeiras deles, e que não deixou absolutamente nada para eles, mas sim, para a filha Jasmine e seu irmão.

— Eles apenas foderam com tudo. — Por um segundo, vi-me com saudade até mesmo daquela boca suja. Foco, Júlia! — Juan tentou resolver e se lascou, e tudo o que Vicente buscou, inconformado com isso foi algum tipo de joguinho ganho. Guta, que é minha cunhada e sobrinha dele, foi usada nesse jogo e colocada em um casamento por contrato com Juan, que o destino quis que fossem o amor da vida um do outro, mas ainda assim... Parece um tipo de praga dos Esteves, ter a mulher amada atormentada por Vicente.

E lá estava eu ignorando o que ele deixava sair tão facilmente, como se não estivesse a ponto de explodir de raiva. E talvez exatamente por aquilo, ele estava assim.

— Bom, eu me sinto dentro de alguma novela colombiana como *Pasión de Gavilanes* ou um dorama como Vincenzo. — Notei o rosto de Oscar suavizar um pouco, como se notando que eu tentava melhorar o clima. — Eu não vou negar que já tive medo de Toledo, mas isso foi há dez anos, eu estava prestes a socar a cara dele, só que você tomou a deixa. — Fui honesta. — Eu aprendi desde sempre o que é realmente ruim, e por mais papel de vilão que Vicente tente fazer e tentou me enganar, foram momentos específicos que me fizeram sentir mal ou

desesperada. Agora, tudo o que faço é proteger Clara do que posso, para ela não ter que entender as coisas de tal forma.

— É verdade?

Tomei um leve gole do meu chocolate quente, e fixei meus olhos nos dele.

— O quê? — indaguei, sem entender.

— Que é órfã?

Assenti, tomando mais um pouco do meu chocolate.

— Eu tive uma adoção feliz, aos quase dezoito, mas tive. — Fui sincera, sem querer entrar naquele assunto. Ainda doía muito, a perda de Silvia, em meu coração.

— Juan nos criou, foi pai e mãe, praticamente — comentou, como se soubesse que eu não iria estender aquele assunto. Talvez algum dia, mas não era fácil tocar no mesmo. — Devo tudo a ele.

— Acho que por isso entende um pouco do sentimento que ainda guardo pela minha mãe — falei, e suspirei fundo.

— Eu sinto muito — falou, como se apenas pela minha forma de estar, soubesse que ela já tinha falecido.

Era tão fácil assim para ele me ler?

Entender tão rapidamente todos os meus temores e ardores?

— Ela era incrível — comentei, como se não pudesse me segurar naquele instante. — E ela quebraria a cara do Toledo, sem pensar duas vezes. — Provoquei, do jeitinho que ela me ensinou a fazer e tendo a certeza de que ela realmente o faria.

— Juan já socou a cara dele, há alguns anos, quando ele apareceu na fazenda... — sorri, feliz por saber que ele tinha alguém que o defendia tão fortemente. — E Flávio quase bateu no seu... padrinho de Clara, depois que ele socou minha cara e ameaçou.

— Ricardo pode ser impossível quando se trata de Clara ou de mim. — Ri de lado. — Eu poderia dizer que sinto muito, mas seria mentira. — Ele então arqueou uma sobrancelha, em claro desafio. — Eu queria socar a sua cara quando te revi.

— Ainda pode fazer isso. — Desafiou-me outra vez.

Semicerrei os olhos e os revirei em seguida.

— Sempre é um prazer apanhar de mulher bonita, diz o meu irmão mais novo. — Fiz um “puff” com a boca, e ele deu de ombros,

parecendo mais relaxado. — Obrigado por me ajudar a ficar mais calmo — falou, seu olhar se tornando terno.

— Acho que ouvi nesses dias uma dezena de “Eu sinto muito” e “Obrigado” e não estou acostumada com isso — comentei, e ele abriu a boca, como se algo estivesse pronto para sair, mas a fechou em seguida. — Ia dizer que sentia muito?

— Acho que ia falar mais do que deveria, na verdade.

Ele já tinha falado, mas claramente, não tinha sequer notado.

Oscar Esteves tinha dito que eu era a mulher que ele amava, duas vezes, em voz alta, à minha frente, e era como se fosse rotina para ele o fazer. Ou o sentir?

Lá vinha outra pergunta, a qual eu sabia que não poderia contar com mais uma volta no lago para sanar.

— Acho que falar demais não é necessário, mas talvez eu te deva algumas explicações que englobam Toledo.

— Quando quiser e se sentir pronta — falou, mexendo finalmente na sua xícara de café. — Por mais que eu sinta que é uma das pessoas mais fortes que eu conheço, tenho certeza pelo que ouvi, que não deve ser fácil voltar a pensar naquilo. A simples menção de não ter Clara, me

fez... Me fez perder qualquer discernimento, Júlia. Eu não tenho ideia de como pode ter sido para você, naquela época, esperando a nossa filha, ouvir algo assim.

— Eu evito voltar para o momento, por mais que tenha passado — confessei. — Prometo que vamos falar sobre isso, porque pelo jeito, os Toledo estão nessa justamente para prejudicar a sua família, e Clara é parte da sua família, Oscar. Tudo por ela.

— Você também é, Júlia.

— Eu não... — sorri de lado, completamente de nervoso, mas tentando disfarçar que era de pura ironia. — Eu sou apenas a mãe da sua filha.

— Pode ser que se imagine assim para comigo, mas para mim, nunca será apenas isso.

— Acho que quero outro chocolate quente, só que meio amargo — falei, e ele assentiu, como se soubesse que eu estava fugindo.

E eu estava.

Fugindo para qualquer lugar, coisa, conversa ou momento que não fosse de Oscar tentando me transformar em algo mais.

Eu não o era.

Não para ele.

Porque se eu fosse adentrar aquilo, eu sabia, que já tinha me quebrado por inteiro uma vez, e foram anos e mais anos para colar cada pedaço. Não arriscaria, entrar numa discussão sem fim e sem fundamento, sobre ter sido deixada por ele.

Oscar claramente estava confundindo as coisas. Ele tinha que estar. Porque se não estivesse, a realidade seria outra, e ele nunca teria ficado por uma década longe da minha vida.



“E ela disse: No meu coração e na minha cabeça

Me diga por que isso tem que acabar

Oh, não”^[17]

OSCAR

— Esse quarto tá realmente pronto? — indaguei, pela milésima vez pelo telefone, e ouvi Flávio praticamente ratear no fundo, como se mostrando para Juan o quão terrível eu era. — Flávio!!!

— Agora eu sei por que te chamam de Scar.

— Só vocês me chamam de Scar. — Rebatu, e ele riu ao fundo. — Precisa estar tudo perfeito!

— Eu sei, eu sei! Até as vaquinhas que Clara quer conhecer sabem! — rebateu, e eu iria socá-lo assim que o encontrasse. — Por que só não aproveita a viagem de carro com os amores da sua vida?

— Flávio, apenas... Seja um bom tio e arrume tudo.

— Sim, senhor, não vou falar sobre Júlia ser o amor da minha vida...

— Flávio...

Então apenas desfiz a ligação na cara dele, sem querer mais perder meu tempo, enquanto esperava à frente do prédio em que Clara e Júlia moravam. Meu carro já se encontrava estacionado, apenas as esperando, e eu estava quase andando de um lado para o outro, completamente ansioso.

Sequer acreditei quando atendi o telefone e era Clara do outro lado da linha, me dizendo que elas iriam para o interior comigo. Júlia depois pegou o aparelho e confirmou. Minha mente girando em torno de que fizesse tudo ser perfeito, porque precisava dar o meu melhor para elas.

Os céus talvez soubessem que eu não merecia aquela chance. Mas eu faria de todo o possível para honrá-la.

— Papai!

Aquele se tornava o meu grito favorito no mundo

Nunca imaginei, em todas as diferentes épocas da minha vida, como seria ser pai. A realidade era que assisti Juan cuidar de nós três ao longo dos anos, e sempre me indaguei de como ele deu conta, ao mesmo tempo que tentava aliviar para ele, quando e onde pudesse.

Os braços de Clara já estavam em meu pescoço e a levantei no olhar, com as mãos em suas costas.

— Bom dia, solzinho.

— Tô muito animada! — falou, pulando do meu colo e mostrando a mala de cor laranja que trazia. — A mamãe me ajudou com a mala, e tem bastante roupa...

— É mesmo? — indaguei, e então meu olhar recaiu em Júlia, que usava óculos escuros.

— Bom dia, Oscar — falou, enquanto eu buscava alguma coisa, por trás dos olhos que ela escondia, não propositalmente, mas que eram

minha parte favorita de si. — Ela está mais do que animada, mas vamos ver se durante as horas de carro, vai continuar assim...

— Eu vou amar, mamãe!

Notei a forma séria como Clara falou, olhando para a mãe, como que em desafio. Em momentos como aqueles, eu notava a similaridade que existia entre nós. Clara tinha partes de mim, que eu não conseguia notar tão facilmente, até que alguém tenha me dito. E nela, era como um espelho.

— Certo, apenas essas duas malas — falou, e destravei o portamalas, deixando Clara no chão, e indo para ajudar Júlia a colocar tudo.

— Eu posso...

No momento que falei isso, minha mão encontrou a dela, segurando a alça da mala maior, e fiquei apenas parado, encarando-a como se esperando qualquer reação.

Aquele toque também a paralisava a ponto de não saber o que fazer?

Ainda o fazia?

Ainda queimava nela, como fazia comigo?

Apenas me olhe e diga que sim, meu peito implorava.

Apenas me olhe e diga que não, minha mente quase gritava.

Apenas me olhe e diga qualquer coisa, eu apenas esperava.

— Obrigada, eu acho.

Afastou-se então, sem sequer me olhar, e voltou para nossa filha, conversando sobre alguma música, e vi-me pegando a mala, ainda sentindo parte de minha pele, reconhecendo a dela.

Eu estava mais do que longe de conseguir qualquer um de meus pedidos secretos atendidos.

Era pela nossa filha que ela estava ali.

E eu reafirmava naquele momento, que se não fosse por ela, Júlia sequer faria questão de mostrar que me conhecia. Com toda certeza, ela mudaria de calçada. E apenas o simples pensamento sobre, fazia todo meu ser se culpar ainda mais. Porque eu a fiz estar daquela forma, e não tinha ideia de como poderia consertar.

Se é que existia algum conserto para o amor que se permitiu perder.

— Pode escolher a música, solzinho.

— Papai, sempre Taylor Swift — Clara falou e eu ri de lado, não me surpreendendo, porque eu me lembrava bem de algumas músicas que Júlia ouvia na época.

— Sua tia Guta também é uma swiftie — falei, e notei os olhos de Clara brilharem, através do retrovisor. — Ela me fez conhecer o álbum mais novo e sempre está cantando pela casa. — E eu sempre me via pensando na sua mãe quando escutava algumas músicas, apenas me vi guardando aquele complemento.

Porém, a realidade, era que algumas pareciam ter sido feitas para nós, de tal forma como se alguém tivesse estado lá, nos vendo viver cada momento e descrito em uma canção.

— Pode pelo menos fingir algum interesse no gosto musical do seu pai, solzinho? — Júlia indagou, e notei que ela não estava tão à vontade no banco do carona. Remexendo-se, e olhando para nossa filha a cada segundo no banco de trás, como se pensando em simplesmente pular para lá.

— O que gosta, papai?

— Tudo que for bom de ouvir, filha. — Fui honesto, já ligando o carro, sem querer dar a chance para que Júlia decidisse que seria melhor estar ao lado da nossa filha no banco traseiro. — Pode ser Taylor Swift, porque sei que sua mãe gosta também.

— Não posso dizer que não — falou, dando de ombros, e apontando para o cardigan que vestia, e jurava já ter visto Guta com algum bem parecido. — Mas o carro é seu, e você está dirigindo, então...

— A filha é nossa. — Pisquei um olho para Júlia, que mesmo ainda com os óculos escuros à frente de seu rosto, era claro que arqueava a sobrancelha e se surpreendia. — Ela tem prioridade.

— Vou colocar nas favoritas da sua tia Guta, que deve ter a discografia completa da cantora, mas ok — comentei e ouvi duas risadinhas pelo carro.

Assim que a música começou, enquanto eu passava por um cruzamento e prestava total atenção, não pude deixar de ouvir a melodia e tinha certeza de que a que me fez perguntar o nome a Guta , e acabei ouvindo o álbum inteiro.

E justamente aquela, me trazia a nós dois, dançando em meu apartamento e vivendo as tardes e noites possíveis, como se não existisse um mundo lá fora.

E justamente aquela, me fazia lembrar de que eu perdi cada parte
daquilo.

“Quando a manhã chegou

Estávamos limpando o incenso da sua estante de vinis

Porque perdemos a noção do tempo outra vez

Rindo com os meus pés no seu colo

Como se você fosse meu amigo mais próximo

Como viemos parar no chão?

*Você diz: O vinho rosé barato com tampa de rosca da sua colega de
quarto, foi assim*

Agora, eu vejo você todos os dias

E eu te escolhi

Aquele com quem eu estava dançando

Em Nova Iorque, sem sapatos

Olhei para o céu e era

O vermelho na minha camisa
De quando você derramou vinho em mim
E como o sangue se juntou em minhas bochechas
Tão escarlate, era
A marca que eles viram na minha clavícula
A ferrugem que cresceu entre os telefones
Os lábios que eu costumava chamar de casa
Tão escarlate, era bordô...”

Cantei baixinho, sem acreditar que a mulher, na qual pensei quando ouvi aquela música pela primeira vez, e acreditei que nunca mais veria novamente, estava no banco ao meu lado. E eu sentia seus olhos sobre mim, mesmo que me negasse a encará-la e vê-la fugir.

Era como se soubesse que ela fugiria. E o que mais ela poderia fazer? Apenas estava fazendo o mesmo que acreditava que eu fiz. Mas pelo contrário, ela não me perdia. Porque ela me tinha, desde aquele encontro na livraria. Desde o momento em que entrei lá, por ela.

“E eu acordo com a sua memória sobre mim

Este é um legado do cacete, legado (era bordô)

E eu acordo com a sua memória sobre mim

Este é um legado do cacete para deixar...”[\[18\]](#)

E realmente, o era.

Um legado do qual eu me orgulhava de ter. Ela, ao menos, por algum momento, teve aquele sentimento? Era a pergunta que eu não podia fazer, e talvez, temesse mais do que tudo, a real resposta.



“Eu passei pela porta junto com você, o ar estava gelado

Mas algo ali me fez sentir em casa de alguma forma”^[19]

JÚLIA

Horas e horas dentro de um carro, com o homem que já foi o amor da minha vida, e tendo que ouvi-lo cantar minhas músicas favoritas e fazer nossa filha sorrir por todo tempo que ela lutou para estar acordada.

Eu estava um tanto quanto ferrada por me negar em transparecer que cada parte daquilo me fazia sentir da forma que não deveria?

Horas ao lado dele – do cara que eu deveria odiar, mas não o fiz.

Reconhecer que ele foi o amor da minha vida – sem ter ideia se eu usava o verbo correto ou estava me enganando.

Ter um fraco por caras que gostam da loirinha e sabem as letras – quem poderia me culpar por essa?

Fazer nossa filha sorrir e estar tão alegre – seria mentira dizer que não mexia, em alguma parte de mim, ter a certeza de que ele seria um ótimo pai. Eu sabia, mesmo quando maldizia o nome dele, anos atrás.

A conclusão era mesmo aquela: estava fodida, e não de uma maneira boa.

— Pensativa?

A pergunta soou baixa, enquanto adentrávamos outra estrada de terra e eu não tinha a mínima ideia se estávamos perto ou não de chegar.

— Pensando se estamos longe ou não.

— Precisa de alguma coisa? — de repente, o tom dele era de preocupação, encarei-o sobre os óculos escuros e tentei analisá-lo, enquanto ele mantinha o olhar preso na estrada.

— Na verdade, não, mas acho que tem um solzinho que está mais do que animado em deitar em uma cama para virar a noite dormindo — comentei, encarando nossa filha no banco de trás, que dormia

tranquilamente. — Ou ela vai ter energia nos 220 e não dar paz para ninguém na sua casa.

— Nossa casa, Júlia — corrigiu e eu apenas me encostei melhor no banco, voltando meu olhar para a janela.

— Sua casa e da nossa filha — corriji-o, sem poder evitar, e suspirei fundo. — Mas não vou discutir com você sobre isso, já que nenhum de nós tem certeza de como fazer tudo funcionar em partes.

— Vamos dar um jeito... — agora sua voz parecia mais leve, e certa. — Por ela, acho que sou capaz de qualquer coisa.

— Uma dica de quem está nessa há muitos anos... A gente perde a cabeça e os cabelos em alguns momentos, mas no final, sempre dá um jeito e tenta ter um sorriso feliz no rosto da parte mais preciosa da nossa vida — admiti. — Pelo menos, é o que Clara significa para mim — continuei, sem ter ideia de como chegamos àquela parte do meu ser. — Ela é tudo que há de melhor no mundo. — Ri de lado, negando com a cabeça. — Não sei por que eu trouxe isso do nada.

— Dá para sentir o amor que sente por ela, apenas pela forma que fala tão livremente sobre ele. — Olhei-o, o qual me encarou por menos de um segundo e logo voltou seu olhar verde para a estrada. — Ela traz à tona a Júlia que eu conhecia.

Felizmente, o toque de um celular, fez com que aquele assunto morresse de imediato. E por um segundo, ainda um pouco perdida, demorei para notar que era o meu.

— Oi, Ric! — falei, assim que me toquei de que era o meu celular.

— Já chegaram? — indagou, e parecia estar cansado. — Desculpe não conseguir ir hoje, mas prometo que chego assim que der.

— Só é um final de semana e já estamos de volta no domingo — rebati. — Fique tranquilo, que na próxima você não escapa.

— Então quer dizer que já terá próxima vez? — naquele segundo eu torci para que o celular realmente isolasse qualquer coisa que era falada, enquanto estava na minha orelha.

— Apenas... — respirei fundo. — Vá dormir, homem!

— Eu também te amo, Juju — rebateu, e eu revirei os olhos. — Mas se precisar que eu quebre a cara dele de novo, ou de qualquer outro...

— Eu vou quebrar é a sua cara se continuar com isso — rebati, e ele riu ao fundo. — Prometo te avisar assim que estivermos na fazenda.

— Deixa eu só adivinhar uma coisa?

— O quê?

— Clarinha tá apagada?

— Um solzinho que já se pôs — falei e ri de lado. — Essa foi uma muito ruim, até mesmo para mim.

Ele gargalhou alto do outro lado da linha, e eu acabei rindo baixinho.

— Te ligo depois, com piadas ainda piores.

— Estou até ansioso...

Revirei os olhos e desfiz a ligação, sabendo que ele me encheria com ainda mais gracinhas.

— Vocês parecem ser um ótimo par.

Cada palavra que saiu da boca de Oscar, não parecia que ele realmente queria dizer. Apenas permaneci quieta, tentando ignorar tanto o que ele dizia, quanto a música de dez minutos que eu tanto amava, mas não era a melhor para se ouvir perto do cara que te faz pensar sobre ela.

— Júlia?

— Sim? — olhei-o, e retirei meus óculos escuros, passando a mão pelo rosto e me sentindo um pouco cansada. Não sabia se apenas pela viagem longa, ou minha própria mente estava precisando de um tempo.

— Pensei que não estivesse me escutando — comentou e eu foquei em limpar os óculos na barra da minha camiseta, que estava por baixo do cardigan.

— Eu ouvi, eu só... — engoli em seco, achando aquela conversa para lá de estranha. — Não estou acostumada a falar para as pessoas sobre Ric e eu, então... — dei de ombros e um sorriso que não tinha nada de verdadeiro, mesmo que minhas palavras fossem.

— Acho que consegui entender — falou e o silêncio que se formou entre nós dois, pesou a ponto de que nem a música parecia conseguir quebrar a tensão. — Faltam apenas mais dois quilômetros e chegamos em casa.

Casa.

Oscar ainda insistia, mesmo que disfarçasse um pouco – ou nem tanto assim – de que ali, pelo jeito a dois quilômetros, eu agora tinha uma casa também.

Poderia até ser, mesmo que eu me negasse, já que com toda certeza, se tudo corresse bem, aquele seria um local que Clara iria querer frequentar, e eu vinha junto na bagagem. A não ser no momento em que ela não quisesse que eu estivesse ali. Alô, adolescência que eu tanto tentava já me preparar! Existia alguma preparação correta para aquilo?

Não sabia se tinha preparação para adolescência da minha filha, que ainda levaria alguns anos, ou para parar de encontrar importância nos mínimos detalhes de cada palavra que saía da boca do homem ao meu lado.

Eu era uma ilusão ambulante?

Eu podia culpar os livros por estar assim?

Ou até mesmo, correr e maldizer todos os homens escritos por mulheres, que me faziam acreditar em um arco de explicações que não deveriam vir à tona.

Não tinha como me preparar para aquilo, e apenas esperava que o momento nunca chegasse, mesmo que tudo indicasse que seria necessário. Para que o passado não acabasse, em momento algum, prejudicando o que realmente importava.

A vida que nos uniu, que dormia tranquilamente no banco de trás, sem ter a mínima ideia do que foi arrumar para a cabeça, corpo e alma da mãe, no segundo em que conseguiu encontrar o pai.

O que eu tentei por anos, e Clara resolveu em questão de horas.

A vida tinha dessas, e às vezes, acreditava que ela adorava apenas me dar um susto para depois revelar que era uma bela surpresa. No fim,

era o que eu esperava que o retorno de Oscar à minha vida,
representassem, algum dia.



“Tudo se tornou demais

Talvez não fui feito para amar

Se eu soubesse que eu poderia chegar até você, eu iria”^[20]

OSCAR

— Chegamos!

— Uau! — foi o que saiu da boca de Júlia, assim que passamos pela entrada da fazenda. — É realmente grande aqui... — ela parecia pensar sobre algo, como se embasbacada.

E eu reconhecia aquele rosto.

Das quatro semanas mais intensas que tive, e nas quais decorei cada trejeito dela, e era bom, quando alguns dos quais eu conhecia tão bem, aparecia.

— Posso adivinhar o que está pensando?

— Virou Edward Cullen? — revidou, e eu ri de lado, sabendo que deveria ser algum personagem de livro, e se não me enganava, ele era um vampiro. — Qual sua aposta?

— Que está comparando a fazenda a algum cenário de livro que leu...

Seu olhar castanho então parou no meu, assim que estacionei a Range, e ela parecia mais do que surpresa.

— Sou tão óbvia assim?

— Óbvia com certeza não é uma palavra para te definir. — Fui honesto. — Mas eu te conheci, por quatro semanas inteiras, então, acho que ainda consigo encontrar algo da Júlia daquela época.

Ela deu de ombros, e vi-a digitar uma mensagem no celular, e não precisava ser um gênio para ter certeza de que era para Ricardo.

“— Não estou acostumada a falar para as pessoas sobre Ric e eu, então...”

Aquela frase se repassava por minha mente, durante todo o resto de caminho que tivemos, e era como se eu tivesse a certeza, se existia alguém no passado dela, que pelo jeito ficou, foi Ricardo.

Eles estavam juntos?

Eles eram um casal discreto?

Era por aquilo que ela não gostava de falar sobre?

O simples pensamento de eles serem um casal, me deixava em total alerta. Como eu poderia ser notado, se tudo dela, parecia apenas o notar?

— Eu posso tirá-la e levá-la para dentro.

— Eu acho que ela vai ficar muito brava se não a acordarmos e mostrar a casa... — Júlia comentou, e eu me adiantei para descer do carro, dei a volta, abrindo a porta para ela, a qual pareceu presa em meu olhar, como se pensando demais a respeito.

Eu estava ainda acertando sobre o que se passava pela mente dela?

Ela pensava o mesmo que eu a cada pequena troca que tínhamos? Ou era tarde demais para aquilo?

A cada segundo que se passava, os dez anos pesavam toneladas, e eu parecia apenas mais longe e mais atrasado.

Ela mexia em algo na bolsa, mas agradeceu com um acenar de cabeça, e então eu fui para a porta de trás.

— Ei, solzinho...

Mexi levemente no seu cabelo, e ela se remexeu no banco.

— Chegamos — falei, e toquei a ponta do seu nariz com o dedo, e devagar os olhos verdes, que sentiam o meu reflexo, me encontraram.
— Chegamos em casa.

— A minha nova casa... — sua vozinha saiu rouca pelo sono e ela piscou algumas vezes, antes de arregalar os olhos e encarar tudo pelas janelas. — É enorme! — ela parecia tão surpresa quanto a mãe.

— Vem, solzinho.

Ela praticamente pulou do carro, correndo ao redor, e fiquei com o coração na mão, pensando que ela iria cair no meio da grama ou na terra.

— Foi ainda pior quando ela começou a andar — Júlia falou, batendo a porta da frente, e me encarando, como se também pudesse ler o que se passava em minha mente. Era algo que nenhum de nós dois poderia fingir que não sabia sobre o outro? — A cada vez que ela quase caía, ou caía, era um desespero total. Nunca chorei tanto por apenas um roxo na testa — confessou e eu ri de lado.

Em meio à risada, vi minha filha gritar por “titio”, e vi Júlia seguir à minha frente.

Minha risada se desfez aos poucos, ao pensar que perdi aqueles momentos. Perdi tantas e tantas coisas, que eu talvez nunca pudesse de fato resgatar. Como Clara tinha tamanha gana em querer me encontrar? Como ela pôde não criar algo em sua mente, de que eu não valia a pena?

E foi quando levantei o olhar e encontrei Júlia virada, me encarando, como se esperando.

E Júlia era a resposta.

Foi ela, que de alguma forma, cultivou o melhor de mim para nossa filha, mesmo que eu não merecesse.

— O solzinho mais brilhante de todas as galáxias.

Ouvi a voz de Flávio e tentei me focar no mesmo, que olhava para minha filha, como se a analisando.

— Você parece que cresceu uns dois centímetros desde que nos vimos... Como pode?

— Eu vou ficar ainda maior, titio.

— Irmão...

Levantei o olhar, indo até Juan, e dando-lhe um leve aperto no ombro. Seu olhar me analisava inteiro, e sabia que ele estava preocupado,

mesmo que não demonstrasse.

— Scar... Senti saudades — Guta falou, aproximando-se, com Lua em seu colo, e fui até elas.

Beijei a cabeça de minha sobrinha, e por um segundo, apenas imaginei como Clara era, naquela idade.

— Também senti, cunhadinha.

— Scar?

A voz de Júlia soou curiosa, enquanto ela se aproximava e dava um leve beijo no rosto de Guta, que sorria abertamente, e vi Lua já querer pular para o colo da outra.

— Essa é uma ótima história. — Guta sorriu de lado. — Mas acho que Oscar vai preferir te contar.

— Eu poderia esquecer essa história de infância? — rebati, e Guta riu baixinho.

— Irmão, apenas aceite que não existe Scar sem o Simba, ou Simba sem o Scar... — notei o olhar de Clara brilhar. — Já assistiu Rei Leão, pequena?

— Sim!!! — respondeu animada, no colo de Flávio, que sorriu de lado.

— Ela adorava quando tinha cinco anos — Júlia comentou, sorrindo de lado. — Assistia e reassistia várias vezes.

— Bom, então eu tenho que contar que planejamos uma noite especial do Rei Leão com todos os priminhos Esteves e eu incluso, claro — Flávio falou e eu apenas encarei Juan, que também parecia não ter ideia de que ele o fizera. — Serei o monitor da noite. Só falta o resto da família chegar amanhã e vamos assistir e ter explicações, criar teorias e nos revoltar, com todos os filmes de Rei Leão.

— E chorar, anota aí — Guta complementou, e eu assenti. — Eu sempre choro.

— Quem não chora em Rei Leão, nem é humano. — Flávio se adiantou e notei que Clara sorria animada.

— Papai!

— Sim, solzinho.

— Posso ver as vaquinhas?

Flávio então a colocou no chão com cuidado, e ela veio até mim, segurando minha mão.

— Gostaria de ir junto, Júlia? — indaguei, e ela apenas negou com a cabeça, olhando-nos com clara admiração.

Assenti, seguindo com o calor em minha mão, que era diferente de qualquer outro. Porque era o toque da minha filha, mostrando-me que existia um jeito na vida, de tudo mudar tão de repente, e fazer tanto sentido, ao mesmo tempo.

Clara era um sentido novo que eu tinha, e que nunca esperei.

Caminhei alguns metros longe de casa com ela, e logo avistei uma das vaquinhas que ela tanto gostaria de ver.

— Ali, solzinho.

— Vaquinhas... — a voz dela saiu baixa e seu olhar brilhou. — E cavalinhos...

Sorri para ela, que notou um potrinho mais perto ainda de nós, e que sabia pela proximidade que se encontrava, que era o mais novo da fazenda e que devia estar sob alguns cuidados especiais.

— Ele é tão pequeninho — Clara falou, e parecia querer pegá-lo no ar, se fosse possível.

— Você sabe cavalgar, solzinho?

— Não. — Olhou-me, e parecia ansiosa. — O senhor vai me ensinar?

— Se sua mãe concordar, eu posso te ensinar.

Ela me estendeu apenas o dedo mindinho, e me vi levando o meu ao dela, sem ter completa ideia do que significava aquele gesto para ela.

— Mamãe e eu fazemos isso, sempre — explicou, e apertou o dedinho no meu. — É como fazemos nossas promessas e acordos.

— E qual a nossa primeira promessa, solzinho?

— Podia ser sobre o cavalinho, mas... Pode ser outra, papai?

— Como o quê?

— De que vai ficar com a gente, para sempre.

Apertei então seu dedo mindinho e me agachei, ficando à sua altura, e toquei a ponta do seu nariz com a mão livre.

— Sempre, solzinho.

E era claro que ela me queria na sua vida, mas tinha medo. Talvez o medo de acordar e descobrir que eu não era mais o pai que ela tanto pareceu esperar. E eu não a decepcionaria sobre aquilo, nunca.

E onde ela se pusesse, eu estaria lá para ver.

E onde ela nascesse, eu estaria lá para contemplar.

Ela era realmente o meu sol.



“Boa menina, menino triste, cidade grande, escolhas erradas

Tinha algo rolando entre a gente

Eu juro que tinha algo, porque eu não lembro de quem eu era

Antes de você pintar todas as minhas noites de uma cor que eu procuro desde então”^[21]

JÚLIA

— Eu não quero incomodar, mesmo — falei, enquanto subia as escadas da enorme casa, que eu poderia dizer que era uma mansão no meio de uma fazenda. — Eu posso ficar no mesmo quarto que Clara, já estamos acostumadas a...

— Ele fez um quarto para você, cunhadinha. — Flávio se adiantou. — Quer dizer, quase me bateu se não ficasse de acordo com o projeto da arquiteta.

— Mas...

— Sêrio. — Flávio então parou e foi a primeira vez que notei seu semblante não sorridente. — Olha, eu sei que não estão juntos e que talvez nunca fiquem, mas você é a mãe da Clarinha, que é uma parte de todos nós aqui. Você é uma parte nossa também, Júlia. — Olhei-o embasbacada. — Sempre que quiser fugir da cidade grande ou se quiser morar aqui para sempre, a casa é sua. — Eu sequer sabia o que responder. — Juan diria a mesma coisa, mas ele é mais *fechado*, então eu assumo essa parte, de contar o que todos nós sentimos. — Ele voltou a sorrir. — E se incomodar, te chamar de cunhadinha, eu posso parar.

— Cunhadinha, mas tendo a certeza de que não estou com Oscar? — indaguei e ele assentiu, mas notava o sorriso arteiro no canto da boca. — Vocês sorriem de forma muito parecida. — Ele então abriu de fato um sorriso.

— O meu é mais bonito, pode ter certeza. — Apertou a aba do chapéu de cowboy e piscou um olho. — Mas é como digo, todas as minhas cunhadas escolheram o Esteves errado.

— Eu não escolhi nenhum. — Pisquei de volta, e ele semicerrou os olhos.

— Escolheu um Reis, então?

Olhei-o confusa, e só então minha ficha caiu. Ricardo era um Reis.

— Estamos mesmo falando do meu melhor amigo?

— Apenas melhor amigo? — indagou, parando à frente de uma grande porta marrom.

— Isso é um interrogatório? — rebati e ele mordeu o lábio inferior. — Clara é uma cópia fiel disso em vocês.

— Então ela é perfeita.

Eu ri alto, sem conseguir evitar.

— Aqui é o seu quarto, cunhadinha. — Pontuou a última palavra, como se fosse para provocar. — Não sei se Scar vai me matar por mostrar, mas acho que ele não vai ter coragem de fazer.

— Seu irmão com medo de algo?

— Olha, os Esteves tem um lado covarde bem forte quando se trata da mulher que amam.

— Por que parece ser tão pessoal? — indaguei, e ele piscou algumas vezes, como se surpreso com minha percepção. — Alguém no

coração de Flávio Esteves?

— Eu corro para longe — falou, claramente rindo de nervoso em seguida. — Amo ser o tio mais novo e mais bonito, cercado por uma família grande e maravilhosa. Posso apenas roubar meus sobrinhos por alguns dias, ou atormentar todo mundo, sem pensar muito.

— Acha que o amor demanda muito pensamento?

— Acho que você percebeu que eu disse que meu irmão te ama, e está apenas rebatendo?

— Touché, cunhadinho.

Ele riu alto, e eu sorri abertamente.

Como era tão fácil gostar de alguém? Com Flávio Esteves, parecia apenas simples. Algo nele, me recordava da minha relação com Ricardo. Era difícil confiar em alguém, mas ele gritava para que o fizesse para com ele.

— Vou te deixar à vontade, para conhecer o quarto. E onde mais quiser, da casa.

— Obrigada — falei, e ele então apenas disparou no corredor, indo para as escadas, e ouvi-o gritar por Juan.

Abri a porta, e paralisei assim que vi um pequeno aparador. Aquilo era um quarto ou uma casa? A cada passo que dava para dentro,

eu me surpreendia mais. Tinha uma estante do chão ao teto, por quase todas as paredes, e fiquei apenas encarando-a por alguns segundos. Uma grande poltrona bem próxima a uma das estantes e uma mesa de apoio. Na cama estava a outra estante, como se camuflada, e notei que logo abaixo de outra parte da imensa estante, tinha uma mesa com alguns itens de papelaria e uma cadeira gamer que parecia extremamente confortável.

— O que Oscar tem na cabeça?

Minhas mãos estavam passando pela estante, que se estendia por todo o ambiente, e o turquesa na madeira se transformava em mais claro, enquanto seguia até o fim dela. Era o sonho da biblioteca particular, dentro de um quarto, que tecnicamente, me pertencia.

— Mamãe!

Virei-me ao chamado de minha filha, que sorria de orelha a orelha.

— Eu tenho uma estante enorme no meu quarto novo, e acho que tenho que ganhar mais livros para... — seus olhinhos encararam então a minha estante. — Uau! Por isso o papai falou que nossos quartos tinham algo parecido.

— Por que não me mostra o seu, solzinho? — perguntei, e estendi-lhe a mão, atormentada pela ideia de que Oscar tinha pensado em

cada detalhe daquele lugar.

Até mesmo, porque eu via os cravos e rosas desenhados em parte do teto, como apenas um vislumbre de um quase branco transparente. Ele sabia que eram minhas flores favoritas, e ele as colocou ali. Como se fosse para que eu estivesse perto do que amava, mesmo num lugar que eu não queria estar. Como ele podia ter pensado em tudo?

— Vem, mamãe!

Eu fui, e encontrei Oscar dentro do quarto da nossa filha, parecendo admirado com o olhar ou talvez inspecionando, já que pelo que Flávio nos contou, ele não teve como vir ver tudo pessoalmente antes. Por isso ficou a cargo dos irmãos ligarem por chamada de vídeo e lhe mostrarem.

Assim que adentrei o ambiente, notei que uma parte da estante de Clara já estava com muitos embrulhos, que deveriam ser livros.

— Os titios, Juan, Franco e Flávio, e as titias, Barbie e Guta que deixaram esses presentes — Clara falou, os indicando e eu sorri da sua animação. — Até minha prima Jasmine, escolheu um deles, pelo que titia Guta contou. Mas ela só chega amanhã!

— Gostou do seu novo quarto, solzinho?

Eu olhei para o teto, e encontrei como se fosse a galáxia, desenhada no teto, e um sol que claramente era o centro de toda ela. Ele realmente sabia o que estava fazendo.

— Eu amei! — Clara falou, e me puxou consigo até perto da sua cama. — Eu agora tenho dois quartos e amo eles todinhos! — comentou animada, e eu tive que beijar sua testa.

Ela era uma menina tão especial, porque era como se precisasse me incluir em tudo que fazia. E ela não tinha ideia do quanto aquilo era importante para mim, saber que eu ainda era o suficiente para ela.

— E então?

Duas palavras vieram do homem que estava próximo à janela do quarto, e fez um sinal com a cabeça para nossa filha.

— O quê, papai?

— Existe uma tradição na família Esteves... — ele falou, e o vi levantar uma caixa com um laço, do lado do que parecia uma escrivaninha. — Um chapéu com todo amor que sentimos, para aqueles que amamos. — Ele entregou a caixa para Clara, que a abriu facilmente, e deu um gritinho animado. — Pensei que o seu merecia ser da sua cor favorita.

E no momento que ele a ajudou a colocar, eu notei as cores pastéis de amarelo, espalhadas pelo chapéu de cowgirl. Era como se ela fosse realmente uma Esteves ali, e me tocou profundamente. Minha filha tinha mais um sobrenome para chamar de seu, e eu sabia do quanto era emocionante ser chamado por um, mesmo que o meu tenha sido aos dezesseis, nunca esqueceria de que eu tinha o mesmo sobrenome que Silvia, a mãe que me escolheu. Apesar de o de Clara ainda não estar no papel, era claro que estava em seu coração e mente.

— Obrigada, papai! — ela abraçou Oscar, que parecia completamente emocionado. — Mas... Os três titios sempre estão de chapéu... Onde está o seu?

O olhar de Oscar parou no meu, e me vi descobrindo a importância que aquele chapéu, que ele me deixou, como uma promessa nunca cumprida, no passado.

Era o chapéu que Juan deve tê-lo presenteado, quando mais novo.

Era o chapéu que ele deixou comigo, dez anos atrás.



“Eu encontro os artefatos, chorei por causa de um chapéu

Amaldiçoei o espaço que eu precisava

Eu procurei as evidências, tentando fazer tudo ter sentido

Por que a ferida ainda está sangrando?”^[22]

JÚLIA

Quatro semanas.

Era o tempo de se apaixonar tão perdidamente a ponto de não conseguir encontrar as cores que ele mostrou, se não for ele.

Quatro semanas fugindo para um prédio até então desconhecido da cidade, e o encontrando no seu apartamento. Esperando ansiosamente pelo horário de sair do trabalho e encontrá-lo. Esperançosamente acreditando que ele estaria lá, todas às vezes.

Minha cabeça doía, quando acordei naquela manhã... Era mesmo de manhã?

Eu me lembrava de ter bebido muito vinho, e talvez até misturado com algo mais forte, assim como de Oscar ter tropeçado e parte do vinho de sua taça, ter marcado minha camiseta. Pisquei então algumas vezes, e procurei-o ao meu lado, encontrando algo macio, mas nada perto do quente que era o seu corpo.

Abri os olhos de fato, e encontrei um chapéu de tonalidade castanho- escuro, quase do tom dos meus olhos. Ele tinha dito que estava mais para um cowboy do que um CEO, por causa do chapéu?

— Oscar?

Perguntei para o quarto do apartamento, que me respondeu com total silêncio.

— Oscar?

Peguei o chapéu em mãos, e o analisei, vendo que era totalmente trabalhado e parecia algo especial. Levei-o à cabeça, enquanto andava

pelo pequeno apartamento e buscava o homem pelo qual tinha me apaixonado.

Logo lembranças da noite anterior me vieram.

— Você é uma bêbada muito eloquente.

— Eu sou uma bêbada que te ama — falei, e ri alto, tentando fazer shhh com os dedos. — Não conta para ninguém, vai me deixar numa saia justa.

— A vida não é justa, Júlia.

A realidade então me atingiu.

Eu tinha dito que o amava, e ele tinha dito que não era justo.

Não queria acreditar que foi aquilo e que ele tinha ido. Mas então, o porquê do chapéu deixado e de todo o silêncio ao redor? Eu não tinha o telefone dele, e sequer sabia o seu sobrenome.

Eu tinha me apaixonado pelo que ele era, não por quem ele era. E por um segundo, apenas torci para que como em todo livro de romance que eu favoritei, fosse apenas uma falha de comunicação e um imprevisto.

Ele voltaria.

Não voltaria?

Ele voltaria para mim.

Ele não voltou.

Meus pensamentos estavam perdidos naquele dia, como se tivesse voltado a ele, e me lembrava de cada detalhe, da ferida que se abria a cada hora que se passava e nenhum sinal dele. Do fato de eu ter cogitado ficar ali, apenas o esperando voltar, mas a vida lá fora me esperava.

Já ele não.

Ele não mais.

Tinha sido salva de falar sobre, pela chegada antecipada de Franco e toda sua família. Agora eu apenas encarava meu reflexo no espelho do banheiro que tinha no quarto que Oscar dizia ser meu, e repassava dias que eu não deveria revisitar.

Uma lágrima desceu por aquele motivo depois de tanto tempo, e talvez eu tivesse feito o certo, em trazer aquele chapéu na viagem. Seria uma forma de dar um fim ao ciclo que eu não queria refazer. A crença tola e angustiante de que aquele objeto era uma promessa.

Batidas de leve na porta me fizeram limpar o rosto rapidamente e saí do banheiro. Caminhei até a porta, e assim que a abri, encontrei o dono de mais uma lágrima minha, que não tinha ideia do quanto me afetava. Ele, alguma vez, o teria feito?

— Clarinha dormiu muito rápido — falou e eu forcei um sorriso.
— Acho que nem prestou atenção no livro que eu lia...

— Foi um dia cheio para ela, e acho que esse momento com o pai, foi algo que ela sempre quis... — comentei e respirei fundo. — Vou checá-la, talvez de hora em hora, ainda me acostumando a estar longe de casa, com ela.

— Quero que se sinta à vontade, para fazer o que quiser — falou e me encarou profundamente. E eu apenas desviei o olhar, porque era demais. Era demais para mim, naquele exato momento, estar tão perto dele. — Se quiser ir ao quarto dela, ou andar pela casa, ou pela fazenda...

— Obrigada, Oscar — assumi. — Sei que está fazendo o seu melhor para ela, e como mãe, fico muito feliz mesmo.

Ele então me deu um sorriso sem dentes e assentiu, passando as mãos pelo pescoço, e eu sabia que estava nervoso. Era algo que não tinha mudado, ao menos, pelo que eu observava. Seus trejeitos e manias, ainda tão presentes.

— Aliás... — era agora ou nunca. — A pergunta de Clara me fez lembrar de que tenho algo para te entregar...

Adentrei o quarto, e vi-me indo até a mala, e a abrindo. Retirei de dentro dela, o chapéu que um dia me foi deixado. Ele estava, como eu

sempre o mantive, bem guardado dentro de uma capa específica, para não estragar.

Respirei fundo, e voltei até ele, estendendo-lhe o que trazia.

— Guardei esse tempo todo sem saber o porquê, mas agora sei que era para ele voltar para o real dono... Se é o chapéu que tem um significado tão importante, nada mais justo — falei, soltando minha mão do objeto, sem me dar chance para voltar atrás.

Só eu sabia quantas lágrimas aquele chapéu tinha me assistido derramar.

— Foi uma promessa que eu não cumpri — falou baixo, mas ainda audível. — Como no livro que você leu, que o mocinho deixava o chapéu para a mocinha, para que mesmo longe, ela soubesse que ele a protegia, e que voltaria...

Ele ainda lembrava.

Uma das histórias que eu tinha contado tão animada para ele, mas que nunca, depois que ele se foi, tive certeza se realmente prestou atenção ou não.

Então, ali eu soube, ele estava prestando atenção.

— Bom, eu era uma romântica incurável, e com certeza entendi como algo parecido com isso, mas... Passado, Oscar.

OSCAR

Meu olhar estava preso ao acessório, que de repente pesava cada ano que passei longe dela. Como se eu não pudesse segurá-lo mais. Olhei-a, e não consegui sequer disfarçar a dor que me atingia.

Ela o tinha guardado, talvez por me esperar ou após tanto tempo, apenas ter esquecido, em um canto perdido da sua casa.

Ela tinha me entregado, como se estivesse dando o passo de que eu não precisava pensar em nada naquilo, não mais.

E eu podia evitar?

— Eu deveria, ao menos, ter ido buscar o chapéu, e... — sequer conseguia continuar, sentindo tudo se embaralhar dentro de mim.

Um homem feito prestes a desabar.

Foi assim que ela se sentiu, anos atrás?

— Então descobriria que estava grávida, talvez. — Deu de ombros. — Quem pode chutar o que teria acontecido, não é? — sua pergunta era um claro “encerrar assunto”.

Eu tinha apenas que parar de tentar encontrar uma brecha e que o passado faria algum sentido?

Aquela entrega era o pedido claro de que ela queria que eu parasse.

Por que eu não conseguia?

Vendo-a tão de perto, olhando-me mais do que preparada para finalizar aquela história, sem sequer voltar qualquer página. Eu era mais do que um capítulo encerrado na sua história, era apenas o ponto final de nós. Sem qualquer chance de ter “o eles foram felizes para sempre”.

— Você o ama, não é?

A pergunta que eu tentei evitar, mas que agora, eu não podia mais. Não podia me permitir ir sem fazê-la. Eu iria, sem mais perguntar qualquer coisa do nosso passado, se ela me respondesse aquilo.

E os olhos mais bonitos que eu já encontrei, apenas pareciam querer fugir dos meus, mas ela não o fez.



“Quando ela disse que era demais, você gostaria de ainda poder tocá-la?

É só uma pergunta”^[23]

JÚLIA

Eu estava cansada da situação de sempre fugir das perguntas ou ter a sorte de alguém interromper e elas não irem adiante.

Era cansativo sempre esperar que algo parasse aquele momento, para não ter que voltar.

— Está me perguntando se eu amo quem? — indaguei, sem conseguir discernir sua pergunta. — O que você foi? O que você era para

mim?

Notei então o espanto em seu olhar, e ele piscou algumas vezes.

— O que realmente quer que eu responda, no meio da noite, na casa do cara por quem eu chorei e esperei por anos, e com quem tenho uma filha junto, e mesmo se não tivesse, não conseguiria simplesmente evitar? O que realmente quer de mim, Oscar?

— Quero você.

Sua resposta me atingiu por inteiro.

— Mas eu sei que não a mereço.

— O que está fazendo, então? — indaguei, me sentindo mais que uma bagunça. — Dizer que me quer, aparecer depois de dez anos sendo a sorte do destino, ou me fazer um quarto dos sonhos, não vai mudar nada.

— O que muda, Júlia?

— Nada — respondi, encarando de relance o chapéu. — Nada muda o que passou, e nem vai mudar.

— Então você ama Ricardo?

Olhei-o inconformada.

— O que meu melhor amigo tem a ver com isso? — rebati, rindo baixo, sem qualquer vontade. — Não está mesmo me perguntando sobre ele desde o quase fim dessa conversa?

— Acha que não doeu te ver nos braços de outro, tão confiante e feliz, sorrindo e sendo leve, sendo apenas você, e aceitando cada toque dele? — rebateu, e respirou fundo.

Eu não tinha ideia de como estávamos tendo aquela conversa no meio do corredor, quase no meio da noite, e em tom baixo.

— Ele é a pessoa em quem eu confio, que me faz feliz, que eu amo — falei, e notei o olhar de Oscar mudar por completo. — Ele não tem nada a ver com você ou o que houve entre a gente. Eu te disse para deixar no passado e não trazer à tona. O que é tão difícil nisso?

— Difícil é te olhar e ter a certeza de que não posso ver nada além do vislumbre do que amei. Difícil é te ter tão perto e não conseguir te tocar. Difícil é imaginar que outra pessoa te ama, como eu te amei. Difícil é saber que fodi com tudo, e que deveria ter ido até você e tentado entender. Difícil é que parece tarde demais, mas não consigo parar de pensar em como eu ainda estou preso nos seus dedos.

Respirei fundo, diante de toda aquela informação, e tentei não me agarrar a qualquer palavra. Não podia. Não podia me dar a chance de ter um coração quebrado pela mesma pessoa.

— Talvez esteja preso à ideia do que seríamos, caso tivesse ficado... — neguei com a cabeça. — Não precisa pensar tudo isso, só

porque temos uma filha. Não precisa pensar no que seria ou como seria. A realidade pode ser a mesma, de que teríamos nos separado. Foram quatro semanas no escuro, vivendo de conversas, cafés e sexo... O que isso seria para uma vida?

Nem eu acreditava nas palavras que saíam da minha boca.

— O amor da minha vida.

Meu olhar estava mais do que perdido ali.

Eu tinha me perdido.

— Eu sei que está se protegendo. — Deu um passo à frente, e me encarou ainda mais profundamente. — E me odeio por ter que se proteger de mim.

— Não posso te dar o que acha que quer. — Fui honesta. — Não tenho como fazer isso, Oscar.

— Eu não poderia ir sem tentar, não como no passado... — assenti, levando uma das mãos a meu pescoço e respirando fundo. — Não sei como parar de tentar, Júlia.

— É só esse furacão de revelação passar, e vai ver que não teve estrago algum, e sua vida continua a mesma, só que agora, é o pai de Clara — falei, tentando me apegar às palavras, mesmo que elas não

demonstrassem nada. — Isso passa, Oscar. Essa sensação de teria, poderia, deveria... Se foi como eu, isso passa, e a vida acontece.

— O que se sente também passa? — sua pergunta me acertou por inteiro.

— Passa. — Aquela era a mentira mais descarada que eu contava naquela noite, e tentei parecer convincente em uma única palavra.

Notei-o respirar fundo e dar dois passos atrás.

— Boa noite, Júlia — assenti, e dei um passo atrás, já segurando a porta.

— Boa noite, Oscar.

Ele deu um leve aceno com a cabeça, e me vi fechando a porta aos poucos, e a cada parte dele que saía da minha frente, eu voltava minha feição, para o terror que me assolava.

O que tinha acontecido?

O gatilho do nosso passado sendo acionado por um chapéu?

E eu me vi escorando-me nas estantes, até chegar na poltrona.

Ele era demais.

Toda aquela situação era demais.

E eu me sentia tão pequena, mentindo de forma que meu coração se quebrava em alguma parte, porque não queria fazer aquilo.

Não queria mentir, mas também não queria que ele soubesse a verdade.

A verdade era que a cada momento, ficava mais difícil ignorar o que gritava dentro de mim.

De que ele era o homem que eu amei, e que aquele sentimento, mesmo depois de tanto tempo, não passou. Talvez, nunca passasse.



“Quando ainda estávamos mudando para melhor

Querer era o suficiente

Para mim, era o suficiente

Viver pela esperança disso tudo”^[24]

JÚLIA

— Acho que as pessoas acreditam que somos um casal — falei para Ricardo ao telefone, enquanto Clara estava cantando alto em seu banho. No fim, eu tinha fugido para o quarto dela no meio da noite, e

dormido ao seu lado. Era algo que costumava acontecer, geralmente, com ela fugindo para o meu, ou eu para o dela.

— Por que isso? — Ric parecia ter se engasgado com algo.

— Acho que é o que todos os Esteves pensam — comentei, encarando a vista linda que tinha do quarto de Clara. — Não sei, acha que a gente parece um casal?

— Todo mundo aposta que a gente é irmão, na verdade. — Ele ficou quieto por alguns segundos. — Oscar está com ciúmes de você comigo?

— Eu... — suspirei fundo. — Parece pior que isso. Acho que ele pensa que troquei ele por você.

— Bem feito! — gritou do outro lado da linha, fazendo-me afastar o aparelho. — Quem manda ter sido tão imbecil e abandonado vocês?

— Ele não sabia de Clara — sussurrei ao celular. — Mas já te contei essa parte da história que descobrimos esses dias, ridículo.

— Bom, continuo achando um ótimo bem-feito ele achar que sou o sucessor dele. — Tive que rir da palavra que ele usou. — Eu sou bonito, Juju. Fazer o que, se pensam que sou um ótimo partido.

— Vou nem comentar sobre seus delírios. — Revirei os olhos, e ouvi sua risada do outro lado da linha. — Algo novo por aí?

— Nada, a não ser uma montanha de papéis e que ainda estou sendo ignorado por Leila.

— Por que não bate na porta dela e diz que foi um mal-entendido, homem?

— Porque eu gosto de sofrer, só pode. — Ouvi-o suspirar fundo. — Não faço ideia do que eu e ela estamos fazendo.

— Bom, pelo menos estão fazendo alguma coisa?

— Tipo você e Oscar, nos ignorar. — Fiz uma careta, sem poder evitar. — No caso, acho que você o ignora e ele perdeu toda aquela cara de homem intocável, e tá com carinha de cachorro abandonado.

— Ele não tem cara de cachorro abandonado, Ric — rebati, e ri sozinha, ouvindo que Clara já abria a porta do banheiro. — A gente conversa mais tarde, e te mando fotos da fazenda...

— Aproveita e coloca uma foto nossa no seu perfil do whatsapp, aí que o Oscar cai duro de vez.

— Pelos céus, Ric! — ri alto, e ouvi-o fazer o mesmo. — Sossega, homem!

— Boa sorte em fingir que não ama o cara que não deveria amar.

— Eu te odeio tanto às vezes...

— Sei que me ama — rebateu, e podia vislumbrar seu sorriso de lado, completamente escancarado. — Manda um beijo na coisinha linda do dindo, ok?

— Pode deixar, fanfarrão.

Desfiz a ligação, e Clara me encarava curiosa.

— Seu dindo mandou um beijo.

— O dindo ia adorar a fazenda, não acha?

— Pelo jeito de bicho da cidade que ele tem, acho que não — comentei, e ela pareceu pensar um pouco, e assentiu em seguida. — Animada para o seu primeiro dia na casa do seu pai?

— Muito! — falou, e deu uma rodadinha em seu roupão. — O que vocês planejaram fazer?

— Papai disse que pode me ensinar a montar, se a senhora deixar.

Fiquei completamente surpresa.

— Tem coragem de montar um cavalo, solzinho?

— Eles são muito bonitos, e tem cavalinhos para o meu tamanho, mamãe — falou, indo até sua mala, que ainda precisávamos desfazer e arrumar no enorme closet que Oscar destinou para ela. — A senhora vai deixar?

— Vou conversar com seu pai antes e veremos, certo?

— Tá bem.

Ela então pareceu se concentrar em escolher a roupa, e ouvi batidas na porta. Fui até lá, e a abri, encontrando Augusta do outro lado.

— Bom dia, Júlia — falou animada, e sorrindo abertamente. — Como foi a primeira noite na Fazenda Esteves?

— Diferente, mas boa — falei, tentando ignorar a conversa que Oscar e eu tivemos. — Obrigada por nos receber tão bem.

— Na verdade, eu queria me desculpar. — Sua expressão mudou por completo. — Caso Clarinha for montar com os tios, eu gostaria de fazer isso de forma correta com você.

— Não tem por que o fazer, nós adoramos tudo aqui.

— Na verdade, é sobre os Toledo.

Foi naquele momento que me lembrei que ela era uma Toledo, e apenas me vi assentindo. Não tinha ideia do que ela queria dizer mais sobre, mas eu sabia que ela não tinha culpa. A culpa era da pessoa que fez tudo aquilo: Vicente Toledo.

— Claro, se sentir vontade para falar sobre isso...

— Se Oscar comentou com você a respeito é porque confia em você, então... — dei de ombros. — Não tem problema nenhum.

— Olha, titia Guta! — Clara passou à minha frente e mostrou o conjunto jeans que tinha comprado justamente para vir à fazenda. Ela voltou correndo para dentro do quarto e quando reapareceu, já tinha o chapéu que o pai lhe deu na cabeça. — Pareço uma fazendeira?

— Parece uma mini Oscar Esteves. — Vi os olhos de minha filha brilharem. Era claro que ela queria parecer com o pai, pela forma como ela tanto o idealizou por anos. — Uma verdadeira fazendeira, pequena.

— Acha que a Lua vai gostar da minha roupa? — ela perguntou ansiosa, e Guta me encarou por um segundo, como se pedindo permissão. E deveria ser algo de mãe, porque entendi de imediato o que ela queria.

— Por que não vamos mostrar para ela?

— Posso, mamãe?

— Sim, solzinho — falei, abaixando-me para dar um beijo em sua testa. — Vou só pegar meu celular e espero vocês...

— Pode ir para a mesa de café se quiser, ou lá fora... Sinta-se em casa, Júlia.

— Obrigada, mesmo.

Elas saíram, em direção ao outro lado do corredor, e vi minha filha pulando pelo caminho, com uma das mãos dada com a tia. Ela estava adorando a sensação de uma família grande.

Desci as escadas com cuidado, e notei uma conversa animada na sala, e outra mais longe, talvez fosse na cozinha. Aquele lugar era grande, e não tinha sequer me localizado realmente onde tudo ficava.

Vi Carolina falando animadamente com Flávio, que tinha o filho mais novo dela no colo, e o jogava para cima. E de relance, vi outros se aproximarem dali – Franco, Jasmine e Oscar. O último parecia provocar a sobrinha, que ria alto, e batia contra as costas dele.

— Pelo menos ela já tem namorada, então não vai ter que arrancar os cabelos preocupado se ela vai arrumar alguém imbecil na faculdade.

— De repente, minha ida à faculdade virou o assunto do momento? — Jasmine perguntou, enrolando os cabelos ruivos no alto da cabeça.

— A vida dos meus sobrinhos sempre será um assunto da nossa família — Oscar falou, bagunçando os cabelos dela, que logo se desfizeram, e ela o empurrou antes de se sentar no sofá, próxima à mãe.

— Já parou para pensar como vai ser quando Clara for para a faculdade, tio Oscar?

E aí ela o provocou em cheio, e ele arregalou os olhos, e se sentou meio que de imediato na poltrona mais próxima. Eu ri da escada,

terminando de descê-la e senti todos os olhos em mim.

— Bom dia — falei, recebendo sorrisos e acenos como resposta.

— Eu acho que deixou seu tio sem resposta, Jasmine.

— Eu sou uma ótima sobrinha, tia Júlia.

Olhei-a surpresa pela forma que me chamou e ela sorriu de lado, como se envergonhada. Pisquei um olho para ela, como se dissesse “tudo bem”, e ela pareceu mais aliviada.

— Clara?

A pergunta de Oscar me chamou atenção, enquanto me sentava num dos sofás vazios, e foi o mesmo tempo que ouvi a voz dela.

— Bom dia, papai!

O gritinho agudo, que ela dava todas as manhãs e que eram geralmente meus, agora também era dele. Ela tentou correr na escada, mas felizmente, Juan estava ao seu lado, e a segurou em cada degrau.

Olhei para Oscar e vi-o já se levantando, claramente assustado.

— Bem-vindo à vida de ter mini-infartos a cada segundo por dia, irmão — Franco falou, e a sala explodiu em gargalhadas, enquanto Clara finalmente pôde correr até o pai e o abraçar.

O olhar dele então parou no meu, e eu acabei sorrindo.

Em momentos como aquele, uma parte de mim não conseguia deixar de imaginar, como seria ter crescido numa família grande. Eu nunca tive nada. Não até Silvia Medeiros entrar na minha vida. Foram dezesseis anos sozinha, tentando sobreviver, e sonhando com as famílias que apenas via pela televisão.

Vendo-os ali, parecia claro que não existiam apenas famílias felizes na ficção, elas poderiam existir na realidade. E vendo a felicidade de minha filha, em estar em torno deles, sabia que tomei a decisão certa ao trazê-la. Ela merecia a chance de viver aquilo, e se sentir em um lar com várias pessoas. Ela foi o meu lar por todos aqueles anos, e eu queria apenas proporcionar ainda mais a ela.

E era grata a Oscar por estar ali para finalmente proporcionar aquilo para ela também.



“E sei que isso foi há muito tempo

E que não havia mais nada que eu pudesse fazer

E eu esqueço de você por tempo suficiente

Para esquecer a razão de precisar te esquecer”^[25]

JÚLIA

— Tudo bem, mesmo? — Oscar perguntou, talvez pela décima vez, e eu assenti.

— Estou começando a desconfiar de que não sabe andar a cavalo.

Seu sorriso despencou para o lado esquerdo da boca, como se claramente dissesse, que ele o fazia, zombando de mim.

— Não sei por que, mas tudo com Clara, me preocupa mil vezes a mais que o normal.

— O meu lado confiante, em alguns momentos, simplesmente desaparece, apenas por se tratar de Clara — assumi, parando ao lado dele, e vendo nossa filha já paramentada para subir no cavalo. — Ela tem você e mais três tios ao redor, fora Jasmine que também estará por perto. Vai ficar tudo bem.

— Eu só... — ele então respirou fundo, e seu olhar parou no meu. — Tenho medo de estragar tudo, Júlia.

— Não vai fazer isso com ela — falei, o que realmente sentia. — De tudo que eu imaginei ou esperei que você fosse para ela, só tem sido ainda melhor. De uma mãe que já se sentiu assim, para um pai que está surtando... Você está fazendo isso bem.

— Obrigado, de verdade — falou, e assenti para ele, me afastando dali, e caminhando em direção de onde Guta estava, com um caderno em mãos, e um chapéu na cabeça.

O sol estava de rachar, e talvez eu devesse ter me adiantado e trazido um também. O lado positivo era que eu tinha me entupido de

protetor solar naquela manhã.

— Preciso te dar um chapéu para usar, mulher — Guta comentou, assim que me aproximei, e felizmente, os óculos escuros me ajudavam e muito a não me incomodar.

— É sempre assim? — indaguei, e ela negou com a cabeça, mas assentiu em seguida.

— Tem dias lindos, cheios de sol e que parece que a gente vai desintegrar... E tem dias que a chuva só despenca e parece que nunca vai ter fim. — Riu de lado. — É um lugar ótimo para se viver, aliás.

— Todo mundo aqui me recebeu bem — falei, me virando, e de longe, já via Clara dando um tchauzinho com as mãos, enquanto o pai a ajudava a montar no pequeno cavalo. — Acho que tenho que me acostumar com isso.

— Só teve o lado do pior, que infelizmente, os Esteves trazem junto. — Suspirou fundo, e então a encarei. — Sinto muito pelo que meu tio Vicente fez. — Tentei falar algo, mas ela foi mais rápida. — Tem sido uma longa caminhada de cura com a minha própria família, que eu praticamente não vejo há anos, porque simplesmente, não posso encará-los. Eles já fizeram jogos como esse, comigo, com Juan, com Franco,

com a falecida esposa de Franco – que era minha prima, e agora sabemos que fizeram o mesmo com Oscar, usando você no caminho.

— Tenho que dizer, que ele me pegou num momento difícil — admiti. — Mas algo parecia estranho naquela história, mesmo quando apareceu com a foto de Juan, e me disse que era o irmão mais velho de Oscar, e que o sobrenome era Toledo. Algo não batia com nada daquilo.

— Sinto muito que tenha que brigar consigo mesmo, por conta da ganância e vingança sem sentido de alguém dos Toledo. — Ela parecia realmente machucada ao falar . — E obrigada por ter dado essa chance ao Oscar.

— Acho que a nossa filha fez isso desde sempre. — Sorri de lado, sem querer me aprofundar naquilo. — Como eu poderia negar isso a ela, né?

— Às vezes a gente se machuca tanto, que não pensa em nada além das próprias feridas, e acabamos prejudicando quem amamos... — ela falou, e parecia anotar aquilo no caderno que carregava. — Você, com toda certeza, não é esse tipo de pessoa.

— Só quero que Clara seja feliz. — Fui honesta.

Levantei o olhar e então vi Clara rindo abertamente, com a prima já próxima a ela, andando ao seu lado, e os tios também. Como se todos

estivessem orgulhosos do que ela fazia. Mais um tchauzinho da minha pequena, e demorei alguns segundos para entender como de repente, mesmo com os óculos, eu tinha ganhado uma sombra maior.

Pisquei algumas vezes, levando a mão ao chapéu que foi colocado ali, e vi Oscar apenas me encarar por alguns segundos.

— Só para te proteger, durante o dia.

Sem me dar tempo para dizer nada, ele correu em direção à nossa filha, e ouvi outros passos se aproximando.

— Ficou lindo em você, Júlia. — Era Carolina Reis, que trazia o filho mais novo ao lado, e a sobrinha – Lua, do outro.

— E encaixa perfeitamente — Guta comentou, e notei a forma como ela parecia surpresa diante daquilo. — Desculpe se falamos demais, mas como já deve saber, significam muito para eles, os chapéus...

— Por que ele me daria isso? — a pergunta saiu, antes que eu pudesse evitar que a fizesse.

— Não posso dizer por ele, o que ele sente, mas... É claro que ele se importa. — Carolina quem se adiantou. — Do pouco que pude conhecer de Oscar nos últimos tempos, nunca o vi tão intenso e imerso em algo.

— Assino embaixo sobre isso — Guta comentou. — Não pensa, nem por um segundo, em dar uma chance para algo além de ele ser “o pai” de Clarinha?

Eu abri a boca para responder, mas logo a fechei, sem saber o que dizer. Por mais que as perguntas e questões, e até mesmo divagações que elas fizessem, fossem extremamente pessoais, não sentia que elas cruzavam qualquer linha para me deixar desconfortável. Contudo, não queria dizer que eu tinha alguma resposta para aquilo.

Eu não tinha pensado pelo lado de que existia a possibilidade, de eu dar uma chance a nós.

Levantei o olhar, e retirei o chapéu com cuidado, apenas o encarando. Ele acompanhou cada mudança na minha vida, desde que Oscar se foi, e agora, estava ali também, só que com ele ao meu redor. Vi nossa filha sorrindo, enquanto cavalgava pela primeira vez, e os olhos dele, de vez em quando, paravam nos meus, como se esperando ou desejando alguma coisa.

O que eu podia fazer?

O que eu podia entregar?

— Não sei se ajuda, mas já dando um conselho que não pediu...
— olhei então para Carolina, que me encarava como se entendesse por

completo como eu me sentia. — Independente do que aconteça, às vezes, arriscar é melhor do que viver com o “e se”.

Eu poderia arriscar?

Arriscar lhe dar o poder, sobre o coração que ainda permanecia dele, e tê-lo quebrado novamente?

Meu olhar voltou para o dele, enquanto eu ainda segurava seu chapéu, o qual quando entreguei, pensei ter sido clara sobre o ponto final que colocávamos. Ele pareceu entender, mas mesmo assim, não demonstrava ter de fato aceitado que acabou.

Talvez eu tenha passado pelo mesmo, ou ainda estivesse passando. Pelo processo de compreender onde tudo realmente começou e onde tudo iria terminar.

Talvez, fosse como na música que ouvimos quando estávamos chegando na fazenda, e fazia mais sentido, a cada momento que se passava. Não sabia ainda se era bom ou extremamente horrível, ouvir All to well e pensar no homem que eu amava.

“Eles dizem que tudo vai bem quando termina bem

Mas estou em um novo inferno cada vez

Que você engana a minha mente...”^[26]



“Ah, ah, estou me apaixonando

Ah, não, estou me apaixonando outra vez

Ah, estou me apaixonando

Achei que o avião estivesse caindo

Como você deu meia-volta?”^[27]

OSCAR

— Acho que ela sequer tá conseguindo respirar com tudo, mas...

— virei meu rosto em direção a Flávio, que colocava seu chapéu na cabeça. — Acho que ela gostou daqui.

— Está tentando falar do lado ruim, e ver o lado positivo da coisa? — rebati, e ele deu de ombros, assentindo. — Acho que ela está fazendo o melhor para não socar a minha cara.

— Ela deveria? — a pergunta veio de mais longe, de Juan, que se aproximava com uma garrafa de água. — Eu acho que deveria conversar com ela.

— A última conversa terminou com meu chapéu sendo devolvido — falei baixo, mas em um tom que sabia que eles tinham ouvido, até mesmo Franco, que estava mais afastado, fazendo um leve carinho na crina do cavalo.

— Acho melhor se preparar, para tê-lo de volta mais uma vez, irmão.

Suspirei fundo diante da fala sussurrada de Franco, e era como se meu corpo todo soubesse que ela estava se aproximando.

— Vou falar com o capataz, e ver se está tudo em ordem — Juan comentou, fazendo um leve cumprimento para Júlia, que deveria já estar atrás de mim. — Flávio e Franco, preciso de vocês.

— Mas por que precisa da gente para falar com...

Apenas vi Franco batendo na orelha de Flávio, que quase perdeu o chapéu e soltou um alto “diacho”, mas seguiu ao lado dos mais velhos.

— Sutis como um coice de cavalo — falei, virando-me e então encontrei os olhos bonitos que ela escondeu com os óculos de sol, e sabia que deveria ter sofrido diante do dia quente.

— Clara está mais empolgada do que tudo, contando para as tias sobre como foi cavalgar, e me disse que vai contar toda a história do início mais tarde — falou, e um sorriso verdadeiro estampava seu rosto. — Obrigada por isso, Oscar.

— Acho que eu deveria ser quem agradece, não é?

— O sol já está se pondo, então queria te devolver... — adiantou-se, entregando-me o chapéu e apenas me vi assentindo, e pegando-o, mesmo que a contragosto.

— Não pode ficar com ele, né?

— Não acho que devo, para ser honesta. — Levantei meu olhar e encontrei o seu. — Foi algo que significou você por muito tempo para mim, e não quero voltar a isso. — Ela parecia extremamente desconfortável ao dizer tal coisa, e eu sabia que estava ultrapassando o limite.

— Às vezes, não posso evitar as perguntas que vêm na minha mente, mas vou tentar me policiar mais — falei, respirando fundo em seguida. — É bom te ter aqui, de verdade.

— É um lugar bonito, cheio de vida, uma família grande, e com certeza, com muita história... Me sinto bem aqui.

— Sempre que quiser, sinta-se à vontade para estar aqui.

— Não vai querer que eu apareça do nada, estressada com o trabalho e surtando, procurando algum ar puro para respirar, e ser justamente na sua fazenda. — Provocou, e por alguns segundos, era como se a Júlia que eu conhecia tão bem, estivesse de volta.

— Sempre vou querer te ver aqui, Júlia — admiti, e notei seu sorriso se desfazendo aos poucos.

Um passo para a frente, talvez cinco para trás.

— E tem realmente uma boa história de família por aqui?

— Flávio é o bom contador de história da família — falei, sorrindo de lado. — Mas o que gostaria de ouvir?

— Eu não sei, só... — ela olhou ao redor, claramente admirada. — Esse lugar tem algo especial.

— Não posso dizer que não me sinto assim também. — Sorri, encarando-a. — Te ver aqui, torna o cenário que eu imaginei por tantos anos, e saber que se sente assim, me deixa ainda mais contente.

— Me imaginou aqui? — sua pergunta direta, me fez piscar algumas vezes, e deixar de lado as cordas com as quais mexia com a mão

livre.

— Muitas vezes — respondi, tentando não forçar nada. — Mais do que eu deveria, acredito.

— Eu nunca imaginaria, que realmente fosse um cara da fazenda, até claro, estar aqui — falou, e seu olhar se perdeu ao redor. — Combina com você, Oscar.

Abri a boca para responder, mas neguei com a cabeça, e fechei-a de imediato. Apenas respire fundo e não seja invasivo – disse a mim mesmo.

— O que foi?

— Acho que não vai gostar da resposta que deixei na ponta da língua, para o que disse, então... — fiz um zíper com o dedo na boca, e ela me encarou, como se curiosa.

— Não ia me dizer que eu combino com você, né?

— Continuo cafona, Júlia — admiti. — Não posso evitar ser cafona, não quando se trata de você.

— Poderia ter usado a palavra romântico, mas tudo bem. — Ela pareceu estar mais leve naquele instante. — Não tem como fingir que não tivemos nada no passado, mas não precisamos ser indiferentes por isso... Acho que em algum momento, vamos rir disso tudo.

Espero que eu ria, com você nos braços, sentada no meu colo, do jeito que fazíamos no passado, era o que queria dizer.

— Espero que sim — foi o que me permiti falar, e vi-a sorrir de lado.

— Vou ver se Clarinha já cansou de contar mil histórias para as tias...

— Isso, ela deve ter puxado do Flávio... — falei, e ela riu abertamente, como se curiosa para ver acontecer.

— Ainda vou ouvir as histórias dele, e darei minha opinião se Clara é uma mini-versão disso.

— Vai ver que estou certo.

Pisquei um olho, e notei o exato segundo em que suas bochechas se tornaram avermelhadas. Foi o mais perto que cheguei de conseguir ver o que se passava, de verdade, dentro dela.

Vi-a então se afastar, e cada passo que dava para longe, me fazia querer ir para perto.

Respirei fundo e me mantive ali, vendo-a adentrar minha casa. Eu poderia sonhar e imaginar que ela estava ali por mim também? Por nós?

Ao menos, sonhar com nós dois, era algo que eu podia fazer sem acabar forçando-a a sentir-se desconfortável ali. E me machucava, que

toda vez que voltávamos a nós no passado, nem que por um segundo, ela estivesse claramente sendo ferida.



“Eu desisti de nós dois na boate

Você me transformou numa bagunça

Eu te imaginei com outras garotas apaixonadas

Aí vomitei na rua”^[28]

JÚLIA

— A cidade é tão lindinha, né, solzinho?

— É tão pequena — Clara falou, caminhando ao meu lado, e uma de suas mãos na minha, e a outra na do pai. Parecíamos uma foto perfeita

para ser colocada num quadro, mesmo que não existisse um porquê. — Posso tomar sorvete?

Ela estava animada, encarando outras pessoas passando pela pracinha, e tomando seus picolés.

Mais um dia quente, e o nosso penúltimo dia ali no interior. E eu tinha quase certeza de que Clara pediria para ficar mais. E eu poderia fazê-lo, ainda mais porque ela estava de férias e eu também. Contudo, ainda teria que conversar com Oscar sobre isso. Não queria que fôssemos algum problema ou incômodo para ele ou sua família. Eles estavam sendo tão bons com a gente, que queria fazer o meu melhor.

— Sorvete de quê, solzinho? — Oscar perguntou, direcionando-os para o meio da praça, e pelo jeito, a sorveteria deveria ficar por ali. — Tem picolé, de massa, gelatto...

— Pode ser de todos os tipos? — ela perguntou tão animada, que quem visse até acreditava que ela comeria realmente tudo.

Oscar me deu um leve olhar, e eu sorria, dando de ombros.

— Ela parece uma draga, mas não dá conta.

— Mamãe!

— Apenas a verdade, solzinho — falei, assim que ela afastou a mão da minha, e foi para trás do pai, como se escolhendo seu lado, e eu

ri.

— Então temos um solzinho com o olho maior do que o bucho?

— O que é bucho, papai?

A pergunta veio tão rápida, e a gargalhada de Oscar soou alta.

Sentia alguns olhares ao nosso redor, e me recordava do que Ricardo me contou, do pouco que ele sabia sobre os Esteves, devido à relação da família dele com os mesmos. Eles eram conhecidos pelo interior, principalmente, na cidade em que a fazenda ficava.

Seria por aquilo que tantos olhares estavam sobre nós?

— Vamos fazer o seguinte... — ele falou, agachando-se para encarar nossa filha. — Pedimos o que quiser, e daí se não der conta, eu como.

— Gostei da ideia, papai.

— É claro que gostou — falei, e ela semicerrou os olhos, do jeitinho idêntico ao dele.

— O dindo faz isso às vezes, e a mamãe ri dele, quando ele não dá conta de tudo...

— Ricardo, não é? — a voz e expressão de Oscar mudaram, e queria entender como ele poderia ficar tão diferente, apenas pela menção do meu melhor amigo.

— Vamos tomar o sorvete, papai. — O pedido de Clara parecia tê-lo despertado do momento, e seu olhar saiu do meu, e se modificou quando encarou nossa filha.

— Vamos, solzinho.

Vi-os seguindo, e mesmo que o olhar de Oscar tenha me encontrado sobre o ombro, apenas deixei-os ter o seu momento, sozinhos. Caminhei mais devagar, cumprimentando desconhecidos educados pelo caminho, e amando aquela sensação do interior. Seria mentira dizer que não passei a vida toda querendo fugir dos prédios da cidade grande.

Prédios que por tanto tempo me fizeram sentir presa, por não saber para onde poderia voar.

Sorri para o nada, enquanto caminhava, e parei para tirar uma foto da igreja que ficava na praça, e que com certeza, era o centro de toda a cidade. Mande-i-a para Ricardo, que já não aguentava mais receber tantas fotos minhas. Parei por um segundo, virando a câmera, e mais à frente, vi Clara e Oscar sorrindo um para o outro, enquanto adentravam a sorveteria.

Tirei uma foto e sorri ainda mais, porque agora tinha algo deles, para guardar. Aquela foto não encaminhei para o meu melhor amigo, mas

por alguns segundos apenas fiquei encarando-a.

— Ele é bonito, não é?

A pergunta me fez piscar algumas vezes, e tentar identificar se a pessoa falava comigo ou não. Quando me virei, encarei uma mulher, que deveria ser mais nova, que me encarava de forma curiosa.

— Desculpe?

— Oscar Esteves — falou, como se explicando. — Ninguém sabia que ele era pai, até ele aparecer na praça com a filha... Os boatos voam, mas é difícil saber muito sobre a vida dos Esteves.

Eu a encarei, sem ter certeza de onde queria chegar.

— Você é só a mãe da criança? — perguntou, e eu franzi o cenho.
— A mãe da filha dele?

— Depende — respondi, sem entender realmente aonde aquilo chegaria. — Quem está perguntando?

— Ah, sou apenas uma velha conhecida do Oscar... — sorriu de lado, e parecia ter vários sentidos para estar ali. — E você?

— Júlia — foi tudo o que falei, e já seguiria meu caminho.

— Não acha que me deve uma resposta, Júlia?

Parei meu passo e respirei fundo.

De repente, o cenário de ele com ela, apareceu perfeitamente em minha mente, e tudo dentro de mim se contorceu. A simples suspeita daquilo, me fez sentir com vontade de apenas ir para longe.

— Por quê? — indaguei, virando-me e fingindo um sorriso. — Acho que não temos que ter essa conversa.

— Parece complicado. — Ela me encarou de cima a baixo. — Não sei por que alguém complicaria alguma coisa, quando se trata de um Esteves.

Neguei com a cabeça, sabendo que ela não tinha ideia de quem Oscar era, fora ser Oscar Esteves. O sobrenome e a beleza pareciam a real razão daquela mulher estar tão interessada no status que eu tinha na vida dele. Nada mais.

Eu queria pensar que nada mais.

Caminhei em direção à sorveteria, e quando me aproximei, vi Oscar saindo, meio que equilibrando três potes pequenos de sorvetes, e um picolé.

— Vamos sentar na praça, papai.

Eu só queria dizer para Clara para não irmos até a praça. De repente, o incômodo da ideia de como seria aquela mulher próxima a Oscar, me atormentava.

Peguei um pote e o picolé das mãos de Oscar, que me deu um leve olhar de agradecimento, enquanto seguíamos.

De relance, não encontrei a mesma mulher tão próxima, mas assim que Clara se sentou em um dos bancos de pedra da praça, e eu fiz o mesmo, vi de imediato quando ela se aproximou de Oscar, e o parou no meio do caminho até nós.

E lá estava ela novamente.

— Esse sorvete é muito bom, mamãe.

— Que bom, solzinho — de repente, eu respondi no automático para Clara, enquanto tudo se contorcia em meu interior.

Eles estavam próximos, a ponto de que ela tocou no braço dele, e tinha certa intimidade bem ali. Respirei fundo, e neguei com a cabeça, pensando no quanto eu era iludida.

Eu poderia ter sido a primeira mulher que ele abordou daquela maneira, do nada e fez se sentir especial, mas com certeza, não foi a única. E eu não conseguia fingir um sorriso sobre aquilo.

Então quando ela se afastou, dando um leve beijo no rosto dele, engoli em seco e deixei minha expressão cair. Devia agir assim? Talvez não. Eu conseguia controlar? Com toda certeza, não.

— Prontinho, solzinho. — Ele se aproximou, agachando-se à frente de Clara, e estendendo-lhe um pouco do sorvete que tinha num dos potes.

— Quem era a moça, papai?

— Uma velha conhecida — falou, como se não fosse nada demais, e por um segundo, eu só queria voar em seu pescoço. Desde quando eu era tão agressiva? — Vai entender, se passar um tempo aqui no interior, de que as pessoas todas se conhecem... De um jeito ou de outro.

Olhei-o com a sobrancelha arqueada, extremamente incomodada. Que outro jeito ele a teria conhecido?

— Não quer que eu pegue nada para você na... — sabia que seus olhos estavam em mim, e apenas neguei com a cabeça.

Eu tinha quase certeza de que se comesse, poderia até mesmo vomitar. De repente, aquele sentimento de posse tomando conta, e queria apenas afastá-lo. Porque eu não estava acostumada a tê-lo, muito menos, saber lidar. A realidade era que nunca tive alguém para me permitir sentir de tal forma, e com Oscar, eu sequer dava permissão. Ele tirava aqueles ciúmes, gratuitamente, de mim.

— Está tudo bem, Júlia?

— Por que não estaria? — perguntei, e não pude deixar a ironia de fora do meu tom. — Estou ótima. — Tentei parecer mais como o meu normal, mas parecia somente estar perdendo minha mente. — Perfeita.

— Se você diz... — ele então desviou o olhar e deu de ombros, e eu quis realmente, voar no seu pescoço.

Como era tão fácil para ele, apenas ficar ali, e ser a razão do meu desespero interno, sem ter qualquer noção?

Respira fundo, Júlia!

E pare de se sentir como não deveria!

Minha mente me alertava, enquanto meu coração parecia querer rir da minha cara.

Era aquilo, num quadro perfeito, eu era a ex-perdida no tempo, com ciúmes do pai da filha, a quem tentava a todo custo não amar.



“Lutar com um amor verdadeiro é como lutar boxe sem luvas

Química até explodir, até que não haja mais nós”^[29]

OSCAR

— Que coincidência, Scar — Flávio praticamente gritou, e parei de caminhar pela praça, enquanto o via se aproximar.

Era melhor o grito dele, do que o silêncio sepulcral com que Júlia entrou, como se algo estivesse muito errado. Apenas Clara falava, em meio às colheres de sorvete que tomava.

— O que anda fazendo na cidade, irmão?

— Dia lindo para dirigir e tomar um sorvete. — Piscou um olho para a sobrinha, que sorria para ele. — Não acha que seria máximo, Clara?

— O quê, tio Flávio?

— Tomar mais sorvete, e depois ir conhecer o parquinho que está aqui na cidade...

— Tem um parque na cidade? — indaguei, e ele assentiu, olhando-me como se o tivesse ofendido.

— A vida já começou nesse ano, irmão — rebateu. — Pipoca, algodão doce, barca, carrossel, carrinho bate-bate... tudo que há de melhor na vida.

— Eu gosto de parquinhos — Clara falou e notei seu olhar na mãe, que parecia finalmente ter saído de um estado ruim. — Podemos ir, mamãe?

— Bom, temos que aproveitar o máximo, não acha? — falou, apertando o nariz de Clara, que sorriu abertamente. — Tudo bem, Oscar?

Aquela era a primeira vez que ela parecia pedir minha opinião sobre Clara, e fiquei por alguns segundos em choque.

— Eu? — engasguei na palavra, e senti a mão firme de Flávio em meu ombro, que sabia que ria. — Claro que sim. — Bati de leve perto de

suas costelas, e ele se afastou reclamando.

Clara riu alto, e se sujou ainda mais com o sorvete, enquanto Júlia parecia encará-la como se estivesse encantada.

— Eu queria ter irmãos — falou de repente, e eu congelei, sentindo o olhar de Júlia fazer o mesmo. — Deve ser legal, igual a vocês, titio Flávio.

— Eu posso dizer que dos quatro, eu sou o melhor irmão. E claro, o melhor cunhado. — Piscou para Júlia, que apenas sorriu, como se ele não tivesse jeito. — E melhor tio. — Aproximou-se de Clara, que apenas riu de seu descaramento. — Por isso o apelido de Simba.

— Pensei que era porque o papai disse que “ele era o primeiro da fila, antes de vir a bolinha peluda” — ela rebateu, olhando-o seriamente, e repetindo perfeitamente, o que ele lhe disse quando tiveram a noite especial de Rei Leão. — Não era?

— E também porque eu sou o melhor... Não acha que o Simba é o melhor, solzinho? — ela então se calou, encarando-o como se não quisesse dizer.

— Ela não mente, Flávio... — Júlia comentou, parecendo conhecer os trejeitos de nossa filha. — Pode falar a verdade para o seu tio, solzinho.

— Eu gosto mais do Scar — confessou, e ele a encarou, como se tivesse levado algo no peito, e dramatizou. Revirei os olhos do drama em pessoa, e fui até ele, apertando seu ombro.

— Uma pena, irmão. — Provoquei, e ele me encarou como se fosse seu rival.

— E pior que ela gosta mesmo do Scar, desde antes de saber do apelido... — Júlia comentou, um sorriso no seu rosto enquanto encarava meu irmão, e que morreu quando me encarou.

O que diacho eu tinha feito de errado para receber aquele tratamento?

Tudo bem que as coisas não eram cem por cento entre nós, mas ainda assim, não a tinha visto de tal forma, não desde que começamos a tentar colocar as coisas na mesa, mesmo sem de fato organizar.

— Eu acho que vou mais triste para o parque, mas... — ele ainda dramatizava. — Vim fazer esse convite, e também, como o tio número 1, ao menos por isso posso lutar... — sussurrou a última parte, porque ele não desistia. — Queria saber se posso passar um tempo com Clarinha.

— Aqui?

— É... — ele sorriu para Júlia. — Viemos eu, Lua, Jasmine e Eric... O melhor tio e os melhores sobrinhos, só falta Clara para sermos o

squad perfeito.

— O que é squad, titio Flávio?

— Tipo um time, solzinho.

— Uhhhh. — Ela abriu a boca, animada. — Eu quero ser do time dos sobrinhos Esteves.

— Assim é o espírito!

— Jasmine foi com os outros menores, fuxicar alguma coisa na lanchonete aqui perto, enquanto eu avistei vocês e corri, já que Oscar esqueceu que tem celular.

— Para coisas importantes, não para você, irmão. — Debochei, e ele apenas se afastou.

— Vou fingir que não ouvi isso.

— Eu posso ir, mamãe? — Clara perguntou, já ficando em pé e parando ao lado da mãe.

Notei um pouco de reticência em Júlia, e Flávio me deu um breve olhar, como se arrependido pela sugestão.

— Se quiser, pode ir junto, Júlia. — Ele ofereceu, e eu apenas a vi negar com a cabeça, olhando com carinho para Clara.

— Tá tudo bem, eu só... Só estou me acostumando com a ideia de dividi-la com mais pessoas — assumiu. — Na escola foi bem assim.

— A mamãe chorou no meu primeiro dia de aula, e no segundo, e no terceiro e...

— O mês inteiro, praticamente. — Ela se antecipou, e limpou um pouco da sujeira da boca de Clara, que tinha quase acabado com todos os sorvetes, mesmo que tenha dividido um pouco comigo. — Promete que vai se comportar, certo?

— Sim, mamãe.

— E qualquer coisa que aconteça, Flávio, pode me ligar — ela falou, e notei que seu tom mudava por completo quando se tratava de nossa filha.

— Obrigado por me permitir, cunhadinha.

Ela sorriu para o meu irmão, e logo ouvi o grito de Eric no meio da praça. E uma bagunça de Esteves se formou ao nosso redor.

E por um segundo, tudo parecia em seu perfeito lugar, menos o sorriso de Júlia, que desaparecia sempre que seu olhar parava no meu.

Eu estava cogitando, a qualquer instante, perguntar o que eu tinha feito naquele momento para deixá-la de tal forma. Contudo, optei por me calar. Já bastava o chapéu que me foi devolvido, eu não queria enterrar ainda mais o que ainda existia em mim, e tinha alguma esperança, de que ela ainda me daria alguma chance.

JÚLIA

Não sabia se aquela tinha sido uma boa ideia.

Dentro do carro, sozinha com o homem que tinha conseguido me tirar, novamente, por completo de minha zona de conforto.

Eu sequer conseguia fingir algum sorriso.

Flávio tinha prometido levar as crianças para casa até as 18 horas, e talvez, eu apenas devesse tê-los esperado, e não entrar no carro e estar voltando para a Fazenda Esteves, com o Esteves que tirava todo meu sentido.

— Eu gosto dessa música...

Oscar falou de repente, e então prestei atenção na canção, que tamanha era minha confusão interior, que sequer dava importância por completo no que acontecia ao redor. Ou melhor, tentava ignorar.

Maroon estava tocando.

Por que tinha que ser justamente a música que eu ouvia e sempre me lembrava dele?

— Realmente, é uma boa música — falei o básico e tentei não pensar muito a respeito.

— Não parece feliz, nem animada com nada... — comentou, como se me analisando. — Se eu fiz algo errado a respeito de Clara, ou de você... Você pode ser sincera comigo, Júlia. Sempre.

— Não acho que seja um bom momento para ser sincera — admiti. — Estou me sentindo tão confusa e bagunçada, que não sairia boa coisa disso.

— Se eu puder ajudar, é só me falar.

— Pode mudar a música? — pedi, e então ele assentiu, desviando por um segundo sua atenção da estrada, e logo começou um sertanejo. Encostei minha cabeça na janela, e tentei não focar no que tocava, mas era impossível.

Por que tinha que cair justamente em um sertanejo daqueles?

“Sabe onde minha saudade aperta

Quando o seu dedo aperta

Na palavra que me acerta

E deixa minha raiva cega

Cê sabe que eu sou incapaz e a falta que faz

Aí que mora o perigo, aí que eu caio lindo

Aí que eu sei das consequências, mesmo assim vou indo

É que vale a pena, vale a cama, vale o risco

O que é um arranhão pra quem já tá fudido?”

E de repente, eu estava me perguntando a mesma coisa, e rindo sozinha.

O que era me sentir como uma adolescente com ciúmes do cara que eu não esqueci, e que quebrou meu coração no passado, que era o pai da minha filha, e que parecia querer tentar alguma coisa?

Eu estava, realmente, fodida.



“Eu vivi e aprendi

Tive você, me ferrei

Esperei e aguardei

Deus sabe, tempo grande e desperdiçado

Perdi lágrimas, jurei que sairia daqui

Mas nenhuma quantidade de liberdade limpa você

Eu ainda tenho você em mim”^[30]

JÚLIA

— Gostou daqui? — perguntei para Ricardo, que estava por chamada de vídeo, olhando o parquinho que brilhava ao redor, e Clara já pulava para poder dar um oi para o dindo. — Aqui, solzinho.

— Oi, dindo! — ela falou, assim que me abaixei, e coloquei a câmera para o modo de selfie. — Tô com saudade!

— Eu também, solzinho — Ele falou, e notei seu olhar amolecer para ela. — Mas parece que aí tá bem divertido.

— Muitoooooooo! — ela quase gritou, e eu ri, quando mandou um beijo para o dindo. — Ah! — ela soltou um leve gritinho, então vi Oscar a pegar e jogar para o alto, e ela gargalhou. — Oi, papai!

— Oscar Esteves...

A voz de Ricardo simplesmente mudou do outro lado da linha e eu queria socar seu ombro, se estivesse por perto.

— Como vai, Reis?

— Como vai o rosto? — meu melhor amigo indagou, e eu respirei fundo. — Espero que não próximo para outra.

Eu sabia que ele falava do soco que deu na cara de Oscar, e eu conhecia Ricardo bem o suficiente para saber que ele não deixava uma provocação passar, não com quem ele se importava.

— Estou ótimo, Reis — Oscar respondeu, como se não se importando – e não sabia se não o fazia de fato, e piscou um olho para o meu melhor amigo. — Boa noite.

Vi o exato momento em que Oscar desceu nossa filha do colo, e pediu para ela o ajudar em algo, e percebi que ele entregou o chapéu que devolvi para ele, e ela o colocou em sua cabeça.

E por um segundo, embasbacada, parando no meio de tudo e de todos, no parquinho da pequena cidade, eu apenas soube do porquê ele ria sempre que o chamava de CEO – mesmo que ele parecesse muito com um, quando eu o conheci. Ao menos, com os dos livros que eu lia.

Ele agora, com o seu chapéu na cabeça, era de fato o cowboy que atraía todos os olhares. E existia algo nele, que não me deixava simplesmente desviar.

— Juju!

O chamado de Ricardo me fez piscar algumas vezes, e então voltar a ele, tentando me esquecer da cena que me paralisou por inteira.

— Acho melhor limpar aqui... — Ricardo falou, mostrando o canto da sua boca, e tirei-o do viva-voz de imediato. — Não tem como chamar o cara de feio, sinto muito, Juju.

— Posso chamar de cretino? — revidei, colocando o celular na orelha ao tirar a opção de vídeo.

— Pode chamar do que quiser, e sabemos que esse é o problema... — respirei fundo, encarando o nada, e tentando não parar meus passos, enquanto ele caminhava com Clara ao seu lado, que parecia encantada com tudo, e felizmente, não notou meu transe. Eu esperava que ele não tivesse notado. — Pode chamar ele de seu, que eu acho que ele vai fazer uma festa.

— Ric...

— Gosto dele? Não! Acho que ele é um cretino? Sim! Mas é claro que ele tá na sua até hoje e você tá na dele. — Ouvi-o respirar fundo. — Lembra do que mamãe ensinou?

— De que não devemos perder uma oportunidade de ser feliz — sussurrei, como se pudesse ouvir a voz de Silvia em minha mente. — Podemos conversar mais tarde?

— Mais tarde, te quero feliz, Juju.

— Obrigada, Ric — falei, e senti por um segundo, como se fôssemos apenas jovens perdidos e sozinhos, um pelo outro, e Silvia tentando nos dar o seu melhor.

Ele desfez a ligação e senti o exato segundo em que Oscar se aproximou, olhando-me como que preocupado.

— Júlia...

— O tio Flávio chegou! — a voz do mais novo dos Esteves tomou conta da pequena rua, e senti os olhares de várias pessoas sobre nós. — E estou pronto para ser a melhor companhia da noite...

— Eu e você, titio! — Jasmine se aproximou e parou ao meu lado. — Tiramos a noite para dar um descanso para os velhos, quer dizer, não que você seja velha, tia Júlia, mas... — ela então mordeu o lábio inferior, e sabia que estava tentando falar o que achava ser correto.

— Um Vale Night para os Esteves? — indaguei, e ela bateu uma palma, assentindo.

— Preciso aproveitar meus priminhos, que quando a faculdade começar, vou ficar um bom tempo longe...

— Mas por que longe, Jas? — Clara então soltou da mão de Oscar e foi para perto da prima, que era acompanhada por Flávio, que tinha Lua num braço e Eric segurando sua mão livre.

— Posso te contar toda a história até a faculdade, se formos no carrinho bate-bate.

— Eu quero! — Clara se animou e então seu olhar parou em mim, e em seguida em Oscar. Eu assenti e vi seu pai fazer o mesmo.

— Boa noite, casal Esteves que não é um casal Esteves — falou e passou pela nossa frente, com os sobrinhos junto a ele.

— Flávio... — a voz de Oscar soou brava, e eu apenas sorri. — Desculpe, ele pode ser...

— Um Esteves? — provoquei, e Oscar me encarou com um sorriso de lado. — Bom, eu acho que vou procurar alguma coisa para comer e depois ir vê-los nos brinquedos.

— Nada disso! — então senti a mão de alguém em meu ombro, e reconheci a voz de Carolina. — Vamos dançar com a gente... por favor. — Ela fez um biquinho, e estava com seu conjunto rosa, o que a deixava ainda mais como tia Barbie, como todos a chamavam.

— Eu... Acho que sim.

Acompanhei-a, e então quando nos aproximamos mais adiante, notei Juan e Guta no meio de vários casais, dançando alguma música sertaneja.

— Oscar...

E então, ela soltou minha mão e vi-a encontrar o marido – Franco, que estava um pouco mais escondido, só a esperando chegar até ele.

— Não precisa fazer isso — falei, assim que o senti se aproximar.
— Não precisamos. — Complementei, e então ele passou à minha frente, olhando-me profundamente.

Depois de dez anos, parecia que era a primeira vez que o via me encarar de tal forma, tão clara.

— Mas nós queremos? — perguntou, e estendeu a mão em minha direção, claramente me entregando sua resposta.

E lá estava aquela voz, do meu passado, se fazendo o meu presente, como sempre “apenas se permita ser feliz”.

E quando entreguei minha mão a ele, ali, eu estava tentando me permitir.

E depois de tanto tempo, aquela era a primeira vez que ele estava tão próximo. Como no nosso passado. Como eu queria realmente estar. Como antes, só que no agora.

*“Tem dias que eu acordo pensando em você
Em fração de segundo, vejo o mundo desabar
Aí que cai a ficha que eu não vou te ver
Será que esse vazio um dia vai me abandonar?”*

Tentei não prestar atenção na música, mas eu a conhecia, porque era uma das poucas que Oscar compartilhou comigo, nos nossos dias contados. Ele a cantava baixinho no chuveiro, e eu sabia cada parte da letra. Por ele. Por conta dele.

E quando ele me trouxe ainda mais perto, e olhou-me profundamente, e cantou baixinho, eu quase apenas esqueci todos os meus medos, e aceitei seus braços como o meu lugar.

“Você tem tudo

Você tem muito

Muito mais que um dia eu sonhei pra mim

Tem a pureza de um anjo querubim

Eu trocaria tudo pra te ter aqui

Eu troco minha paz por um beijo seu

Eu troco meu destino pra viver o seu

Eu troco minha cama pra dormir na sua

Eu troco mil estrelas pra te dar a Lua

E tudo que você quiser

E se você quiser, te dou meu sobrenome...”^[31]

Seus lábios próximos aos meus, e fechei os olhos, e logo, tudo pareceu me acertar de uma forma que não podia evitar. Ainda doía. Ainda doía demais para apenas aceitar. Eu sequer sabia como me organizar, e estava ali, ouvindo-o cantar para mim, e me sentindo a Júlia de antes. Só que eu não poderia deixar doer de novo, não assim.

— Eu queria, mas eu não posso — falei, parando meu corpo e afastando-me um pouco dele. — Ainda não sei o que fazer ou como lidar com você, com o que sinto... Eu queria, mas não é somente sobre querer. Eu... — olhei para o chapéu em sua cabeça e para os olhos verdes que tanto me acompanhavam. — Esperei por tanto tempo, e perdi a esperança em tantos momentos, que agora, é como se estivesse presa a algo que vai acabar, a qualquer momento, e eu vou voltar para o mesmo lugar... Sem você.

— O que eu posso fazer para provar que não vou mais te deixar, de forma alguma?

— Sinto muito — falei, e me afastei de vez, saindo dali, sem conseguir mais encará-lo.

Porque se eu o encarasse novamente, os olhos verdes quase marejados, eu apenas me esqueceria de que nós fomos feitos para quebrar, e não ser. E por mais que estar nos braços dele fosse uma parte da felicidade, ainda não a tinha toda ali, porque eu não sabia o que estava fazendo.

Não sabia mais como me permitir ser feliz nos braços do homem que eu amava.



“Quando o silêncio chegou

Estávamos tremendo, cegos e perdidos

Que inferno, como perdemos a visão do que éramos outra vez?”^[32]

OSCAR

Eu estava perdido, do lado de fora de casa, apenas encarando um chapéu.

Fazia um longo tempo que eu não saía, e vagava pela fazenda, sem ter muita certeza de onde deveria ir. Olhei ao redor, e estava próximo ao lago, iluminado pela lua, e mais adiante por um poste colocado ali.

Encostei-me contra a árvore e fiquei repassando em minha mente cada palavra que veio de Júlia. Eu sabia que estava doendo nela. Até mesmo a minha insistência. Por mais que ela claramente se escondesse, eu sabia que deixei uma ferida aberta, e de alguma forma, ela a estava fechando, ao me entregar aquele chapéu.

Sentei-me, colocando o chapéu na perna, e pensando sobre nós. Minha mente voando para quando as coisas eram tão simples, que eu poderia apenas sonhar que aqueles dias ao lado dela seriam para sempre.

— O que está lendo? — parei a mão sobre seu livro, abaixando-o. Ela o trouxe para o seu peito, e negou com a cabeça. — Por que não me conta?

— Por que um CEO gostaria de saber sobre o que eu leio? — provocou, e eu a peguei no colo, sentando-me na poltrona, e trazendo-a de volta para o meu colo. Ela deu um gritinho, e pareceu proteger o livro a todo custo.

— Não sou um CEO, olhos bonitos.

— Cabelos escuros, bem-cortados, olhos verdes que eu poderia decorar cada detalhe, barba bem-feita, roupas que caem perfeitamente, um sorriso cafajeste, uma boca pronta para dar apelidos, fora um corpo ainda mais bonito sem roupa...

— O que tem nesses livros? — indaguei, levantando-me para tentar ver a capa, e ela bateu em minha mão.

— Os mocinhos perfeitos. — Suspirou, sorrindo ameaçadoramente. — Não que você seja um, mas chega bem perto, fisicamente falando.

— Então tem vindo para cá, apenas pelo meu físico? — ela riu baixinho e bateu contra meu peito.

— O sexo é bom, mas... Acho que prefiro a parte em que sou mimada por um quase mocinho de livro. — Piscou um olho, e apertei sua cintura, pela provocação. — O quê?

— O que tem no livro?

— Bom, já que se nega a aceitar que é um CEO como nos livros, mas sim um cowboy... depois de uma verdadeira farofa que eu amo durante o livro, acho que gostaria de saber que o cowboy nesse livro deixa o chapéu dele para a mocinha, com a promessa de que ele voltará.

— E por que ele está indo embora?

— Porque a família dele é complicada — falou, olhando-me animada. — Não vai querer mesmo que eu conte todo o livro?

— Por que não, olhos bonitos?

— Porque alguém que não lê, vai querer saber sobre um livro...

— E quem disse que eu não leio? — rebati, e ela riu de lado. — Se sou o CEO que você diz, eu deveria ler muito, ser muito esperto e inteligente, e sem livros não seria possível.

— Um bom ponto, mas... — pareceu pensar, batendo um dedo contra o queixo. — Tem um livro que li antes desse, que o CEO começou a ler romance após perder a mocinha... — ela suspirou quase como se apaixonada, e eu fiquei encantado com sua felicidade.

— Há muitas perdas nesses livros, né?

— Todos com final que deixam o coração quentinho, sempre. — Piscou um olho. — Se não tiver final assim, eu nem leio.

— E como vai saber o final, sem ler tudo antes? — indaguei, e ela mordeu o lábio inferior, como se tivesse sido pega. — Você lê o final antes?

— Não pode culpar uma mulher por ser prevenida. — Justificou-se, pulando do meu colo, e ficando de pé à minha frente. — Por que arriscar um coração quebrado na vida real, por um casal separado na ficção? Eu quero felicidade e muito amor.

— Um bom ponto, olhos bonitos.

Levei minhas mãos até sua cintura e a puxei para perto, tendo seu corpo à frente do meu.

— Por que não dança comigo?

— Por que eu deveria dançar? — eu ri alto, da forma como ela sempre tinha uma pergunta como resposta. Ela era simplesmente bonita. Em todos os sentidos. Em cada detalhe novo que eu descobria, e tinha certeza de que em tudo aquilo que ainda fosse descobrir.

— Porque eu sou seu mocinho perfeito no romance da vida real.

— Pisquei um olho, levantando-me, e tirando o livro com cuidado de suas mãos e o depositando na poltrona.

— Não é como se fosse ficar para sempre, mas... Enquanto ficar, vou dançar com você — ela falou, como se explicando o porquê de ainda me encontrar e de estar ali comigo.

Acreditava que nenhum de nós dois tinha real noção do que nos unia, perdidos um no outro, virando melhores amigos e amantes do dia para noite, e tudo fazendo sentido, porque estávamos tão próximos.

Eu não poderia prometer o para sempre para ela. Mas eu queria. Eu sabia o quanto queria.

Porém, enquanto estávamos dançando, uma música que ela deixou baixinha, por todo o apartamento, e sabia que era de sua cantora favorita, eu apenas me apegava a cada parte dela. A cada parte que por um momento fazia parte de tudo de mim.

Um sorriso estava em meu rosto, por me lembrar daqueles dias.

Um sorriso triste, porque parecia apenas a fumaça perdida pelo tempo.

Um sorriso que se fechou em poucos segundos, por saber que ficou lá, tudo aquilo.

Eu deveria ter feito, de alguma forma, durar para sempre.

Ter me explicado.

Ter me justificado.

Ela teria entendido, não teria?

Senti um pingo de chuva em minha testa, mesmo estando embaixo da árvore, e logo, mais um caiu sobre o chapéu à minha frente, e então, o tempo praticamente mudou. Uma chuva, com a cara do verão, que acabaria em segundos, simplesmente despencou.

— Diacho! — reclamei para o nada, e ri sozinho. Porque até mesmo a chuva, me fazia lembrar dela. Do que não pudemos fazer juntos, mas que ela me disse que gostaria.

— *Eu adoraria dançar na chuva, sabe?*

— *E por que nunca dançou?*

— Ah, eu já fiz, muitas vezes... — ela sorriu de lado, encarando-me profundamente, e sabia que existia algo mais por trás. — Eu gostaria de ter alguém para dançar também.

— Eu posso fazer.

— Duvido que nessa seca terrível, teremos chuva, mas se ela vier... Você vem me encontrar — falou, e no mesmo instante suas mãos estavam em meu pescoço, e seus lábios vieram para os meus.

Vi-me segurando o chapéu e apenas saindo debaixo da árvore. Deixei a chuva me molhar, enquanto me lembrava dela. Olhei em direção à casa, onde ela estava. Tão perto, mas tão longe. E eu teria que me acostumar, pois era a realidade dali por diante. Era a realidade maior do que o que vivi nos últimos anos. Pelo menos, eu a veria.

E girei em meio à chuva, e imaginei como seria para ela, estar ali.

E, enquanto eu estava de olhos fechados, era como se estivesse ouvindo sua voz mais perto do que deveria. Abri-os, como pude, debaixo da chuva que assolava todo o solo.

— A maioria das pessoas foge da chuva.

— Eu sei de uma pessoa que não — respondi, parando de girar, e notando que ela estava se aproximando do lago, como se tivesse saído

para caminhar há algum tempo. — Acho melhor a gente voltar, se não pode ficar doente e...

— Me diz que tinha uma razão para não voltar... — sua voz saiu quase inaudível devido a chuva. — Me diz que você voltou em algum momento e que...

— Eu fiz — assumi, sem saber ao certo o que estava acontecendo entre nós. Se eu estava delirando ou se ela estava mesmo ali, falando tão abertamente comigo. — Um ano depois, mas fiz, olhos bonitos.

— Por que eu não soube? Por que... Por que não veio até mim?

— Eu te vi com ele — confessei, e senti meu rosto molhar pela lágrima que desceu, misturada a toda chuva. — Eu te vi sorrindo e abraçando um cara, na frente da livraria, tão feliz e animada, do jeito que eu lembrava... Mas nos braços do outro. E eu só pensei que era... Era tarde demais.

— Eu te procurei por todo aquele ano, mesmo que Toledo tenha me dito que você sabia de Clara e não a queria, mesmo que eu achasse que estava inventando essa loucura de sentimento... Eu te procurei — admitiu, aproximando-se.

E de repente, suas mãos estavam contra meu peito. Acertando-me como podia, os punhos dobrados, e a maioria direto no chapéu.

— Eu chorei nesse chapéu, e o guardei depois de entender que você apenas foi real, porque eu tinha nossa filha — confessou, como se precisasse colocar para fora. — A cada ano, eu... Eu imaginei tantos cenários de você voltando. Me viu com alguém e simplesmente me deixou? Foi isso?

— Eu queria que fosse feliz, Júlia.

— Eu pareço feliz para você, Oscar? — rebateu, parando de me bater, e baixando a cabeça. — Sabe quantas vezes eu me perguntei se tinha enlouquecido, por que ainda pensava em você e sentia sua falta?

— Júlia...

— Não. — Negou a cabeça, e eu segurei suas mãos contra meu peito. — Eu... Você veio, mudou tudo, e apenas foi embora. E quando voltou, viu uma cena, e apenas me deixou ir?

— Eu te amava — admiti, trazendo minhas mãos para o seu rosto, e deixando o chapéu cair no chão.

— Eu disse que te amava, e no dia seguinte, você não estava mais lá, Oscar. — Ela parecia se embaralhar com as palavras. — Você sempre me confunde. Indo embora após um “eu te amo” e deixando um chapéu para trás como uma promessa. No que eu devo acreditar?

— Por isso, que quando eu voltei, e te vi com ele... Soube que por te amar, eu tinha que te deixar seguir sem toda a bagunça que eu carrego.

— Bom, não adiantou. — E então notei as lágrimas em seus olhos. — Eu ainda esperei por você, enquanto você achava que eu era feliz, e não podia te achar.

— Eu sinto muito, Júlia.

— Eu só queria ter me livrado disso, de nós... — assumiu, apontando para o próprio peito. — Por que eu não posso simplesmente te entregar esse chapéu e fingir que acabou?

E então sua armadura estava no chão, e eu conseguia ver tudo o que aqueles olhos bonitos escondiam. O brilho ofuscado por trás de toda dor.

— Porque você também me ama, mesmo que não queira assumir — falei, ainda segurando seu rosto. — Porque sabe que eu te amo, mesmo que não queira aceitar.

— A gente não devia... — falou, engolindo em seco, e fechando os olhos. — A gente tem que estar confundindo tudo, Oscar.

— Alguém me disse uma vez, que quando o amor verdadeiro chega, não tem como você simplesmente desviar. Ele vai te acertar, seja de uma forma boa ou de uma forma ruim, mas ele vai. — Seus olhos

então pararam nos meus, quando ela pareceu notar que eu me lembrava de mais uma coisa que ela me tinha dito. — Passei os últimos dez anos repetindo para mim mesmo, tudo o que fizemos. Cada trejeito, detalhe e fala sua. Convencendo a mim, de que você era feliz e eu que eu não devia voltar, e correr o risco de te machucar de novo. Porque eu sabia que o fiz quando apenas fui embora, após dizer que me amava.

— Por que você foi? — sua pergunta não parecia querer uma resposta. — Por que teve que sair assim e me deixar lá? Por quê? — deu de ombros, afastando-se do meu toque. — Eu ainda te amo, Oscar — falou, de costas, claramente se protegendo. E me matava por dentro, novamente, porque ela estava se protegendo de mim. — Mas eu não quero amar você. Sabe o quanto isso dói? Sabe o quanto dói não poder confiar na pessoa que você ama?

E ela se virou, apenas seus olhos encontrando os meus, a chuva afinando, como se pronta para apenas parar de cair.

— Eu só precisava que soubesse, e que... Não sei o que vamos fazer — admitiu. — Eu te olho e quero voltar correndo para os seus braços, como antigamente. E aí eu te olho de novo, e o buraco que você deixou nesses anos, me encontra novamente.

— Eu quero consertar as coisas, Júlia — falei, dando um passo para perto. — Eu vou te dar todo o tempo do mundo para poder ter uma

chance de você confiar em mim, e não vou forçar ou te deixar desconfortável.

— Acha que nós dois ainda fazemos algum sentido, discutindo no meio da noite, debaixo de chuva, e com o chapéu que eu guardei com todo cuidado por anos, caído no chão?

Ela riu, como se não estivesse se aguentando, e acabei fazendo o mesmo.

— Nós nunca fizemos sentindo algum, Júlia.

— Era o que eu mais amava na gente.

Ela falou e logo a chuva afinou ainda mais, e eu consegui notar a bagunça de lágrimas, o seu rosto avermelhado e os olhos um pouco inchados.

— Eu também.

Dei um passo à frente, ao mesmo tempo que ela também o fez. Vi-a se abaixar e pegar o chapéu, trazendo-o para perto do meu peito.

— O que estamos fazendo?

Eu não pensei muito, apenas me aproximei mais, o suficiente para que minha testa estivesse na sua, e no momento que seus olhos se fecharam, os meus fizeram o mesmo.

— Perdendo a cabeça um pelo outro, mais uma vez.



“Nós somos um amor tortuoso

Em uma linha reta

Faz você querer fugir e se esconder

Mas faz você dar meia-volta”^[33]

JÚLIA

— Isso devia ser tão difícil, e de repente, tão fácil assim? —
perguntei, sentada à sua frente, ainda meio molhados pela chuva, e ele
apenas pegou o chapéu e colocou sobre minha cabeça.

— Acho que vamos aprender, um pouquinho, a cada dia... —
olhou-me profundamente, e então tocou a aba do chapéu, levantando-o.
— É seu chapéu, sempre foi seu, olhos bonitos.

— Partiu meu coração te entregar ele — assumi, passando as
mãos pelo acessório e respirei fundo, sentindo minha cabeça doer um
pouco. — E eu acho que estou perto de ter um resfriado.

— Posso cuidar de você. — Ofereceu-se, e eu neguei com a
cabeça, um sorriso preguiçoso no meu rosto. — Estou falando sério.

— Eu estou acostumada a me cuidar, senhor que finalmente me
convenceu que não é um CEO. — Provoquei e vi-o sorrir de lado,
apoiando um braço sobre a perna dobrada à sua frente. — Combina mais
com você, o lado cowboy de chapéu.

— Não use essa desculpa para me devolver o chapéu que te dei
— rebateu, e eu o encarei como se tivesse me insultado sobre. — Posso
comprar mil chapéus para mim, mas esse... esse é apenas seu, olhos
bonitos.

— E por que estava usando hoje mais cedo, no parquinho?

— Porque eu tinha um ponto a provar, para a mulher que sempre
duvidou que eu não fosse um CEO. — Piscou um olho, e ri de lado. — A
maioria das coisas, que eu fiz e faço na vida, sempre foi pensando em

você. Mesmo depois de pensar que nunca mais te veria, ou te ver doeria demais, porque estava com ele.

Eu tentava compreender seu medo e sua dor, de me ver nos braços de outro. Infelizmente, ele tinha optado pela saída fácil, mas não tão simples assim, de somente me deixar ir. Eu não sabia se teria coragem de fazer o mesmo, não da forma impulsiva e um tanto catastrófica que eu era.

— Ricardo é um irmão para mim, Oscar — falei abertamente, mesmo que sempre me levasse a outros sentimentos, tocar naquele assunto. — Eu o conheci meses depois que você se foi... Ele era filho da dona da livraria, que me contratou, e praticamente me adotou aos dezesseis. Eu demorei para conhecê-lo, porque ele passou um bom tempo fora estudando, mas quando apareceu, foi como “fraternidade à primeira vista” — expliquei, e notei o olhar de Oscar mudar. — Ele é meu irmão, e Silvia foi como minha mãe. Eles foram e ainda são minha família, até Clara vir, e tudo fazer ainda mais sentido.

— Não conheço muito sobre os Reis, mas sei que Ricardo não é próximo do pai.

— Nunca cheguei a conhecer o pai biológico dele, que na verdade, o enganou, sobre ter ajudado no tratamento dela... — respirei fundo. — Ela era incrível, sabe? Ela foi a primeira pessoa que acreditou

em mim, e deu sentido ao meu amor aos livros... Sinto falta dela, todos os dias. E tento ser para Clara, ao menos, um por cento do que ela significou para mim no pouco tempo que pudemos compartilhar juntas.

— Eu sinto muito, Júlia.

— Eu também — assumi, suspirando fundo, e deixando uma lágrima descer. — Ela se chamava Clara Silvia Medeiros, foi daí que veio o nome da nossa filha — confessei e notei-o se aproximar, e um de seus dedos tocar meu rosto, limpando a lágrima que descia. — Clara não chegou a conhecê-la, mas... É como se eu pudesse assim, mostrar a ela uma parte de quem Silvia foi para nós.

— Você teve que fazer um lar, uma vida, e construir tudo sozinha... — a voz de Oscar saiu um tanto quebrada, e o encarei. — Se eu tivesse ido até você, e descoberto a verdade... Eu não estaria tanto tempo atrasado e te deixando acreditar que não me importava.

— Se ao menos, de alguma forma, eu tivesse conseguido chegar até você... — suspirei fundo, porque imaginei milhares de hipóteses de como seria. — Não sei como faríamos dar certo, mas o tempo juntos parecia ter me mostrado que existia um tipo de amor tão fácil, que até mesmo os amores nos livros pareciam palpáveis.

— Eu não queria ter ido e te deixado naquele ano, eu... — notei que doía nele, falar sobre aquilo. — Eu queria poder te detalhar o que houve, mas não é apenas sobre mim, na realidade, é muito além de mim.

— Acho que o que foi ou como foi antes, é algo que vamos ter que superar... de algum jeito.

— Superar juntos? — indagou, e eu assenti, levando minha mão à sua, que estava em meu rosto.

— É o que queremos, não é? — perguntei, e ele trouxe novamente sua testa para perto da minha, e logo senti seus braços ao meu redor, e meu corpo ser puxado para o seu.

Do jeito que era tão nosso, que me sentia em casa novamente. Oscar não sabia, mas naquelas quatro semanas, ele foi como um lar. E naquele instante, eu me sentia novamente nele.

— Tentei fingir, tentei fugir, tentei enganar, mas... Não dá para fazer nada disso, não quando eu te olho e vejo que cada parte de mim, te reconhece como minha — assumi, tocando seu rosto com carinho e respirando fundo. — E cada parte minha, também quer ser sua.

— Então não finja, fuja ou engane, olhos bonitos. — Seu olhar me abalou por inteira, como se estivesse se abrindo por completo. — Venha e diga toda a verdade. Refaça seus passos e me encare de frente.

Volte e me mostre tudo o que sente. Estou aqui para isso, para cada parte de você, possa me reconhecer como seu.

— Devia ser proibido você me dizer coisas assim.

— Por que, olhos bonitos?

— Porque você é quem tem meu coração, Oscar.

Nossos narizes se tocaram, e senti cada parte de mim, completa pelo simples toque. E ainda mais, quando seus lábios encontraram a ponta do meu nariz.

— E você tem tudo de mim.

Então sua boca desceu para a minha, e o primeiro impacto dos seus lábios nos meus, mesmo depois de tanto tempo, foi completamente devastador. Como na primeira vez que eles me tomaram como seus, tudo ao redor desapareceu, e eu estava preocupada apenas em não deixar que aquele toque desaparecesse.

Como nos meus sonhos.

Como no tanto que esperei.

Ele estava ali, sendo meu novamente, e eu sorri entre o beijo, e pude senti-lo fazendo o mesmo. Não era mais uma luta contra o passado, não... Era o começo de uma paz para o presente. O nosso presente.



“Todo esse silêncio e paciência

Apreensão e antecipação

Minhas mãos estão tremendo de resistirem a você, ah-ah-ah”^[34]

OSCAR

— Tome um banho quente, Júlia — sussurrei, quando adentramos de volta à mansão e ela apenas me encarava, enquanto a guiava pela cintura para dentro. Fui pé por pé, os dois cuidadosos, até o quarto dela, e parei ali. — Se não se sentir bem e precisar de algo...

Ela assentiu e sua boca veio novamente para a minha, só que em um leve beijo. Por mais inocente que pudesse parecer, não tinha como ser apenas inocente quando era a boca que eu ansiava por tanto tempo. Minhas mãos se perdendo por seus cabelos e costas, trazendo-a para mais perto.

O gemido que ela soltou na minha boca, fez com que eu tivesse que repassar mil vezes alguma contagem, para não a empurrar contra parede, e apenas poder senti-la por mais tempo.

— Vai tomar um banho quente também? — a pergunta dela saiu um pouco sem ar, como se ela estivesse se recuperando, e a visão dos seus olhos dilatados, boca inchada, os cabelos bagunçados, o seu vestido colocado a cada parte do seu corpo que eu conhecia tão bem, mas que daria qualquer coisa para reconhecer cada partezinha novamente.

— Acho que um banho frio, olhos bonitos.

Ela sorriu de lado, como se soubesse exatamente ao que eu me referia, e se afastou do meu toque. Ainda de costas, abriu a porta do quarto, e então sua mão puxou a minha, ali para dentro.

— Júlia...

— A gente podia esperar, enrolar ou ficar nessa de “vou ou não vou” de novo, mas... Eu passei tantas noites me lembrando do seu toque,

Oscar — admitiu na mais pura sinceridade, que eu amava por completo nela. — Pediu-me para ser sincera, e essa é a realidade: eu te quero, desesperadamente.

Ela então afastou a mão da minha e se virou, tirando o cabelo do caminho, e me expondo o zíper do vestido que ficava nas costas. Eu quase me enrolei com um simples zíper, porque *porra*, era a mulher da minha vida, me dando a chance de tê-la por inteiro novamente, e eu estava simplesmente tremendo, diante do total poder que ela tinha sobre mim.

No momento em que o descii o zíper, ela soltou os braços, e o vestido se tornou uma poça ao seu redor. Ela saiu do meio, e se virou, mostrando-me que não usava nada além de uma calcinha. E claro, o chapéu que era dela, em sua cabeça. Eu fiquei parado, apenas por alguns instantes, absorvendo cada curva, cada pedaço e cada sinal em seu corpo. Cada parte do todo que me tinha por completo.

— Vem — pediu, e então suas mãos estavam na minha camisa preta de botões. Ela se livrou da mesma rapidamente, e minha respiração já estava completamente descompassada. Suas unhas passaram por meu peito, seu olhar me admirando por completo, quando me liberei da calça e logo a puxei para perto. — Desse jeito, a gente não chega no chuveiro...

— provocou, e eu sorri em meio aos beijos que distribuía pelo seu colo, clavícula e pescoço.

Com uma das mãos tirei o chapéu de sua cabeça, deixando-o sobre a cama, e segui com ela até o banheiro. Seu corpo se entrelaçou no meu, fazendo-me gemer quando parte de sua pele quase totalmente nua, se encontrou com a minha.

Por mais que a chuva tivesse sido gelada, e tenhamos ficado fora um bom tempo, apenas na presença um do outro, não existia qualquer frio ali. Apenas nós, queimando.

JÚLIA

Senti meu corpo ser depositado novamente no chão.

Suas mãos se espalhando por cada curva minha, e o sorriso mais lindo no semblante de puro prazer dele, somente por me tocar, me fez desejá-lo ainda mais. Fazia tanto tempo que eu não tinha ideia do que era

ter aquele olhar. O que era ter aquele toque. O que era ter aquela respiração desregulada contra a minha.

— Sabe quantas vezes eu imaginei como seria te tocar de novo? — indagou, suas mãos parando em meus cabelos, puxando-os para que eu o encarasse, e gemi no processo. — Tem alguma noção do que fez comigo depois que ficamos juntos, Júlia?

Sua boca não me deu a chance de responder, quando foi até os meus seios, fazendo-me arfar, e segurar-me contra ele, enquanto minhas unhas castigavam seus ombros e costas. Ele ficou de joelhos, fazendo-me suspirar apenas pela tamanha devoção que encontrava dentro daqueles olhos verdes que eram tão claros, mas que de repente, estavam mais escuros pelo desejo.

E era a mim que ele desejava.

Sua boca maltratou um pouco mais dos meus seios, fazendo-me ter que me segurar de todas as formas para não gemer alto, enquanto suas mãos chegavam à borda da minha calcinha, e brincavam com o tecido, como que pensando se deveria descer ou não.

— Oscar... Para de me torturar.

— Fiquei dez anos sem sentir o seu gosto, Júlia. — Sua boca desceu pelo meu torso, chegando até o umbigo. — Eu preciso te provar

inteira. — Tive que morder minha mão com força, quando ele do nada me beijou sobre a calcinha, como se pronto para me devorar, e quase perdi o equilíbrio.

Ele então parou, e por um segundo, pensei que fosse para que eu me recompusesse, mas Oscar não era alguém que fazia isso na cama. Não mesmo. Ele tirava toda minha sanidade, e parecia o mesmo de antes quando se tratava de nós.

Foi então que notei o que ele encarava, a pequena cicatriz que eu tinha bem abaixo da cintura, e que ficou após a cesárea. Sua boca depositou um leve beijo ali, e em meio a todo o prazer e vontade que sentia, eu entendi que nós dois nunca fomos apenas algo da carne. Oscar Esteves conseguia tocar a minha alma.

— Obrigado. — Sua voz soou como um sussurro contra minha pele. — Eu te amo, olhos bonitos.

E antes que ele pudesse dar continuidade no que queria, vi-me puxando-o para cima, e ele veio. Sua boca encontrou a minha, e em meio a todo desespero de estarmos juntos de novo, existia o alívio, de que estávamos ali novamente. Nós dois, entregues um ao outro.

Livre-me com a mão da minha calcinha, e vi-o jogar a cueca longe. Ele se adiantou, ligando o chuveiro e deixando-o numa

temperatura quente, e logo senti o vapor se formar ao nosso redor. Suas mãos estavam em mim, trazendo-me para o seu colo, e senti minhas costas contra os azulejos ainda frios, e sabia do quando tive saudade de que aqueles braços me fizessem ficar desesperada por cada pequeno toque.

— Eu quero venerar você. — Sua boca pairou sobre a minha, os olhos verdes conectados ao castanho dos meus. — Eu quero venerar você a cada segundo, por cada minuto que passamos longe um do outro...

— Oscar...

— Eu imaginei o seu nome, chamando pelo meu tantas vezes...
— suas mãos estavam contra a parede, enquanto suas pernas ainda me seguravam de encontro a ele. — Depois de você, Júlia, foi somente você.
— Sua confissão, me fez abrir os olhos e o encarar embasbacada.

— Você não esteve com mais ninguém mesmo achando que eu tinha seguido em frente? — perguntei, e ele assentiu, beijando levemente meu nariz.

— Eu podia te ter, nos meus sonhos sujos, no meio da noite, e eu acordava para a realidade quando não estava mais lá, de manhã, nos meus braços...

— Eu também — admiti, e uma de suas mãos veio para o meu rosto, enquanto eu sabia que poderia ficar ali, com ele, nossos corpos nus um no outro, para sempre.

— Me deixa venerar você, olhos bonitos — pediu, e arfei no segundo em que apertou firmemente minha cintura, e senti-o duro contra mim. Cada vez mais perto, e cada vez me deixando ainda mais bagunçada sob ele.

— Você é meu Oscar — falei, e seu olhar encontrou o meu, no momento em que finalmente se encaixou em mim, suspirei fundo e senti meu corpo todo se eletrizar. — E eu sou sua, desde aquele primeiro olhar.

E então ele me tomou, centímetro por centímetro, fazendo-me ter que morder seu ombro com força para não deixar que o grito saísse. Não era apenas o prazer, nem só também o alívio, era a compreensão de que algo como nós era impossível de encontrar.

Uma bagunça? Sim!

Mas uma bagunça que era nossa.

Seu corpo me tomou, e senti sua respiração se perder contra o meu pescoço, enquanto seus dentes marcavam minha pele, e eu chamava baixinho pelo seu nome.

— Quando eu acordar, você vai estar lá... — ele falou, e então sua boca tomou a minha, fazendo-me remexer sobre ele, e senti-o gemer contra minha boca. — E quando você acordar, eu sempre vou estar lá, Júlia. Sempre.

Uma lágrima desceu junto à felicidade que me atingiu naquele momento. Toda a dor, dúvida e raiva, tomando uma nova forma, e finalmente, a forma do que realmente sentia – a saudade dele.

A saudade de nós.



“Me diga que você ainda é meu

Me diga que ficaremos bem

Mesmo quando eu perder a cabeça

Eu preciso dizer

Me diga que não é culpa minha

Me diga que sou tudo o que você quer

Mesmo quando eu parto seu coração”^[35]

JÚLIA

Eu acordei quando os raios solares encontraram minha pele. Sentia meu corpo dolorido, e mesmo com isso, acabei sorrindo um pouco. O sorriso foi murchando logo depois, porque eu tinha medo. Tinha medo de me virar, e descobrir que foi apenas mais um sonho com ele. Contudo, antes que eu pudesse girar meu corpo, senti braços fortes ao meu redor, trazendo-me para si.

— Eu acho que posso te olhar dormir e ser feliz assim — ele falou, e me virei, batendo contra seu peito exposto. — Posso saber por que estou apanhando?

— Por abrir a boca e ser um bendito romântico — comentei, e senti seus lábios na ponta do meu nariz. — Porque mesmo quando eu só queria tirar sua cabeça fora, você ainda dizer deliberadamente, várias vezes, que eu sou a mulher que você ama.

— Não posso dizer que foi de propósito, na realidade, não tenho porque pensar quando afirmo isso. — Tocou meu rosto com carinho, e eu me derreti por completo. — O meu amor por você nunca foi um segredo, Júlia. E eu só queria ter sido claro sobre ele antes, para que você soubesse também.

— Você está sendo claro agora. — Levei então minha mão até sua barba rala. — E no agora, eu sinto que meu corpo está moído...

Ele riu arrogante, e eu bati novamente contra seu peito, e vi-o cair para trás na cama, e levar uma das mãos à cabeça.

— Está com dor de cabeça também? — perguntei, apoiando-me contra seu peito e ele assentiu. — Será que o banho quente não ajudou a não pegarmos um resfriado?

— E a gente foi tomar banho de fato quando entramos naquele chuveiro, Júlia? — provocou, e eu escondi meu rosto em seu peito, me sentindo como antigamente, como se aquela boca esperta pudesse me envergonhar de centenas de maneiras possíveis, e eu ainda adoraria. Porque ele conseguia me deixar completamente sem resposta.

— Mas agora sério, olhos bonitos... — encarei-o, ainda sentindo minhas bochechas corarem. — O que achou do seu quarto?

— Achei que o deixou tão bonito, que eu poderia morar nele para sempre — admiti. — Mas fiquei com tanta raiva de fazer isso, sabendo exatamente como me conquistar, que quis te mandar a merda.

— Parecia que queria me esganar ontem à tarde, enquanto estávamos com Clara na praça. Foi por isso?

Escondi-me novamente, e daquela vez, não pela vergonha, mas por me sentir completamente exposta.

— Não sei como admitir isso em voz alta — falei, e encarei-o apenas com um olho aberto. — Como se sentiu achando que Ricardo era algo mais para mim?

— Como se pudesse arrancar a cabeça dele fora, mas não pudesse, o que é... — vi-o suspirar fundo, e passar a mão livre pelos cabelos. — Mas o que Ricardo tem a ver com ontem? Ele te fez algo? — a sua voz se tornou séria, e notei seu tom mudar por completo.

— Ricardo é meu irmão. — Revirei os olhos. — O máximo que ele faz, é como você e Flávio, me provoca e me irrita até eu desligar na cara dele.

— Está me enrolando, olhos bonitos. — E eu estava mesmo.

— Sabe a mulher que parou você na praça, e conversaram por alguns instantes? — Oscar pareceu pensar por alguns segundos, e assentiu em seguida.

— O que Fernanda tem a ver com seu mau humor? — indagou, franzindo o cenho, mas antes que eu pudesse explicar, sua expressão mudou e ele abriu um sorriso cafajeste no canto da boca. — Ciúmes do que sempre foi seu, Júlia? A essa altura do campeonato?

— Oscar...

— Tenho que dizer que o meu ego foi amaciado, depois de ser destroçado todas as vezes em que o nome de Ricardo vinha à sua boca.

— Em minha defesa, ela me parou antes, e teve a pachorra de me perguntar o que eu era para você, se eu era “só a mãe da filha dele”? — fiz aspas com as mãos, completamente indignada ao lembrar. — E se eu fosse, o que ela tinha a ver?

— Amo o seu lado *estressadinho* quando faz fofoca. — Bufeí diante da sua provocação. — E por que não disse para ela que era minha dona?

— Porque eu... — parei para pensar um pouco e revirei os olhos. — Eu devia ter feito isso.

— Eu também acho que devia. — Piscou um olho, com um sorrisinho que não desaparecia do canto de sua boca.

— Você consegue ser impossível quando está metido desse jeito! — falei, colocando meu cotovelo sobre seu peito e o observando.

— O que posso fazer se eu tenho os olhos mais bonitos do mundo apenas olhando na minha direção?

E assim, ele me derretia por completo.

E daquele jeitinho, só dele, me fazia querer segurá-lo e não soltar nunca mais.

— O que eu faço com você e essa sua boca bonita, Oscar Esteves?

— Só me ame, futura senhora Esteves.

Antes que eu pudesse rebater sua fala, ele já tomou minha boca com a sua, e me fez esquecer até mesmo do meu próprio nome por alguns segundos, simplesmente por estar ali, feliz e aconchegada em seus braços.



“Você segura minha mão na rua

Me leva de volta para aquele apartamento

Anos atrás, estávamos lá dentro

Com os pés descalços na cozinha

Novos começos sagrados

Isso se tornou minha religião, escute”^[36]

OSCAR

— Você tem que me deixar, se não...

— Se não o que, olhos bonitos? — indaguei, e trouxe-a novamente pela cintura, para perto de mim. — Vai querer voltar para cama comigo?

— Eu vou querer socar essa bela cara, porque nossa filha deve estar perto de acordar, assim como toda a casa — sussurrou, como se fôssemos um segredo, e eu ri de sua petulância. — Para de rir alto, homem! — bateu contra meu peito, me empurrando, mas ao mesmo tempo, dando-me outro beijo. — Vai...

— Mas eu volto, olhos bonitos.

— Vai logo! — empurrou-me novamente, com o brilho no olhar que eu tanto senti saudade, e que agora, era meu novamente. — Vai!

— Tô indo! — falei, andando de costas, e apenas a admirando, toda bagunçada após a nossa noite, as marcas espalhadas pelo seu corpo, mesmo coberto já com seu pijama. Tinham tantas, em tantos lugares, que eu sabia que não era só pelo resfriado, que estávamos completamente exaustos.

Espirrei no momento em que ela finalmente fechou a porta, com o sorriso em minha mente. Continuei andando para trás, e sorrindo sonhador, carregando a camisa que eu usava em mãos. Senti então meu corpo bater em algo, e parei de imediato.

Olhei de sobressalto pelo ombro, e encontrei Franco, claramente com cara de quem acabou de acordar, me encarando.

— Bom dia, irmão — ele falou, olhando-me de cima a baixo. — Parece um ótimo dia, não?

— Perfeito — falei, e levantei as mãos aos céus por não ter esbarrado em Flávio. — E como vai o seu começo de dia?

— Inusitado. — Olhou em minha direção e depois para porta do quarto de Júlia. — Posso já dar os parabéns?

— Não contando para o fofoqueiro do Flávio, pode...

— O que não pode contar para mim?

Então eu travei no lugar, e sabia que Flávio vinha do andar de baixo.

— Que diacho aconteceu com as suas costas? — ele quase gritou e eu me virei pronto para fazê-lo calar a boca. — Não, Scar! — abriu a boca, como se incrédulo. — Mentira que depois do fora que me contaram que levou na pista de dança, acabou a noite... — ele levou a mão à boca, como sem poder acreditar.

— Juan e você são fofoqueiros desde quando? — virei-me para Franco, que apenas levantou as mãos em sinal de rendição. — Nenhuma palavra sobre isso, ouviu bem, Flávio?

— O que eu iria dizer? — fez-se de inocente.

Espirrei mais uma vez, e ele sorriu de lado.

— Aposto que Júlia tá resfriada também. Sério, na chuva, Scar?

Fui direto para ele, mas logo senti os braços de Franco me segurando. Exatamente como era, quando ainda éramos pequenos.

— Não vou falar nada demais para minha agora oficialmente cunhadinha.

Ele saiu andando, enquanto Franco ainda me segurava, e vi um sorriso no rosto dele.

— Vocês não mudaram em nada — pontuou, finalmente largando meus braços. — Mas de onde ele está vindo, às seis da manhã? E com uma roupa diferente da de ontem?

Foi então que fiquei um pouco encucado com aquilo.

— Dove Kang? — levantei o nome, e a expressão de Franco pareceu entender o mesmo que eu. — Só uma mulher para fazer o pior cafajeste que a gente conhece passar uma noite em claro ou dormir em algum lugar com ela...

— Isso é algo que eu não sei por que, não estou surpreso.

— Do que não está surpreso, Franco?

Foi quando Juan apareceu no topo da escada, e me encarou de cima a baixo. Ele deveria ter descido para adiantar o café de Guta, e notei que trazia uma xícara em sua mão.

— Preciso dizer algo?

— Se me dão licença, senhores Esteves. — Fiz uma reverência e praticamente dei passos para trás em direção ao meu quarto. — Nos vemos no café da manhã.

De relance, vi meus irmãos trocarem um olhar e um sorriso. Era bom estar ali e vê-los de tal forma. Foi o que eu sempre desejei para nós. Que todos os Esteves pudessem se sentir livres e felizes. Dos Toledo. Do passado. Dos medos. Dos traumas. Principalmente, os nossos mais velhos.

Adentrei meu quarto e então todo o colorido se perdeu diante do azul- escuro daquele cômodo. Eu poderia facilmente mudar diretamente para o de Júlia, se ela me permitisse.

Eu estava rindo sozinho, no meio do quarto, sem acreditar na noite e começo de dia que tivemos juntos. Era exatamente sobre aquilo que eu estava feliz: eu estava finalmente junto da mulher que eu amava.

JÚLIA

— Você não parece muito legal, mamãe — Clara falou, sentada ao meu lado e fazendo um carinho na minha perna. — Quer que eu ligue pro tio Ric? — perguntou baixinho e eu neguei com a cabeça. Ela estava acostumada, a pedir ajuda ao dindo, quando me via um pouco baqueada. Eu amava o cuidado que Clara tinha em tudo que ela fazia, e com tudo que ela amava. Seria algo que ela puxou de nós dois?

— Bom dia, pessoas lindas — Carolina falou, sentando-se na cadeira vazia à minha frente, e logo seus filhos chegaram também. — Eu preciso dizer que amei a chuva de ontem... — quase me engasguei com a água que bebia, e senti o olhar de Oscar, sentado ao meu lado, sobre mim. — Estávamos precisando, com todo aquele calor.

— Pensei a mesma coisa — Guta falou, no final da mesa, com a filha no colo e a paparicando com pão de queijo.

— A chuva sempre dá ótimos frutos, né não? — Flávio perguntou, e eu engoli em seco, vendo Oscar o olhar como se quisesse esganá-lo.

O espirro veio com força e tampei-o com as mãos, em seguida, vi Oscar fazer o mesmo. Os dois claramente com sintomas iguais, e na mesa do café da manhã e senti o olhar de todos sobre nós, como se nos analisando. Como diria Flávio: *diacho!*

Menos Juan Esteves, que parecia já ter chegado à sua conclusão e não dizia nada. Ou ele teria visto alguma coisa que eu não sabia?

— Parece que um resfriado pegou vocês — Guta falou, aproximando-se e parando para dar um beijo no rosto do marido.

— Ou eles se pega...

— Flávio! — Juan foi quem tomou a dianteira, e ouvi uma risada geral entre a mesa.

Senti meu rosto quase que instantaneamente esquentar, e uma mão apertar a minha debaixo da mesa. Olhei Oscar de relance, o qual estava entretido falando com Clara, como se ignorando por completo o irmão mais novo.

— Mas gente, que momento todos contra Flávio é esse?

— A vida real, irmão. — Oscar provocou e vi-o revirar os olhos para o mesmo.

— Tá vendo, né? — Flávio apontou para Oscar com o pão. — Ele é quem provoca.

— Jura, Flávio? — Franco entrou no meio, e ouvi a risada alta de Jasmine, que parecia adorar aquela bagunça.

Pelo menos, Oscar e eu paramos de ser o tópico do momento. Senti algo vibrar, e em seguida Juan atendeu uma ligação. Ele então assentiu e logo seu olhar parou em mim. O que será que eu fiz no verão passado que não estava sabendo?

— Seu amigo Ricardo Reis está aqui — falou e eu o encarei completamente confusa. — Liberei a entrada dele, Júlia.

— Mas ele... — olhei para Oscar, e lembrei-me do meu celular desligado. A última conversa que tivemos foi no parque, e com certeza ele tinha se preocupado. — Obrigada, eu vou esperá-lo.

— Vou abrir mais um lugar na mesa para o café... — Guta se adiantou e eu a agradei com o olhar.

Notei como a postura de Oscar mudou, e antes de levantar, apertei levemente sua mão com a minha, como se dizendo: você sabe o que ele é, e sabe muito bem o que você é para mim.

— Com licença.

— Eu posso esperar o dindo aqui, mamãe? — Clara perguntou e eu assenti, dando um leve beijo em seus cabelos, antes de ir em direção à porta.

No momento em que a abri, vi o carro de Ricardo se aproximando. Ele já deu um aceno de dentro dele, e o esperei chegar, com o claro ponto de interrogação na testa.

Assim que ele estacionou, eu já estava do lado de sua porta.

— Se Maomé não vai a montanha... — falou, e abriu a porta, enquanto eu ficava ainda mais perdida. — Que marca é essa? — indagou, tocando bem na mancha avermelhada em minha clavícula, que não dava para notar tão facilmente, mas que ele parecia ter um olho de águia. — Eu vim à toa?

— Veio para quê? — perguntei, quando ele me abraçou e deu um leve beijo em meus cabelos.

— Vim tentar botar sua cabeça no lugar. — Bateu levemente na minha testa. — Mas acho que já colocou...

— Não dirigiu a noite toda apenas para ver se eu estava bem, não é?

— Quem manda deixar o telefone no desligado? — rebateu, e o encarei suspirando. — Mas acho que foi por um bom motivo.

— Dançar na chuva é recomeço sagrado — falei, e ele me encarou com tamanho carinho, como se compreendesse.

— Fico feliz, Juju. — Segurou meus braços e sorriu. — Mamãe também ficaria.

— Ela está né? — ele assentiu e notei seus olhos se perderem um pouco, assim como os meus.

— Mas que visita ilustre nessa manhã, mais uma Reis na fazenda Esteves.

— Carolina está aqui? — ele indagou, seus olhos já brilhando. Eu sabia que tinha sido um reencontro e tanto, ele saber que os Reis, na verdade, poderiam ser ótimos irmãos, diferente do que o fizeram acreditar no passado.

— Estamos todos aqui. — Flávio foi quem se adiantou, aproximando-se. — E estamos de olho em você...

— Ele é como meu irmão, cunhadinho.

Flávio então sorriu abertamente, e deu um forte abraço em Ricardo.

— É assim que eu gosto, sem soco na cara e sendo da família. — falou, e Ric apenas revirou os olhos. — Mais respeito, Reis!

— Oi, dindo! — o gritinho de Clara chegou até nós, e ela correu à frente do pai, para vir até o padrinho, que a pegou no colo.

— Como vai, solzinho?

— Eu estou super bem — ela respondeu mais animada ainda. —
Como você está, dindo?

— Cansado, porém tranquilo. — O olhar dele então passou de mim para Oscar, que finalmente se aproximou. — Pensei que teria que juntar cabeças.

— Eu pensei que teria que trancar alguma sala da casa... — Flávio complementou, e os dois sorriram provocativos um para o outro.

— A gente merece isso? — Oscar zombou, chegando mais próximo a mim, mas sabia que não o tanto quanto ele gostaria, e eu adoraria também. Ainda tínhamos um tempo, até tudo chegar a Clara, e tentarmos fazer algum sentido sobre estarmos juntos.

— Vocês merecem ter uma “chuvinha”, o que acham? — Flávio provocou, e vi Oscar tentar ir pra cima dele, o qual correu na direção oposta. E de repente, Clara estava gargalhando, Ricardo sorrindo, e todos os Esteves saíram da casa.

Uma bagunça como nós.

Uma bagunça que nós, com toda certeza, merecíamos.



“Agarre-se às memórias, elas se agarrarão a você

Agarre-se às memórias, elas se agarrarão a você

Agarre-se às memórias, elas se agarrarão a você

E me agarrarei a você”^[32]

OSCAR

Estava terminando de me trocar, para poder cavalgar com Clara, e ouvi batidas na porta. Assim que a abri, encontrei Juan do outro lado.

— Podemos conversar, irmão? — sua pergunta me fez ficar um pouco em alerta, porque eu conhecia nosso mais velho bem o suficiente

para saber que ele não era de usar um tom tão ameno assim, e claramente, preocupado. — É sobre quando deixou Júlia.

— Juan...

— Prefiro entrar, Oscar.

Abri completamente a porta e ele adentrou o ambiente.

— Lembra quando te disse para não procurar sobre a vida de Júlia sem antes saber da verdade sobre *esses dez anos* através dela? — indagou, e eu assenti, encostando-me contra a cômoda, e vendo-o sentar na beira da minha cama. — Eu fiz.

— Juan...

— Eu fiz sobre a relação Toledo para com ela, e sobre o que te motivou a deixá-la... — pisquei algumas vezes, torcendo para que ele não tivesse descoberto. — Você e Flávio sabiam, esse tempo todo? — a dor era clara em seu olhar, e pior, a vergonha.

Juan era o mais velho de três irmãos, que a mãe abandonou, e o pai por fim, o deixou à frente de tudo quando ele tinha dezesseis anos. Ele abriu mão de sua vida, até de si mesmo e do próprio corpo para poder colocar comida na mesa, e para que pudéssemos estudar, e ter uma vida melhor.

Ele nos fez quem éramos.

— Juan, nós não queríamos que soubesse que... Sabia que ia se culpar ou pior, sentir vergonha.

— Minha vergonha ou orgulho não é nada perto do que abriu mão por conta disso, Oscar. — Seu olhar parou no meu. — Abandonou tudo na capital, após descobrir que a cidade estava começando a falar sobre mim, e como eu estava fora, você e Flávio subornaram todas as mulheres que foi preciso, daquela época, para que não abrissem mais a boca. Deixou a mulher que amava por isso. Ficou aquele ano todo, que eu mal pude parar em casa, porque iria passar a parte de investimentos e acordos para você, aqui, resolvendo a minha vida, enquanto perdia a vida de Júlia e o nascimento da sua filha.

— Não tínhamos como saber, Juan. — Olhei-o profundamente. — Eu voltaria para casa, de um jeito ou de outro, e fui eu quem adiou a volta para a capital, porque eu temia como seria reencontrar Júlia.

— Deviam ter me dito, e não escondido para me proteger.

— É isso que irmãos fazem, Juan. — Olhei-o, e me aproximei. — Nos protegemos um ao outro. E foi a oportunidade que Flávio e eu tivemos para poder retribuir um pouco do que um dia fez pela gente. E não ouse me olhar com vergonha ou algo parecido, porque você é a porra do nosso exemplo!

— Oscar... — ele suspirou fundo. — Eu sinto muito, que de alguma forma, o meu passado tenha influenciado a sua vida de uma forma negativa. Eu tentei, de várias formas, que isso nunca chegasse até vocês.

— Nós sabemos que fez o seu melhor para que não soubéssemos, Juan. — Ele se levantou e me encarou. — Mas posso falar por nós três quando digo que temos todo o orgulho do mundo, do homem que nos criou. E como te disse antes, você é a razão de eu poder ser um pai para Clara hoje.

— Irmão...

Eu sabia que Juan não era de abraços e gestos afetivos, mas ao ver a clara dor em seu olhar, apenas o puxei para perto de mim. Ele era a razão de todos nós estarmos ali hoje, e de sermos o melhor que podíamos. Juan Esteves era o legado da Fazenda Esteves, e o melhor irmão que alguém poderia ter e o significado de família para todos nós.

JÚLIA

Fim de tarde.

Nós dois assistindo o pôr do sol juntos, bem no lugar onde gritamos aos quatro ventos que ainda fazíamos todo o sentido do mundo, mesmo que às vezes, não fizéssemos.

— Por que me sinto um pouco criminosa? — perguntei, no segundo em que Oscar me puxou para seu colo, estando os dois perto do lago da Fazenda, e a cada segundo, imaginando que qualquer um pudesse aparecer.

— Porque está me escondendo, olhos bonitos?

— Não é como se todo mundo, menos as crianças pequenas, incluindo nossa filha, não soubessem que tivemos algo.

— Que fodemos a noite toda? — provocou e senti meu rosto esquentar, enquanto queria abrir um buraco no chão e me enterrar ali mesmo. Era tão fácil ler todo tipo de hot nos livros, mas quando se tratava da vida real, e claro, de Oscar, eu não conseguia não me sentir corar a cada segundo. — Já disse que amo te fazer corar?

— Clichê, senhor cowboy CEO que também está de férias. — Rebatu, piscando um olho. — Aliás, até quando está de férias também?

— Até quando quiserem ficar aqui — falou despreocupado e o encarei perplexa. — Sou todo de vocês, olhos bonitos.

Desci meus lábios para os seus, em um leve beijo, e quando abri os olhos novamente, notei o quanto seu olhar parecia um pouco longe dali.

— Por que te sinto preso a alguma coisa?

— Tive uma conversa com Juan hoje — falou, e endireitei meu corpo, encarando-o. — Eu recebi uma ligação desesperada de Flávio um pouco antes de te ver naquela última noite. — Suspirei fundo. — Eu não tinha como explicar exatamente o que acontecia, porque nem eu sabia, até chegar aqui. Vim para casa e as coisas aumentaram ainda mais e... Não posso te contar exatamente sobre o que é, porque não é sobre mim ou sobre Flávio, mas a história de Juan. — Levei dois dedos à sua boca e o olhei com todo carinho.

— Eu respeito isso, Oscar. — Ele soltou o ar com força. — Não é como se eu fosse também me abrir sobre a vida de Ricardo, mesmo que eu esteja envolvida. Entendo perfeitamente.

— Obrigado — ele falou, trouxe minhas mãos até sua boca e deu alguns beijos. — Tivemos essa conversa hoje, onde ele me contou que descobriu o porquê vim embora naquele dia, e nunca contamos realmente

para ele o que fazíamos. Foi um pouco libertador, que ele soubesse que não tem nada a esconder de nós, e nem nós dele. Mas mesmo assim, me lembrou de que eu poderia e deveria ter sido mais claro com você a respeito.

— Como você podia confiar tudo sobre a sua família, o que mais ama no mundo, para a pessoa por quem acabou de se apaixonar? — perguntei, o que realmente se passava em minha mente. — Eu não acho que faria algo completamente diferente, mesmo que quebrasse o seu coração.

— Eu quebrei o seu, não foi? — indagou e eu assenti. — Eu nunca vou me perdoar por isso.

— Eu estou aqui, não estou? — segurei seu rosto com as mãos, e seus olhos verdes pararam nos meus. — Não tem do que se perdoar, Oscar.

— E tudo o que perdi, olhos bonitos?

— Eu documentei todos os dias que senti que seriam importantes, tanto para Clara quanto para mim... São cartas e mais cartas, Oscar. Todas com o seu nome como destinatário, e acho que agora têm como chegar a você. — Seu olhar mudou por completo e ele parecia sem saber

o que responder. — Achou mesmo que uma assídua leitora de romance iria escrever apenas uma carta?

— Você não fez realmente isso, ou fez? — ele indagou, como se apegando àquela minha confissão. — Jura, olhos bonitos?

— Bom, o meu chapéu... — pisquei um olho em sua direção. — Estava guardado ao lado de todas as cartas que escrevi, e acho que terá um longo tempo para ler cada uma delas...

— Acho que já tenho algo para fazer no resto dessas férias. — Olhei-o como se magoada, e ele me encarou como se tentando ler o que se passava ali.

— Só vai ler cartas, mesmo, Esteves? — provoquei, passando os braços ao redor de seu pescoço.

— E amar a mulher da minha vida...

Sua boca veio para a minha, em um beijo que dizia bem que ele o faria, pelo tempo que pudesse. E eu torcia que fosse para sempre.



“Lembro de quando você me conheceu (...)

Mesmo nos meus piores momentos, você pôde ver o melhor de mim

Relembro dos meus erros

Meus ricochetes, meus terremotos

Mesmo nas minhas piores mentiras, você viu a verdade em mim”^[38]

JÚLIA

— Você sabe que eu tenho que voltar amanhã, não sabe?

— E eu não posso te dar algum motivo para ficar? — Oscar rebateu, mostrando-se, sem camisa na minha cama. Escondido no meu

quarto, como se estivéssemos celebrando aquele segredo que mantínhamos.

Quatro semanas para se apaixonar.

Dez anos para se reencontrar.

Quatro outras semanas para estarmos juntos novamente.

Qual seria a próxima vez que o número dez estaria presente em nossa vida? Era a pergunta da parte supersticiosa que existia dentro de mim.

— Não sei se seu corpo é o bastante... — olhei-o por completo, ele estava posando como um modelo, e acabei pegando o travesseiro e jogando contra seu peito.

— Violência a uma hora dessas? — indagou, e bateu no pulso, como se indicasse o seu relógio que já não estava mais ali. — São duas da manhã, mulher. Mais respeito, por favor.

— Oh, me perdoe, senhor Esteves — sussurrei, jogando-me na poltrona incrível que tinha naquele quarto e o encarando. — Eu estou surpresa por não ter livros espalhados pela estante quando cheguei, por todo seu empenho em colocar nos detalhes tudo o que eu amo.

— Eu acho que fiquei na esperança de que em algum momento, você viria para cá com todos os seus, e poderia comprar mais e mais, até

encher cada cantinho...

— O que falar sobre um homem esperançoso, não é? —
provoquei, cruzando minhas pernas na poltrona, e o encarando dali. Que
pela primeira vez, mesmo um pouco longe, não era uma distância que eu
não poderia correr e agarrá-lo. Ele estava ali, para mim.

— E não encontrou nada demais nesse quarto?

— O que quer dizer? — indaguei curiosa, olhando ao redor. — O
que mais eu encontraria aqui?

— Não olhou no andar mais alto da estante, mesmo com a escada
que se move? — perguntou, e fiquei totalmente intrigada. — Sem
curiosidade, futura senhora Esteves?

Revirei os olhos, e corri para a escada, porém, ele fez o mesmo
caminho que eu, parando ao meu lado.

— Não vale quando se tem um metro e sessenta, com uma estante
de o quê? Três metros?

— Quatro. — Corrigiu e eu quase soltei um assovio. — Vai lá,
antes que eu corra e me esconda — falou e notei o avermelhado que
surgiu em suas bochechas.

Oscar Esteves estava corando para mim.

— O que você deixou aqui que está assim?

— Só vai, olhos bonitos.

Subi na escada, e ao fim dela, notei que o LED iluminava o que parecia um envelope de carta e sobre ele tínhamos uma rosa e um cravo, quase secos.

— Como eu não... — olhei-o lá de cima, o qual desviou o olhar. Peguei a carta e as duas flores, e desci com cuidado até o ponto em que suas mãos me seguraram pela cintura, e me colocaram no chão. — Como eu não procurei por isso?

— Como pôde imaginar que eu não escreveria uma carta de resposta, àquela sua primeira carta, olhos bonitos?

— Você respondeu? — indaguei, e ele assentiu, olhando-me profundamente. — Por quê?

— Quando cheguei ao apartamento, a carta estava lá, intacta em meio à poeira e o que mais tivesse ali, e quando a abri, soube que precisava de alguma forma, dar a resposta a Júlia de dez anos atrás, a Júlia que eu já amava.

— Oscar...

Fui até a cama, e me sentei na beira, sentindo o seu olhar ao meu redor. E quando encarei o destinatário: olhos bonitos, meu coração deu

um leve salto. Encarei-o, e os olhos verdes me pareciam completamente ansiosos. Como ele não estaria?

E então abri o envelope e encontrei sua caligrafia lá dentro, o que me fez suspirar fundo.

“Querida Júlia,

Aqui quem fala não é o Oscar de vinte e cinco anos.

Eu estou mais de dez anos atrasados para responder a essa carta, mas... Queria dizer, se não for tarde demais, mesmo que pareça, que eu estou aqui.

Se fosse no passado, eu poderia dizer o quanto tudo de você me despertou por completo quando te vi pela primeira vez. E talvez você não saiba, mas eu não entrei naquela livraria totalmente ao acaso. Eu te vi pela vidraça. Eu te vi e fiquei paralisado por alguns segundos, do lado de fora, sem saber como seus olhos poderiam ser tão intensos.

E então eu sabia que Talita precisava de um presente, e eu percebi que queria estar ali dentro.

E lá estava você, com os olhos mais bonitos que eu já vi, me fazendo perder por completo a minha cabeça.

E dez anos depois, lá estava você de novo, com os olhos mais bonitos quase apagados, ao olhar para mim. Mas eles brilhavam, quando estava próxima à nossa filha.

O meu sonho é que um dia, eles voltem a brilhar para mim também. Que eu tenha a sorte, de ter a honra de você me olhar como algo bonito, outra vez.

Posso ter faltado por dez anos. Mas não houve um dia, em todo esse tempo, que eu não senti a sua falta, e gostaria de ter ficado. Posso não faltar mais, e pode não ser mais o suficiente, mas se estiver lendo isso agora, saiba que eu entendo.

Entendo que “nós” não seja mais o tempo para esperar. E se eu puder dizer algo, ao medo, desespero e saudade que sentia, eles também estavam comigo, todos os dias. E estão comigo agora também, porque nada doeu mais do que ter você tão perto e mesmo assim, tão longe.

Me perdoe por te deixar.

Me perdoe por não estar lá, quando mais precisou de mim.

Me perdoe por não ter como me perdoar de fato.

Me perdoe por ser repetitivo.

Era para ser uma carta de amor, mas acabou que eu me perdi até mesmo aqui. Porque eu só me achei uma vez, e foi em você. Nos seus

olhos.

E eu gostaria de poder dançar com você, nem que fosse a última, na chuva.

Com amor e saudade,

Oscar Esteves (que sonha em ser o mocinho do seu livro)”

Senti as lágrimas descerem, e então busquei por ele. Ele estava à minha frente, ajoelhando-se, e toquei seu rosto, encostando nossas testas e sorrindo em meio a tudo que se acumulava dentro de mim.

— Eu vou dançar com você, de novo, de novo e de novo... — assumi, e deixei mais lágrimas descerem.

— E eu vou estar lá, para sempre te girar sob o céu. — Seus lábios beijaram a ponta do meu nariz. — Sempre.

Eu ouvi algo a fundo, mas minha mente parecia tão ali, que não raciocinei. No segundo seguinte, um gritinho me fez finalmente voltar à realidade.

— Eu vou ter um irmãozinho!

Senti todo meu corpo endurecer por completo e Oscar ficar inerte à minha frente.

— Clara? — levantei-me, tentando me manter em pé diante da revelação que acontecia, sem qualquer planejamento. — Mas...

Ela apenas se aproximou mais, correndo em nossa direção.

— Eu vou ter um irmãozinho, não é? — sua pergunta me deixou ainda mais sem saber o que dizer.

— Não agora, solzinho. — Oscar foi quem tomou a dianteira, e tocou seus cabelos. — Mas tudo bem, se eu e sua mãe estivermos...

— Como o titio Juan e a titia Guta, e o titio Franco e a titia Carol, e o titio Flávio e a titia... Dava?

— Dove, filha? — perguntei, e ela assentiu de imediato.

— Estão como casais, iguais a eles? — seus olhos brilharam, animados.

— É, sim... — falei, e parei à sua frente, agachando-me. — Não queríamos que descobrisse assim ou...

— Mamãe, eu ia adorar ser um cupido de vocês, se não ficassem juntos, como naquele filme que a gente já assistiu...

— Operação cupido? — indaguei, e ela assentiu animada.

— Só que eu nem precisei.

Sorriu abertamente, como se fosse a coisa mais simples do mundo. E pelos céus, Clara era o meu presente do universo, que me

entendia melhor do que eu mesma, apesar de ter apenas dez anos. Troquei um leve olhar com Oscar, que parecia tão perdido quanto eu, mas tinha um sorriso no rosto, como se fosse para ser assim.

E foi quando meu olhar se dispersou por um segundo, e encontrou o número 10 estampado no calendário, marcando a data do dia. E eu soube, que aquele era o dez que estava faltando em nossa conta. Um novo dez para recomeçarmos. Um novo dez para sermos nós mesmos, só que juntos. Nós três.

E EU ACORDO COM A SUA MEMÓRIA

SOBRE MIM

Este é um legado do cacete, legado (era bordô)

E eu acordo com a sua memória sobre mim

Este é um legado do cacete para deixar”^[39]

Os números dez e quatro não tinham algo tão similar quanto o fato de serem pares. Era o que se passava na cabeça de Júlia, em todos os momentos que parava para pensar sobre o que os interligava. O fato, era que existia um elo, mesmo que mínimo, na própria natureza do número. O que a fazia esperar que em algum momento, o número quatro viria novamente como um marco para eles. Era um bom jeito de se olhar para tudo.

Encarando a livraria à sua frente e respirando fundo, contando seus passos, que resultaram em quatro, do carro até a porta de entrada. Fazia alguns anos que ela não voltava naquele lugar. Não após a morte de Silvia, que era a razão maior para que Júlia estivesse ali a princípio. Além dos livros, aquela livraria contava sua história de várias formas.

Foi onde ela se encontrou nos livros. Foi onde ela encontrou uma mãe e ganhou seu sobrenome. Foi onde ela encontrou seu primeiro trabalho. Foi onde ela encontrou um irmão e sua primeira família e foi onde ela encontrou o amor da sua vida. Agora, era onde ela iria mostrar à filha, cada detalhe do lugar que Ricardo conseguiu recuperar na justiça.

Um dia na livraria, para duas apaixonadas por livros, o que poderia ser melhor?

— Vamos, mamãe! — Clara parecia um tanto impaciente, e Júlia apenas sorria, encantada por encarar as vidraças ali de fora, e ter a certeza de que o lugar não ficaria mais fechado.

— Estou indo, solzinho.

Júlia abriu a porta da frente, o barulho do sininho no teto, e uma lágrima já querendo descer. Clara correu para dentro, e ela apenas encarou o capacho por alguns instantes, sem notar o fato de que já estava tudo extremamente limpo e iluminado. Sua emoção era tamanha, que desconsiderou os fatores que Ricardo comentou com ela dias antes.

— Ricardo conseguiu, mamãe — Júlia falou, levando uma das mãos ao peito e apertando levemente ali. — Nós todos conseguimos.

Ela respirou uma, duas, talvez dez vezes, antes de dar passos à frente, e só então notar o silêncio que tomava conta de tudo, e que Clara

não estava mais ali.

— Solzinho?

Nesse instante ela escutou ao fundo, a música que Oscar cantou para ela naquele dia, em que dançaram, e foi a primeira vez que ela se recusou a terminar de dançar com ele. Sabia que ele não estava na cidade, então como poderia parecer que algo tinha sido armado?

Antes que ela pudesse chamar novamente por Clara, ela ouviu o barulho na porta da frente, e demorou alguns segundos para imaginar o que acontecia. E lá estava ele... Na pose de CEO intocável que a fazia chamá-lo de tal maneira até aqueles dias. Com os olhos verdes que ela traçava cada constelação, e poderia até mesmo dar nomes para cada uma delas.

Foi como um déjà vu.

Foi como se ela estivesse repetindo a primeira vez que o viu.

— Oscar...

— Já disseram uma vez, bem aqui, que meus olhos são bonitos — ele comentou, aproximando-se, e a cada passo que dava para a frente, ela finalmente viu que Clara vinha junto a ele. Como eles se planejaram para aquilo? Era a pergunta na mente de Júlia. — Mas tenho que dizer que os seus permanecem ainda mais.

— Eu também acho, mamãe.

Foi então que Júlia notou o que vinha nas mãos da filha – um buquê de rosas e cravos vermelhos, que ela lhe entregou, e deu um forte beijo no rosto da mãe, assim que ela se abaixou para pegá-los.

— Não existe um lugar ou companhia melhor do que essa, para dizer, aos olhos que me fizeram estar aqui e que são meu lar, que desejo que ela queira ser meu lar também.

Oscar Esteves ficou de joelhos.

Nos joelhos que ele sempre esteve por ela, desde o momento que a viu pela primeira vez. Alguém poderia explicar como ele foi atingido tão fortemente após o primeiro olhar, e depois de mais de dez anos, ainda tentava se manter em pé ao encará-la?

Agora ele segurava uma mini-caixinha de livros de veludo, que trazia dentro a aliança, com a qual estava prestes a pedir à mulher que amava em casamento.

Eles estavam há alguns meses, se reconhecendo, se reapaixonando... Oscar Esteves chorou, ao ver as lágrimas descenderem pelos olhos mais bonitos que ele já viu, e antes mesmo de ele dizer qualquer coisa, ela estava em seus braços.

Ele sabia, lá no fundo, por mais que ela se negasse a deixá-lo pensar assim, e ele não podia evitar – que ele não a merecia. Nem ela, e nem a menininha, a parte real e intocável dos dois, que assistia a cena, e logo se infiltrou entre seus braços, fazendo-o entender que elas queriam ser o seu lar também.

Ele sabia que não poderia compensar os anos perdidos, mas faria, todos os dias, o que pudesse para tentar. Para ser digno do amor daquelas que o amavam abertamente, e que eram o seu mundo todo, em um abraço.

O que nem ele e nem Júlia sabiam, era que no momento que eles se abraçaram, o relógio marcou exatas quatro horas da tarde. Mais um número par, para acompanhar o próximo dez, que viria em suas vidas.

E eles também não tinham ideia, de que o próximo dez, seria em formato de meses, e que eles descobririam, que talvez a *chuva* fosse um ótimo apelido para dar a uma nova parte deles.

Fim



E chegamos ao fim de mais um livro com famílias grandes e entrelaçadas, um cowboy que poderia até ser visto como um CEO (a gente entende a Júlia, né?) e cidade do interior. Começando 2023 do jeitinho que eu tanto gosto, que é escrevendo os clichês, dessa grande família ramificada que os Torres-Reis-Fontes-Kang-Esteves se tornaram.

Sei que de alguma forma, Oscar e Júlia, vem já soltando tudo e depois, nos mostrando aos poucos onde podemos chegar de cada um deles. Confesso que foi difícil apenas deixar que eles falassem e escrever essa história, porque realmente existia uma verdade distorcida em cada um deles, que aos poucos, apenas junto a eles, consegui realmente ver sobre o que era. Mas eles estão aqui, e trouxeram tudo o que quiseram.

Espero, que de alguma forma, eles tenham tocado seu coração.

Que assim como eles fizeram comigo, eles tenham te escolhido para passar cada sentimento diferente, e mostrar que relações são construídas por pessoas reais, e que mesmo assim, pode ser tão romântico quanto sonhamos.

Espero também que possa dividir mais deles e de algumas pontas propositalmente soltas, ao redor dos que vem aí no livro do melhor amigo da nossa Júlia e claro, o nosso último Esteves. *Quando vem o livro do Flávio, em? Será que é a Dove?*

Tanto Ricardo quanto Oscar ainda têm suas histórias para serem contadas, e caso as queiram, não se esqueçam de me pedir na sua avaliação. *Júlia, Oscar, solzinho e eu estamos ansiosos esperando por elas.*

Caso desejem saber mais sobre os projetos futuros e a respeito de cada um deles, me sigam nas redes sociais listadas abaixo, principalmente no instagram (@alineapadua). Estou doida para poder compartilhar tudinho com vocês.

Obrigada pela leitura,

Aline



Instagram: @alineapadua

Tiktok: @autoralineapadua

Twitter: @alineapadua

Meus outros livros: [aqui](#)

OUTROS LIVROS

UMA GRAVIDEZ INESPERADA

Família Torres – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Maria Beatriz, sempre teve Inácio. O herdeiro da fazenda que fica ao lado das antigas terras de sua família, tornou-se um homem bruto e fechado, que quando aparece na sua frente, ela já sabe que só pode ser problema ou alguma proposta indecorosa. Maldito peão velho!

Inácio Torres é um homem de poucas palavras, mas que vê em uma mulher tagarela, a oportunidade perfeita. Mabi precisa de dinheiro, ele o tem. Ele precisa de um casamento falso, e

ela é a escolha perfeita. Porém, a única coisa que recebe de Mabi, como sempre, é uma negativa.
Maldita criança sonhadora!

No meio das voltas que a vida dá, uma noite de prazer os marca. E a consequência será muito maior que o arrependimento: UMA GRAVIDEZ INESPERADA.

CEO INESPERADO – meu ex melhor amigo

Família Torres – Livro 2



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se nem tudo que reluz é ouro, Júlio é apenas a melhor imitação de pedra preciosa em que Babi colocou os olhos.

O seu ex-melhor amigo, a abandonou e quebrou seu coração quando eram adolescentes. Bárbara Ferraz jurou a si mesma que nunca mais o deixaria ficar perto. *Maldito CEO engomadinho!*

Júlio Torres sabe que deixou uma parte de si para trás. Sua ex-melhor amiga o odeia e ele, muitas vezes, teve o mesmo sentimento por si. *Maldita sombra!*

Júlio sabe que não pode mais ignorar, porque ele não quer apenas a sua melhor amiga de volta, ele a quer como sua.

Babi foge dele como o diabo foge da cruz. **Entretanto, como fugir se depois do reencontro e finalmente os pratos limpos, ela se descobre grávida do seu ex-melhor amigo?**

O BEBÊ INESPERADO DO COWBOY

Família Torres – Livro 3



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se existe amor à primeira vista, Abigail Alencar e Bruno Torres compartilham o completo oposto. Abi o detestou desde o primeiro momento, e com o passar dos anos, o sentimento permaneceu. Bruno é o típico cowboy cafajeste, arrogante e popular, de quem ela não suporta a presença um segundo.

A cidade pequena sabe de seu desgosto e desinteresse no mais novo dos Torres, porém, ele sempre pareceu ficar ainda mais animado em confrontá-la. Se existe algo sobre Bruno que ela conhece bem, é que ele não foge de um desafio.

Assim, quando Abi o encontra como babá da sua filha de apenas um ano, ela só consegue pensar que ele quer algo. Bruno jura que está ali apenas para tirá-la do sério, como sempre, mas tudo acaba por mudar, naquele exato instante.

Existe uma linha tênue entre o amor e o ódio... eles estarão dispostos a cruzá-la?

FELIZ NATAL, TORRES

Família Torres – Livro Extra



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

O Natal parou de ser uma data festiva, e tornou-se dolorosa, assim que Maria Beatriz perdeu os pais. No entanto, nesse ano, tudo mudou e ela vai lutar para que essa data seja ressignificada. Que ela possa sorrir, o tanto quanto, um dia fez, no passado. Assim, ela precisa que tudo saia PERFEITO.

Uma árvore de Natal destruída, enfeites perdidos pela casa, a ceia que não vai chegar a tempo, um desmaio...

Será que ela terá o seu Feliz Natal ao lado dos Torres?

Esse é um conto natalino, narrado na visão de Mabi e Inácio (do livro Uma Gravidez Inesperada), onde você poderá passar essa data tão especial ao lado da Família Torres.

UMA FAMÍLIA INESPERADA PARA O VIÚVO

Família Torres – Livro 4



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Olívia Torres sempre teve em mente que para bom entendedor meia palavra bastava. Assim, quando se apaixonou perdidamente e descobriu que o homem com o qual se envolveu era casado, o seu mundo perdeu o chão. Ela apenas foi embora, sem olhar para trás.

Contudo, com Murilo, ela nunca pôde parar de olhar. Ainda mais, quando descobriu que estava grávida.

Murilo Reis perdeu tudo. Nunca pensou, que em algum momento, poderia voltar a sentir algo. Entretanto, bastou um olhar para Olívia, para ele compreender que ainda existia uma chance. Chance essa, que se perdeu por completo, quando ela o deixou.

Anos depois e uma coincidência do destino, Murilo descobre que não apenas as lembranças daquele amor de verão permaneceram, mas sim, que ele tem uma filha.

Um amor de verão pode ser o amor para a sua vida?

GRÁVIDA DO CEO QUE NÃO ME AMA

Família Reis – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

O triste é que aquele velho ditado se tornou real em sua vida: Valéria que amava Tadeu, que amava Bianca, que amava Murilo, que não amava ninguém. Desde que seus olhos pousaram em Tadeu Reis, Valéria se apaixonou. Não sabia dizer se era pelo olhar escuro enigmático, o sorriso que ela queria tirar daqueles lábios cerrados ou o fato de ele ser tão atencioso com quem amava.

Porém, Tadeu apenas tinha olhos para outra mulher, e Valéria escondeu aquele sentimento no fundo de sua alma, tentando matá-lo durante os anos que se passaram. Uma coincidência do destino, os coloca frente a frente. Ela sabe que ele é errado, mais do que isso, uma grande mentira, porém, seu corpo não resiste.

E uma noite com o homem errado não é o fim do mundo, certo?

Para ela, tornou-se um outro começo, já que terá uma parte dele consigo, para sempre.
Valéria está grávida do homem que não a ama. E não pretende deixá-lo descobrir.

O CASAMENTO DO CEO POR UM BEBÊ

Família Reis – Livro 2



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Águas passadas não movem moinhos – era o que Lisa repetia a si mesma. Contudo, estar sempre tão próxima do único homem que realmente se apaixonou, fazia com que ela quisesse voltar, e na verdade, se afogar com ele. Igor Reis era um erro, e ela sempre soube.

Ainda assim, não podia evitá-lo para sempre, já que seus círculos de amizades eram tão próximos. Então, era apenas isso: Igor era um amigo. Um ótimo fofoqueiro e uma pessoa para perder horas conversando – mesmo que quisesse perder muito mais.

Todavia, quando ele bate na sua porta no meio da madrugada com um bebê a tiracolo, ela não sabe o que de fato está acontecendo. Porém, nada é tão ruim que não possa piorar, e ele a pede em casamento.

Nas voltas que a vida dá, Lisa se vê com o sobrenome Reis, um bebê para chamar de seu e um contrato de casamento por um ano com o homem que ama.

Até onde o casamento do CEO por um bebê será uma mentira?

A FILHA DO VIÚVO QUE ME ODEIA

Família Reis – Livro 3



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Os opostos se atraem.

Carolina Reis queria jurar que isso estava errado, mas não pôde evitar a forma como seu corpo reagiu ao cowboy bruto e grosso que, literalmente, atravessou o seu caminho. Franco era uma incógnita, com um chapéu de cowboy escuro e uma expressão tão dura, que lhe fazia indagar se ele em algum momento sorria. *Bruto insensível!*

Franco Esteves não tinha tempo para perder, muito menos, com uma patricinha mimada que encontrou sozinha no meio da estrada.

Porém, não conseguia evitar ajudar alguém, mesmo que este parecesse ser no mínimo uma década mais novo, com olhos claros penetrantes e um sorriso zombeteiro. *Diacho de madame!*

O que era para ser apenas um esbarrão no meio do nada, torna-se uma verdadeira tortura, quando Carolina assume, por coincidência a função de tutora da filha do cowboy. Ele só quer evitá-la. Ela só quer irritá-lo. No meio do ódio e atração que lhes permeiam, uma adolescente se torna um vínculo que eles não podem evitar.

Mas até onde ela será a única a uni-los?

GRÁVIDA EM UM CASAMENTO POR CONTRATO

Família Reis – Livro 4



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Nero, sempre teve Verônica. A matriarca dos Reis era uma mulher que intimidava a qualquer um, e ele nunca conseguiu entender uma reação dela. Quando ela estava à sua frente, ele sabe que tudo o que deve fazer é correr para a direção oposta.

Verônica Reis é uma mulher que nunca demonstra o que sente. Sendo assim, praticamente impossível desvendar o que se passa em sua cabeça, e muito menos, em seu coração. Contudo, sempre lhe intrigou o

fato de que Alfredo Lopes – ou apenas Nero para os demais – parecia querer enfrentá-la em uma simples troca de olhares, e nunca a temer.

No meio das voltas que a vida dá, um contrato de casamento é o que os une. O que ela e muito menos eles esperavam, era que no único momento que deixassem a guarda baixar, teriam algo maior do que o arrependimento para lidar: **UMA GRAVIDEZ EM UM CASAMENTO POR CONTRATO.**

UM CASAMENTO DE MENTIRA PARA O CEO

Família Fontes – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Nas voltas que a vida dá, Talita e Gael se encontram dizendo “sim” no altar.

A rejeição à frente de várias pessoas foi o que Talita Kang vivenciou aos dezessete anos, quando Gael Fontes a recusou e humilhou abertamente sobre o possível noivado dos dois.

Porém, como o carma nunca falha, tudo o que o herdeiro dos Fontes necessita quinze anos depois, quando retorna para recuperar a empresa da família, é justamente um casamento por contrato.

O que ele não esperava era que justamente a mulher que quebrou seu coração seria a candidata perfeita, e mais, que ela o escolheria novamente.

Ele a humilhou por um casamento por contrato.

Ele precisa dela agora, pelo mesmo motivo.

Talita se apegou a esse contrato pela sua família, e por uma promessa que apenas ela pode cumprir. Mas nada lhe impede de se divertir com a infelicidade do homem que estará preso nessa mentira com ela. Entre o carma, uma rede de mentiras e corações partidos, até que ponto um casamento por contrato significará apenas isso?

GRÁVIDA DO COWBOY QUE NÃO ME AMA

Família Esteves – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Ter um ditado como aquele sendo uma realidade, depois de tanto tempo, apenas fazia Guta duvidar se realmente queria tal casamento. Augusta que amava Juan, que amava Pâmela, que amava Franco, que amava Carolina, que felizmente, o amava de volta.

Deixada sozinha em casa, após finalmente ter o homem que amava da forma que sempre desejou, Guta parou de se questionar do que era necessário para que aquele casamento fosse real, e aceitou que o amor de Juan Esteves nunca seria seu.

Ela então o deixa para trás, e com ele, todo o sonho do primeiro amor que agora ela jurou que esqueceria. Contudo, o que ela não esperava, depois de tanto tempo, era que criaria algum laço real com ele.

Guta apenas quer os papéis do divórcio e distância, mas se descobre grávida do cowboy que não a ama.

[1] Would've, Could've, Should've – Taylor Swift

[2] Maroon – Taylor Swift

[3] Would've, Could've, Should've – Taylor Swift

[4] Maroon – Taylor Swift

[5] The Great War – Taylor Swift

[6] Maroon – Taylor Swift

[7] The Great War – Taylor Swift

[8] Would've, Could've, Should've – Taylor Swift

[9] All To Well (10 min version) – Taylor Swift

[10] All To Well (10 min version) – Taylor Swift

[11] All To Well (10 min version) – Taylor Swift

[12] All To Well (10 min version) – Taylor Swift

[13] Atlantis – Seafret

[14] Labyrinth – Taylor Swift

[15] Labyrinth – Taylor Swift

[16] Dear Reader – Taylor Swift

[17] Atlantis – Seafret

[18] Maroon – Taylor Swift

[19] All To Well (10 min version) – Taylor Swift

[20] Mastermind – Taylor Swift

[21] Question...? – Taylor Swift

[22] Hits Different – Taylor Swift

[23] Question...? – Taylor Swift

[24] august – Taylor Swift

- [\[25\]](#) Mastermind – Taylor Swift
- [\[26\]](#) All To Well (10 min version) – Taylor Swift
- [\[27\]](#) Labyrinth – Taylor Swift
- [\[28\]](#) Hits Different – Taylor Swift
- [\[29\]](#) Afterglow – Taylor Swift
- [\[30\]](#) You All Over Me – Taylor Swift
- [\[31\]](#) Tudo que você quiser – Luan Santana
- [\[32\]](#) Maroon – Taylor Swift
- [\[33\]](#) I Wish You Would– Taylor Swift
- [\[34\]](#) Dress – Taylor Swift
- [\[35\]](#) Afterglow – Taylor Swift
- [\[36\]](#) Mastermind – Taylor Swift
- [\[37\]](#) New Year’s Day – Taylor Swift
- [\[38\]](#) Dress – Taylor Swift
- [\[39\]](#) Maroon – Taylor Swift